REVISTA BRASILEIRA DE
BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO
VOLUME 14 NÚMEROS 3/4
JULHO/DEZEMBRO
1981

AQUISIÇÃO E DESCARTE
MERCADO DE TRABALHO
BIBLIOTECA BRAILLE

XI CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA
E DOCUMENTAÇÃO—JOÃO PESSOA—PB

Digitalizado gentilmente por:

Federação Brasileira de
Associações de Bibliotecários

FEBAB

Diretoria 1981-1983:

Antonio Gabriel
Presidente

Ronice Maria Albamonte Arruda
Vice-Presidente

Francisca Pimenta Everard
Secretária-Geral

Maria do Socorro Fontanelle
Primeira Secretária

Isabel Christina Sant'Anna Louzada
Segunda Secretária

Pedro Luiz Martinelli
Primeiro Tesoureiro

Satico Morita
Segunda Tesoureira

Anibal Rodrigues Coelho
Observador Legislativo

Arari da Gama e Silva
Bibliotecário

Associações filiadas:

Associação Paulista de Bibliotecários
Associação Profissional de Bibliotecários do Estado de Pernambuco
Associação Profissional de Bibliotecários do Estado do Rio de Janeiro
Associação Rio-Grandense de Bibliotecários
Associação Profissional de Bibliotecários do Estado da Bahia
Associação dos Bibliotecários Municipais de São Paulo
Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais
Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal
Associação Campineira de Bibliotecários
Associação dos Bibliotecários do Ceará
Associação dos Bibliotecários São-Carlenses
Associação Paraense de Bibliotecários
Associação Bibliotecária do Paraná
Associação Amazonense de Bibliotecários
Associação Profissional de Bibliotecários do Estado do Maranhão
Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba
Associação dos Bibliotecários Catarinenses
Associação dos Bibliotecários do Rio Grande do Norte
Associação Profissional de Bibliotecários do Mato Grosso do Sul
Associação Profissional de Bibliotecários do Espírito Santo
Associação de Bibliotecários do Estado do Piauí

Revista Brasileira de BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

Órgão oficial da
Federação Brasileira de
Associações de Bibliotecários

Editora:

Vania Lando de Carvalho

Redatora:

Carminda Nogueira de Castro Ferreira

Secretárias:

Francisca Pimenta Everard

Ronice Maria Albamonte Arruda

Jornalista responsável:

Paulo Arruda Correa da Silva

Em convênio com o
Instituto Nacional do Livro/MEC
Publicação: 4 nº s em 2
Número avulso: Cr$ 300,00
Assinatura até 1982 (2 fascículos): Cr$ 600,00
Pagamentos em cheque visado pagável em São Paulo ou ordem de pagamento em nome da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, ou ao Banco do Brasil S/A. agência 9 de julho, conta nº 70.599.3.

Digitalizado gentilmente por:

REVISTA BRASILEIRA DE
BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

SUMÁRIO

133 **Editorial**

Artigos

135 Ivani P. da Silva, Maria Cecília M.V., Maria Olivia de A. Carvalhal
Subsídios para Organização de biblioteca braille

139 Ivani P. da Silva, Maria Cecília M.V., Maria Cristina Felipe, Maria Olivia de A. Carvalhal, Ricardo Sigolo
Guia nacional de bibliotecas para deficientes visuais

153 Emir José Suaiden
Mercado de trabalho

160 Margarida C.S. Buchmann
Avaliação da coleção de periódicos correntes da biblioteca do centro de processamento de dados/Pós-Graduação em Ciência da Computação (CPD/PGCC) da UFRS: metodologia e resultados

174 Edvaldo de Assis
A biblioteca universitária e as teorias dos sistemas

179 Solange P. Mostafa
Política de aquisição e descarte: Metodologia de apoio para as bibliotecas

188 Laurence Hallewell
A participação das empresas multinacionais na indústria livreira do Brasil

R. bras. Bibliotecon. e Doc., São Paulo
Volume 14, números 3/4, páginas 129-266
Julho/dezembro 1981
ISSN 0100-0691

Digitalizado gentilmente por:

204 | Terezine A. Ferraz
O bibliotecário, a informática e o inter-relacionamento dos profissionais que operam as bibliotecas de hoje

215 | Norma M. Porciúncula
A Atuação de bibliotecários em centros de processamento de dados

222 | Elizabet Maria R. de Carvalho
Sedimentação e transferência do "Know-how" interno: uma experiência da Petrobrás

238 | **Noticiário**

251 | **Documento**

256 | **Entrevista**

262 | **Guia aos colaboradores**

Toda a correspondência para a RBBD deve ser dirigida à Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários

rua Avanhandava, 40, cj. 110
01306 – São Paulo, SP
Fone: (011) 257-9979

Digitalizado gentilmente por:

REVISTA BRASILEIRA DE
BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

CONTENTS

133 **Editorial**

Articles

135 Ivani P. da Silva, Maria Cecília M.V., Maria Olivia de A. Carvalhal
Braille Library

139 Ivani P. da Silva, Maria Cecília M.V., Maria Cristina Felipe, Maria Olivia de A. Carvalhal, Ricardo Sigolo
Braille Library National Guide

153 Emir José Suaiden
Work market

160 Margarida C.S. Buchmann
Reference Service Evaluation

174 Edvaldo de Assis
University library and the system theories

179 Solange P. Mostafa
Acquirement and discard policy: support methodology for librarians

188 Laurence Hallewell
Participation of multinational companies in Brazilian book publishing

R. bras. Bibliotecon. e Doc., São Paulo
Volume 14, numbers 3/4, pages 129-266
July/december 1981
ISSN 0100-0691

Digitalizado gentilmente por:

204 Terezine A. Ferraz
The librarian, the informatics, and the inter-telationship of the professionals who operate today's libraries

215 Norma M. Porciúncula
Librarian performance in Data Processing Centers

222 Elizabet Maria R. de Carvalho
Internal sedimentation and transference of know-how: a Petrobrás experience

238 **News**

251 **Documents**

256 **Interview**

262 **Guide to the collaborators**

Quarterly publication
Single number - US$ 30.00
abroad (1981) - US$ 15.00
Orders should be placed to "Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários". Address - rua Avanhandava, 40, cj. 110 - CEP 01306 São Paulo, SP, Brazil.

Digitalizado gentilmente por:

Editorial

É nossa intenção que a *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação* seja, de fato, um instrumento básico para as tarefas profissionais e de ensino, a nível nacional e internacional, divulgando a produção intelectual de bibliotecários e documentalistas brasileiros.

Sendo, a *RBBD*, o veículo oficial de informações de todas associações bibliotecárias brasileiras, espalhadas por esse imenso Brasil, voltamos a solicitar a colaboração e apoio que as nossas associações se comprometeram a dar perante a editora da *RBBD*, enviando trabalhos em forma de artigos e matérias para publicações em nossa revista.

Enquanto isso, estão sendo aceitos todos os bons trabalhos apresentados nas mais diversas ocasiões.

Neste fascículo, apresentamos trabalhos de Norma Machado Porciúncula, Elizabet Maria Ramos de Carvalho e Terezine Arantes Ferraz, apresentados no Seminário de "Informática e a Biblioteconomia", realizado durante o *XIV CONGRESSO NACIONAL DE INFORMÁTICA*, de 16 a 23 de outubro de 1981, em São Paulo.

Incluímos, também, outros trabalhos diversificados sobre mercado de trabalho, aquisição e descarte, biblioteca Braille, biblioteca universitária, avaliação da coleção de periódicos da biblioteca de um centro de processamento de dados da UFRS e, além do noticiário, uma entrevista com o prof. Dr. Gaston Litton, dedicado coordenador do curso de pós-graduação do ensino de Biblioteconomia da PUCC.

Nos próximos fascículos esperamos contar com a tão esperada colaboração de nossas dinâmicas associações e comissões permanentes de Bibliotecários da FEBAB, para que a revista se torne a expressão nacional da classe inteira.

VANIA LANDO DE CARVALHO
Editora

Digitalizado gentilmente por:

Digitalizado gentilmente por:

Subsídios para Organização de Biblioteca Braille

*Ivani Pires da Silva**
*Maria Cecília Monteiro Viana**
Maria Olivia de Almeida Carvalhal

**Membros do Sub-Grupo Bibliotecas Braille do Grupo de Trabalho de Bibliotecas Públicas e Escolares da Associação Paulista de Bibliotecários*

CDU 027.5

Sugestões para a organização de Biblioteca Braille, ou ainda, aprimorar e ampliar os serviços de biblioteca em funcionamento.

1. INTRODUÇÃO

Devido a grande dificuldade que o deficiente visual encontra para adquirir livros escolares, informativos ou de mera recreação, transcritos para o sistema de escrita braille, a Biblioteca Braille assume importância fundamental em sua vida escolar e, mesmo, social, oferecendo, através dos diversos serviços, condições para o desenvolvimento e aprimoramento cultural.

2. PRODUÇÃO DO MATERIAL BIBLIOGRÁFICO

A produção, podemos assim dizer, é o serviço-base de uma biblioteca Braille, já

* Os dois primeiros autores são profissionais com 14 anos de experiência em Biblioteca Braille.

Digitalizado gentilmente por:

que é de sua competência a produção dos livros braille e gravados, pois não são encontrados à venda quaisquer publicações no gênero.

Este trabalho, além de atender às solicitações do deficiente visual, quanto à transcrição e gravação de livros escolares, apostilas, provas, etc., também é responsável pela produção de livros informativos e de ficção para literatura de lazer.

É este serviço que dará origem ao acervo da biblioteca.

Para o serviço de transcrição e gravação, a Biblioteca Braille deverá formar um corpo de voluntários caso não conte com pessoal habilitado em número suficiente para atender à demanda.

Especialmente para a transcrição de material de matemática, física e química, é de grande interesse manter, pelo menos, um funcionário para atender aos estudantes. Dessa forma não se dependerá apenas do serviço voluntário, pois não se pode exigir do voluntário trabalhos com data marcada, além do que é mais difícil encontrar quem queira aprender código do sistema braille para transcrição de livros dessas matérias.

Estes voluntários, regimentados através dos diversos veículos de comunicação, serão entrevistados e submetidos a testes, inclusive de dicção, para selecionar aqueles que reúnem condições para gravar, ou somente para transcrever.

O treinamento para transcrição será ministrado por funcionários da própria biblioteca, ou ainda, por voluntários já habilitados.

Em geral, o aprendizado é rápido e o voluntário, nos seus primeiros dias de treinamento, estará apto para transcrição de textos simples.

Dependendo da quantidade de máquinas de datilografia braille disponíveis, o voluntário poderá realizar a transcrição em sua própria casa.

Para isso, a Biblioteca deverá fornecer todo material necessário, ou seja, máquina de datilografia braille, código de sistema de escrita braille, caderno de instruções e papel próprio para transcrição. Fornecerá ainda fitas e gravador para os trabalhos de gravação aos voluntários que não disponham de aparelhos.

A título de esclarecimento, informamos que já existem máquinas de datilografia braille elétricas, que reduzem o tempo de serviço, ampliando significativamente a produção.

As gravações são úteis ao deficiente que prefere o livro gravado ao livro transcrito, ou mesmo àquele que não conhece o sistema braille.

Além disso, a gravação atende mais rapidamente do que a transcrição às solicitações de capítulos de livros, apostilas e mesmo livros na íntegra, com textos meramente informativos.

A gravação dos livros e apostilas poderá ser realizada na residência do voluntário, ou ainda, na própria Unidade, em sala especial, já que uma boa gravação requer ambiente silencioso e com acústica apropriada.

As fitas minicassetes para gravação serão fornecidas pela Biblioteca que as incorporará ao seu acervo.

Quando o usuário tem interesse em manter a gravação deverá fornecer a fita para reprodução. Os livros braille também poderão ser reproduzidos através da máquina copiadora Thermoform.

É aconselhável que toda a produção seja registrada usando-se o sistema de fichário com duas finalidades: estatística e informação quanto ao andamento de pedidos de transcrição e gravação.

Digitalizado gentilmente por:

3. PROCESSAMENTO TÉCNICO DO LIVRO BRAILLE E DA FITA GRAVADA

O livro, antes de ser transcrito ou gravado, deverá ser catalogado e classificado. Isto permitirá ao bibliotecário realizar um trabalho eficiente, pois o voluntário ao fazer a transcrição ou gravação poderá omitir determinadas informações essenciais à identificação e posterior recuperação da obra.

Para etiquetagem em tinta poderá ser usada etiqueta gomada protegida por papel contact incolor e, para etiquetagem em braille, fita rotex apropriada.

Dependendo das exigências particulares de cada biblioteca, bem como do espaço disponível, o arranjo dos livros nas estantes poderá obedecer à localização relativa ou fixa.

A vantagem da localização relativa é reunir livros do mesmo assunto ou autor. Esta prática, porém, exige espaço suficiente para a contínua inserção de novas obras. Deve-se considerar que, em se tratanto de "braille", um material bibliográfico apenas pode representar cinco, dez, quinze ou mais volumes, e que por isso, para inserir uma obra completa, é muitas vezes necessário remanejar toda uma estante.

Quando houver necessidade de abrir novos espaços, pode-se criar um depósito destinado à guarda dos livros já ultrapassados.

A localização fixa torna-se, em certos casos, mais vantajosa, por não exigir do atendente uma habilitação específica, uma vez que a colocação dos livros nas estantes e sua rápida recuperação representam operações mais simples.

Nos casos de livros didáticos, que se desatualizam com novas edições, a localização fixa é muito útil, quando se adota o sistema de ordem de entrada na biblioteca. Isto permite reunir os livros mais recentes.

A localização fixa poderá, outrossim, requerer o uso de recursos especiais para adequá-la às necessidade particulares da biblioteca. Por exemplo, os livros de recreação poderão ocupar estante própria, recorrendo-se a um sistema convencional de símbolos para identificação dos volumes.

A recuperação dos livros e gravações é feita através de fichas datilografadas em braille, utilizando-se o sistema de catálogos que for julgado mais conveniente. As fichas poderão, também, ser transcritas para o vidente, a fim de facilitar o manuseio aos funcionários que eventualmente desconheçam o braille.

4. ATENDIMENTO AO USUÁRIO

De um modo geral, as bibliotecas braille têm um movimento menor que as demais, motivo pelo qual o bibliotecário poderá dispensar maior atenção aos usuários.

Diversos recursos poderão ser colocados à disposição dos deficientes visuais, como, por exemplo, manter um serviço de informação telefônica, a respeito das obras em disponibilidade. Outro recurso é a elaboração de listas bibliográficas em braille, que serão distribuídas aos usuários. Estas listas poderão ser elaboradas mensal, semestral ou anualmente, dependendo do volume de produção da biblioteca.

Para estudar na própria biblioteca poderão ser oferecidos ao educando deficiente visual vários recursos:

a – para os usuários que não possuem gravador, a biblioteca manterá fones de ouvido, a fim de proporcionar audição em salas comuns, dispensando a exigência de cabines especiais,

b – à disposição dos interessados a biblioteca poderá manter máquinas datilográficas diversas (braille e com tipos comuns),

c – a biblioteca poderá manter atenden-

Digitalizado gentilmente por:

tes (voluntários ou funcionários) para a leitura de livros, artigos em revistas ou jornais, pesquisa em enciclopédias, dicionários, etc. quando não houver tempo suficiente para gravar ou transcrever os assuntos de interesse do usuário. Neste caso, é importante que a biblioteca possua uma pequena coleção de obras de referência em tinta, a não ser que esteja localizada anexa a uma biblioteca comum, podendo dispor de sua coleção bibliográfica.

Aos interessados residentes em outras localidades, a biblioteca poderá enviar as obras solicitadas através do Correio, sem despesas, graças ao Cecograma.

Para finalizar, queremos esclarecer que, de um modo geral, a organização de uma biblioteca braille requer as mesmas técnicas utilizadas na organização de toda e qualquer biblioteca, motivo pelo qual neste artigo não pormenorizamos os procedimentos comuns ao desenvolvimento dos serviços pertinentes aos estabelecimentos do gênero.

Digitalizado gentilmente por:

Guia Nacional de Bibliotecas para Deficientes Visuais

CDU 027.5 (81) (083)

*Ivani Pires da Silva**
*Maria Cecília Monteiro Viana**
*Maria Cristina Felipe**
*Maria Olivia de Almeida Carvalhal**
*Ricardo Sigolo**

1. APRESENTAÇÃO

A Associação Paulista de Bibliotecários – APB – tem o prazer de apresentar o "Guia Nacional de Bibliotecas Braille".

O "Guia Nacional de Bibliotecas Braille" é o resultado do trabalho do levantamento e pesquisa levados a efeito pelo Subgrupo de Bibliotecas Braille, integrante do Grupo de Bibliotecários em Informação e Documentação de Bibliotecas Públicas e Escolares. Iniciado ainda durante a minha gestão como Coordenadora, somente foi possível sua conclusão graças à dedicação profícua e contínua dos membros integrantes do subgrupo que, por mais de três

**Membros do Sub-Grupo Bibliotecas Braille do Grupo de Trabalho de Bibliotecas Públicas e Escolares da Associação Paulista de Bibliotecários*

Digitalizado gentilmente por:

anos, elaboraram, distribuíram e tabularam questionários remetidos a todos os órgãos que mantêm Bibliotecas do gênero. Os inegáveis e pacientes esforços desses membros foram bem recompensados: prova disto é o "Guia Nacional de Bibliotecas Braille" ora apresentado.

Trabalho pioneiro, o "Guia" identifica as Bibliotecas do ramo, reunindo elementos informativos genéricos (entidades mantenedoras, sistema de classificação, etc.), informações sobre os serviços existentes, bem como dados acerca dos respectivos acervos.

Organizado tendo em vista as regiões brasileiras, apresenta ao final índices: *alfabético,* considerando o nome das Bibliotecas, e *geográfico,* no qual se indicam as Bibliotecas pelo nome das localidades onde estão situadas.

É, pois, com inegável orgulho e justa satisfação que, na qualidade de Ex-Chefe da Biblioteca Braille do Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo e Ex-Coordenadora do Grupo de Bibliotecários em Informação e Documentação de Bibliotecas Públicas e Escolares, me desencumbo da honrosa tarefa que me foi atribuída de apresentar ao público interessado este útil e meritório trabalho, para que todos passem a contar com esta até então inédita fonte de consulta.

Representa ele, ao meu ver, mais um elo na cadeia dos esforços em prol dos deficientes visuais e que, por feliz coincidência, vem a lume no ANO INTERNACIONAL DO DEFICIENTE.

Maria Cecilia da Cunha Ferraz
CRB-8/234

2. DISTRIBUIÇÃO DAS BIBLIOTECAS POR REGIÕES

2.1. REGIÃO NORTE

2.1.1. PARÁ

01- BIBLIOTECA PROFESSOR IGNACIO BATISTA DE MOURA
Rua Campos Sales, 273 – Bairro Comercial – Telefone: 222-5658
66000 – *Belém* – PA
Entidade mantenedora: Secretaria de Estado da Educação e Secretaria de Estado de Esporte Cultura e Turismo
Número de registro no Instituto Nacional do Livro: 78
Horário de funcionamento: 8 às 12 e 14 às 18h.
Área: $7m^2$
Salas: 01
Capacidade: 20
Responsável: Raimundo do Vale Lucas
Acervo:
Livros Braille Livros ampliados
Número de obras: 255 Número de obras: 01
Número de volumes: 392 Número de volumes: 02
Serviços existentes: Transcrição, Empréstimo domiciliar, Gravação

2.2. REGIÃO NORDESTE

2.2.1. BAHIA

02 - BIBLIOTECA CENTRAL DO ESTADO - SETOR BRAILLE
Rua General Labatut, 27 - Bairro Barris – Telefone: 241-0586
40000 – *Salvador* – BA
Entidade mantenedora: Secretaria de Estado da Educação – Fundação Cultural

Digitalizado gentilmente por:

Data de Instalação: 05/11/1970
Número de registro no Instituto Nacional do Livro: 18025
Horário de funcionamento: 8 às 17h.
Área: 60m²
Salas: 02 Cabines: 05
Capacidade: 50
Responsável: Maria Cristina Imbassahy de Oliveira
Código de Catalogação adotado: Anglo-americano
Sistema de Classificação adotado: Classificação Decimal de Dewey
Catálogos existentes: autor, título e assunto
Acervo:
Livros Braille, Livros ampliados e Livros gravados
Número de obras: 327 Número de obras: 08 Número de obras: 28
Número de volumes: 2.081 Número de volumes: 20 Número de cassetes: 122
Serviços existentes: Transcrição, Empréstimo domiciliar, Gravação, Discoteca, Fitoteca, Atendimento infanto juvenil, Reprografia em Thermoform

2.2.2. CEARÁ

03 - BIBLIOTECA LOUIS BRAILLE
Avenida Bezerra de Menezes, 892 - São Gerardo - Telefone: 223-0863
60000 – *Fortaleza* – CE
Entidade mantenedora: Secretaria de Educação do Estado e Instituto de Cegos "Doutor Helio Goes Ferreira" (ex Instituto de Cegos do Ceará)
Horário de funcionamento: 7 às 11 e 13 às 17h.
Área: 60 m²
Salas: 01
Capacidade: 15
Responsável: Maria Odete de Araujo
Acervo:
Livros Braille Livros ampliados
Número de volumes: 4.600 Número de volumes: 16
Serviços existentes: Transcrição, Empréstimo domiciliar, Gravação de partes de textos, Recreação

2.2.3. MARANHÃO

04 - BIBLIOTECA DA ESCOLA MODELO RURAL PIO XII
Avenida Guaxenduba, s/nº - Barreto
65000 – *São Luis* – MA
Entidade mantenedora: Secretaria de Estado da Educação do Maranhão
Data de instalação: 1973
Horário de funcionamento: 8 às 11 h.
Área: 5m²
Salas: 01
Responsável: Pedro de Alcântara Ferreira Costa
Acervo:
Livros Braille Livros Ampliados
Número de obras: 98 Número de obras: 03
Número de volumes: 398 Número de volumes: 05
Serviços existentes: Empréstimo domiciliar

2.2.4. PARAÍBA

05 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE CEGOS ADALGISA CUNHA
Avenida Santa Catarina, s/nº - Bairro dos Estados - Telefone: 224-8016
58000 – *João Pessoa* – PB
Entidade mantenedora: Instituto Para o Livro do Cego no Brasil
Data de instalação: 1961
Horário de funcionamento: integral
Salas: 01
Capacidade: 50
Responsável: José Alberto de Melo
Acervo:
Livros Braille
Número de obras: 600

Digitalizado gentilmente por:

Número de volumes: 800
Serviços existentes: Empréstimo domiciliar, Atendimento infanto-juvenil

06 - BIBLIOTECA LOUIS BRAILLE
Rua João Quirino, 33 - Catolé - Telefone: 321-5755 - Caixa Postal: 246
58100 - *Campina Grande* - PB
Entidade mantenedora: Instituto de Educação e Assistência aos Cegos do Nordeste
Data de instalação: 07/1962
Horário de funcionamento: integral
Área: 48 m^2
Salas: 01
Responsável: Francisleide Heloisa de Menezes
Acervo:
Livros Braille
Número de obras: 80
Número de volumes: 320
Serviços existentes: Empréstimo domiciliar, atendimento infanto-juvenil

2.2.5. PERNAMBUCO

07 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE CEGOS "ANTONIO PESSOA DE QUEIROZ"
Rua Guilherme Pinto, 146 - Graças
50000 - *Recife* - PE
Entidade mantenedora: Santa Casa de Misericórdia do Recife
Data de instalação: 12/3/1965
Horário de funcionamento: 8 às 12h.
Área: 36 m^2
Salas: 01
Capacidade: 40
Responsável: Maria de Lourdes de Carvalha
Serviços existentes: Atendimento no local, Empréstimo domiciliar

08 - BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL PRESIDENTE CASTELO BRANCO
Rua João Lira, s/nº - Parque 13 de maio – Boa Vista – telefone: 222-2669
50000 - *Recife* – PE
Entidade mantenedora: Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco
Data de instalação: 19/02/1973
Número de registro no Instituto Nacional do Livro: 105
Horário de funcionamento: 7h30min. às 18h30min.
Área: 100 m^2
Salas: 01
Capacidade: 15
Responsável: Margarida Maria de Andrade Matheus de Lima
Código de Catalogação adotado: Anglo-americano
Sistema de Classificação adotado: Classificação Decimal Universal
Catálogos existentes: autor, título e assunto
Acervo:
Livros Braille
Número de obras: 500
Número de volumes: 2.194
Serviços existentes: Empréstimo domiciliar, Atendimento infanto-juvenil, Hora do Conto, Gravação de apostilas e pequenos textos.

2.2.6. PIAUÍ

09 - BIBLIOTECA DA ASSOCIAÇÃO DE CEGOS DO PIAUÍ
Rua Beneditinos, 537 - São Pedro
64000 – *Teresina* – PI
Entidade mantenedora: a própria
Data de instalação: 08/01/1978
Horário de funcionamento: 7h30min. às 11h30min. e 13h30min. às 17h30min.
Area: 22 m^2
Salas: 01
Capacidade: 30
Responsável: Luiza Maria Mendes

Digitalizado gentilmente por:

Acervo:
Livros Braille Livros Ampliados
Número de obras: 87 Número de obras: 06
Número de volumes: 310 Número de volumes: 06
Serviços existentes: Empréstimo domiciliar, Reprografia em Thermoform

2.2.7. SERGIPE

10 - BIBLIOTECA DO CENTRO DE REABILITAÇÃO NINOTA GARCIA
Rua João Rodrigues s/nº - Industrial
49000 – *Aracaju* – SE
Entidade mantenedora: o próprio centro
Data de instalação: 15/03/1970
Horário de funcionamento: 8 às 11h.
Responsável: Raimunda Oliveira Santos
Acervo:
Livros Braille
Número de obras: 60
Número de volumes: 802

2.3. REGIÃO SUDESTE

2.3.1. MINAS GERAIS

11 - BIBLIOTECA BRAILLE HELEN KELLER
Rua Santa Catarina, 363 - Centro - telefone: 721-2991
37700 – *Poços de Caldas* - MG
Entidade mantenedora: Gota de Leite "Sinhá Junqueira Lemos"
Data de instalação: 01/10/1974
Horário de funcionamento: 8h.30 min. às 11h.30min.
Área: 24 m^2
Salas: 01
Capacidade: 10
Responsável: Romualdo Fiorim
Serviços existentes: Gravação de lições

12 - BIBLIOTECA BRAILLE LILIA VELOSO DE ALMEIDA
Avenida Augusto de Lima, 2109 - Barro Preto – telefones: 337-9454, 337-1221
30000 - *Belo Horizonte* - MG
Entidade mantenedora: Instituto São Raphael
Data de instalação: 02/09/1926
Horário de funcionamento: 7h.15min às 11h. 15min. e 13 às 17 h.
Área: 77 m^2
Salas: 01
Capacidade: 04
Responsável: Juares Gomes Martins
Serviços existentes: Empréstimo domiciliar, Gravação, Clube de leitura, Revistas sonoras, Reprografia em Thermoform

13 - CENTRO DE EDUCAÇÃO PERMANENTE PROFESSOR LUIS DE BESSA
Praça da Liberdade, 21 - Funcionários - telefone: 335-5836
30000 - *Belo Horizonte* - MG
Entidade mantenedora: Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais
Data de instalação: 01/1965
Número de registro no Instituto Nacional do Livro: 01.0.2.006932
Horário de funcionamento: 9 às 17h.
Área: 200 m^2
Salas: 01 Cabines: 04
Capacidade: 32
Responsável: Leda Botelho Martins Casassanta
Sistema de Classificação adotado: Classificação Decimal de Dewey
Catálogos existentes: autor e título; assunto; registro de obras gravadas
Serviços existentes: Transcrição, Gravação, Empréstimo domiciliar, Atendimento infanto-juvenil, Leitura de pesquisas feita por voluntários.

Digitalizado gentilmente por:

2.3.2. RIO DE JANEIRO

14 - BIBLIOTECA BARÃO DO PINTO LIMA
Rua São João, 127 - Centro - Telefone: 722-5174
24000 – *Niterói* – RJ
Entidade mantenedora: a própria
Data de Instalação: 17/05/1930
Horário de funcionamento: 7 às 19h.
Área: 100m^2
Salas: 01
Capacidade: 30
Responsável: Elma Gazal Rocha
Sistema de Classificação adotado: Classificação Decimal de Dewey
Serviços existentes: Empréstimo domiciliar

15 - BIBLIOTECA BRAILLE DO INSTITUTO HELENA ANTIPOFF
Rua Alzira Brandão, 281 - Tijuca - telefone: 248-9704
20000 - *Rio de Janeiro* - RJ
Entidade mantenedora: Secretaria Municipal de Educação e Cultura
Data de instalação: 1975
Horário de funcionamento: 8 às 17h.
Área: 28 m^2
Salas: 01
Capacidade: 15
Responsável: Professor Ethel
Serviços existentes: Gravação, Atendimento infanto-juvenil

16 - BIBLIOTECA CASIMIRO DA CUNHA
Rua Thomaz Coelho, 51 - Vila Izabel
Telefone: 288-9844
20000 - *Rio de Janeiro* - RJ
Entidade mantenedora: Sociedade Pro-Livro Espírita em Braille
Data de instalação: 1954
Horário de funcionamento: 9 às 11 h. e 14 às 16h.30min.
Área: 20 m^2
Salas: 02
Responsável: Cecilia Vazquez e Elias Coube
Acervo:
Livros Braille Revistas gravadas
Número de obras: 265 Número de obras: 11 e 09 livros
Número de volumes: 956 Número de cassetes: 91
Serviços existentes: Transcrição, Empréstimo domiciliar, Gravação, Distribuição grátis de livros, Reprografia

17 - BIBLIOTECA LOUIS BRAILLE DO INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT
Avenida Pasteur, 350 - Urca - telefones: 246-4198 ramal 25
20000 – *Rio de Janeiro* – RJ
Entidade mantenedora: Centro Nacional de Educação Especial
Data de instalação: 1854
Horário de funcionamento: 8 às 12h. e 13 às 17h.
Área: 460m^2
Salas: 06
Capacidade: 120
Responsável: Thereza Aida Braga Ubatuba
Sistema de Classificação adotado: Classificação Decimal de Dewey
Acervo
Livros Braille Revistas braille
Número de obras: 1.093 Número de obras: 20
Número de volumes: 2.984 Número de volumes: 550
Serviços existentes: Leitura no local, Atendimento infanto-juvenil, Ledores voluntários que auxiliam nos estudos

18 - BIBLIOTECA MUNICIPAL DE PETRÓPOLIS
Praça Visconde de Mauá, 305 - Centro - telefone: 42-1616

Digitalizado gentilmente por:

25600 - *Petrópolis* - RJ
Entidade Mantenedora: Prefeitura Municipal de Petrópolis
Data de instalação: 09/1973
Registro no Instituto Nacional do Livro: R-M 133
Horário de funcionamento: 12 às 18h.
Área: 33 m^2
Salas: 01
Capacidade: 06
Responsável: Yeda Maria Lobo Xavier da Silva
Código de Catalogação adotado: Vaticano
Sistema de Classificação adotado: Classificação Decimal de Dewey
Acervo:
Livros Braille Livros ampliados Revistas Braille
Número de obras: 368 Número de obras: 01 Número de obras: 02
Número de volumes: 1.027 Número de volumes: 01 Número de volumes: 107
Serviços existentes: Empréstimo domiciliar

19 - BIBLIOTECA PROFESSOR ADMAR AUGUSTO DE MATTOS
Rua Santa Rosa, 82 - Santa Rosa - telefone: 711-0870
24000 - *Niterói* - RJ
Entidade mantenedora: Associação Fluminense de Amparo aos Cegos
Data de instalação: 01/08/1978
Horário de funcionamento: 8 às 12h. e 13 às 18h.
Área: 9 m^2
Salas: 01
Capacidade: 10
Responsável: Olinto José Braga Brandão
Serviços existentes: Empréstimo domiciliar, Alfabetização em braille

2.3.3. SÃO PAULO

20 - BIBLIOTECA BRAILLE MUNICIPAL DE SÃO PAULO
Rua General Jardim, 485 - Vila Buarque - telefone: 256-4122
01223 - *São Paulo* - SP
Entidade mantenedora: Prefeitura Municipal de São Paulo
Data de instalação: 29/04/1947
Horário de funcionamento: 7h.30min às 19h.
Área: 115 m^2
Salas: 04
Capacidade: 20
Responsável: Any Mary Gehring Cardoso
Código de Catalogação adotado: Anglo americano
Sistema de Classificação adotado: Classificação Decimal de Dewey
Catálogos existentes: autor, título e assunto
Acervo:
Livros Braille Revistas gravadas
Número de obras: 2.975 Número de periódicos: 454
Número de volumes: 7.894 Número de cassetes: 2.090
Serviços existentes: Transcrição, Empréstimo domiciliar, Recreação, Atendimento infanto-juvenil, Gravação, Reprografia em Thermoform.

21 - BIBLIOTECA CIRCULANTE DA INSTITUIÇÃO BRAILLE DE SANTOS
Rua Julio Conceição, 246 - Encruzilhada - telefone: 31-0586
11100 - *Santos* - SP
Entidade mantenedora: a própria
Data de instalação: 15/09/1958
Horário de funcionamento: 2a. 4a. e 6a. feiras: 13 às 17h.
Área: 40 m^2
Salas: 02

Digitalizado gentilmente por:

Capacidade: 18
Responsável: Maria Estefania Machado
Acervo:
Livros Braille Livros Ampliados
Número de obras: 618 Número de obras: 10
Número de volumes: 1.601 Número de volumes: 10
Serviços existentes: Transcrição, Empréstimo domiciliar, Transcrição para tinta de provas e trabalhos escolares.

22 - BIBLIOTECA CULTURAL ALTINO ARANTES
Rua Duque de Caxias, 547 - Centro - telefone: 25-0743
14100 - *Ribeirão Preto* - SP
Entidade mantenedora: Fundação "Sinhá Junqueira"
Data de instalação: 01/03/1960
Horário de funcionamento: 13 às 18 h. sábados: 8 às 12h.
Área: 1.200m^2
Salas: 19
Responsável: Regina Helena Musa Pessoa
Sistema de Classificação adotado – Classificação Decimal de Dewey
Catálogos existentes: dicionário
Acervo:
Livros Braille Livros ampliados Livros gravados
Número de obras: 458 Número de obras: 02 Número de obras: 31
Número de volumes: 810 Número de volumes: 02 Número de cassetes: 79
Serviços existentes: Transcrição, Atendimento no local, Empréstimo domiciliar, Gravação, Orientação escolar, Aulas de português e matemática

23 - BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DE LIMEIRA
Largo da Boa Morte – Centro - Telefone: 3770
13480 - *Limeira* - SP
Entidade mantenedora: Prefeitura Municipal de Limeira
Data de instalação: 01/07/1941
Horário de funcionamento: 8 às 21h. sábados: 8 às 11h.
Área: 360m^2
Salas: 04
Capacidade: 120
Responsável: Maria Aparecida Baccan Conte
Código de Catalogação adotado: Anglo-americano
Sistema de Classificação adotado: Classificação Decimal de Dewey
Catálogos existentes: autor, título e assunto
Serviços existentes: Empréstimo domiciliar, Atendimento infanto-juvenil

24 - BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DE SUZANO
Rua Doutor Campos Sales, 577 - Centro - telefone: 451-3460
08800 - *Suzano* - SP
Entidade mantenedora: Prefeitura Municipal de Suzano
Área: 100 m^2
Salas: 01
Capacidade: 40
Responsável: Hildete Lima Galvão
Sistema de Classificação adotado: Classificação Decimal de Dewey
Catálogos existentes: dicionário
Serviços existentes: Empréstimo domiciliar

25 - BIBLIOTECA DA FUNDAÇÃO PARA O LIVRO DO CEGO DO BRASIL
Rua Doutor Diogo de Faria, 558 - Vila Clementino - telefone: 549-0611
04037 - *São Paulo* - SP
Entidade mantenedora – a própria
Data de instalação: 1946
Horário de funcionamento: 2a. e 4a.

Digitalizado gentilmente por:

feira das 8 às 18h.
Área: 30m²
Salas: 02
Responsável: Tereza de Jesus da Cruz França
Sistema de Classificação adotado: Classificação Decimal Universal
Catálogos existentes: autor
Acervo:
Livros Braille Livros Ampliados Livro falado
Número de obras: 799 Número de obras: 12 Número de obras: 694
Número de volumes: 4.316 Número de volumes: 30 Número de cassetes: 3.136
Serviços existentes: Transcrição, Empréstimo domiciliar, Gravação em minicassete, Empréstimo de reprodutores especiais de livro falado.

26 - CENTRO CULTURAL LOUIS BRAILLE
Avenida Francisco Glicério, 289 - Centro - Telefone: 2-5430
13100 - *Campinas* - SP
Entidade mantenedora: o próprio
Data de instalação: 26/08/1969
Horário de funcionamento: 8 às 12h. e 13 às 18h.
Área: 20m²
Salas: 01
Capacidade: 06
Responsável: Myriam Therezinha Gagliardi Queiroz Guimarães
Acervo:
Livros Braille Livros gravados
Número de obras: 480 Número de obras: 54
Número de volumes: 1.400 Número de cassetes: 266
Serviços existentes: Transcrição, Empréstimo domiciliar, Gravação

27 - LAR DAS MOÇAS CEGAS
Avenida Ana Costa, 198 - Vila Matias – telefone: 33-2760
11100 - *Santos* - SP
Entidade mantenedora: a própria
Área: 35m²
Salas: 01
Capacidade: 15
Responsável: Angela Sellera Salerno
Acervo:
Livros Braille
Número de obras: 136
Número de volumes: 525
Serviços existentes: Empréstimo domiciliar, Recreação

2.4. REGIÃO SUL
2.4.1. PARANÁ

28 - BIBLIOTECA DA ASSOCIAÇÃO FEMININA DE AMPARO AO DEFICIENTE E AO RECÉM-NASCIDO
Rua Gonçalves Dias, 417 - Batel - telefone: 42-7372
80000 - *Curitiba* - PR
Entidade mantenedora: a própria
Data da instalação: 13/09/1977
Horário de funcionamento: 13h. 30 min. às 17h.
Área: 80m²
Salas: 01
Capacidade: 30
Responsável: Maria Lucia Segui
Sistema de Classificação adotado: Classificação Decimal de Dewey
Acervo:
Livros Braille Livros Ampliados Livros Gravados
Número de obras: 205 Número de obras: 12 Número de cassetes: 50
Número de volumes: 412: Número de volumes: 12
Serviços existentes: Transcrição, Classificação, Empréstimo domiciliar, Gravação, Recreação (brinquedos, jogos)

29 - BIBLIOTECA DO SERVIÇO DE EDUCAÇÃO DE DEFICIENTES

Digitalizado gentilmente por:

VISUAIS
Rua Cruz Machado, 66 - Centro - telefone: 24-0935
80000 - *Curitiba* - PR
Entidade mantenedora: Secretaria de Estado da Educação e Cultura do Paraná
Área: 16m^2
Salas: 01
Capacidade: 10
Serviços existentes: Empréstimo domiciliar, Gravação de lições

30 - ESCOLA BOA VISTA
Rua Holanda, 881 - Boa Vista - telefone: 52-4253
80000 - *Curitiba* - PR
Entidade mantenedora: Fundação de Assistência à Criança Cega
Data de instalação: 1974
Horário de funcionamento: 8h. 30 min. às 17h.
Área: 14,30m^2
Salas: 01
Capacidade: 20
Responsável: Rita de Cassia Fantinatto
Acervo:
Livros Braille
Número de obras: 201
Número de volumes: 2.452
Serviços existentes: Empréstimo domiciliar

31 - ESCOLA DE BRAILLE PROFESSOR MAXIMO ASINELLI
Avenida Visconde de Guarapuava, 4.186 - Batel - telefone: 23-3929
80000 - *Curitiba* - PR
Entidade mantenedora: Instituto Paranaense de Cegos
Data de instalação: 1951
Horário de funcionamento: 8 às 12h.
Área: 96m^2
Salas: 02
Responsável: Juçara Ferreira Aranha
Acervo:
Livros Braille
Número de obras: 802
Número de volumes: 1892
Serviços existentes: Atendimento infanto-juvenil

2.4.2. RIO GRANDE DO SUL

32 - BIBLIOTECA DO CENTRO LOUIS BRAILLE
Avenida Getulio Vargas, 588 - Menino Deus
90000 - *Porto Alegre* - RS
Entidade mantenedora: Fundação Riograndense de Atendimento ao Excepcional
Data de instalação: 1971
Horário de funcionamento: 8 às 12h. e 13 às 17h.
Área: 33m^2
Salas: 01
Responsável: Marlene Weber Onofrio
Catálogos existentes: autor
Serviços existentes: Transcrição, Atendimento no local, Transcrição de gráficos e mapas, Empréstimo domiciliar, Gravação, Ampliação de textos e mapas

33 - BIBLIOTECA OLAVO BILAC – ESCOLA ESTADUAL DE PRIMEIRO E SEGUNDO GRAU CORONEL PILAR
Rua Pinto Bandeira s/nº – Dores – telefone: 221-2140
97100 - *Santa Maria* - RS
Entidade mantenedora: Secretaria de Estado da Educação
Horário de funcionamento: 8 às 12h. e 13 às 17h.

Área: 40m^2
Salas: 01
Capacidade: 30
Responsável: Maria Rodrigues Leão
Sistema de classificação adotado: Classificação Decimal de Dewey

Digitalizado gentilmente por:

Serviços existentes: Empréstimo domiciliar, Atendimento infanto-juvenil

2.4.3. SANTA CATARINA

34 - BIBLIOTECA ADILSON VENTURA
Rua Angelo La Porta, 7
88000 - *Florianópolis* - SC
Entidade mantenedora: Fundação Catarinense de Educação Especial
Data de instalação: 1977
Horário: 8 às 17h.
Área: 8m²
Salas: 06
Capacidade: 27
Responsável: Stella Maris de Oliveira
Sistema de classificação adotado: Classificação Decimal Universal
Catálogos existentes: sistemático
Acervo:
Livros Braille Livros Ampliados
Número de obras: 162 Número de obras: 13 Número de obras: 09
Número de volumes: 619 Número de volumes: 13 Número de cassetes: 09
Serviços existentes: Transcrição, Empréstimo domiciliar, Gravação

35 - BIBLIOTECA DO CENTRO DE REABILITAÇÃO E EDUCAÇÃO PARA DEFICIENTES VISUAIS
Rua Joaquim Nabuco, 116 - Centro
88800 - *Criciúma* - SC
Entidade mantenedora: o próprio
Data de instalação: 10/1978
Área: 9m²
Salas: 01
Capacidade: 10
Acervo:
Livros Braille:
Número de obras: 09
Número de volumes: 149
Serviços existentes: Gravação, Livro falado, Empréstimo domiciliar, Atendimento infanto-juvenil

36 - BIBLIOTECA PEDAGÓGICA – SEÇÃO BRAILLE
Rua Felipe Schmidt, 25 - Centro
88000 - *Florianópolis* - SC
Entidade mantenedora: Secretaria de Educação e Cultura de Santa Catarina
Data de instalação: 1969
Horário de funcionamento: 7h.30 min. às 21h.
Área: 25m²
Salas: 01
Capacidade: 08
Responsável: Maria de Lurdes Schmidt Hahn
Código de Catalogação adotado: Vaticana
Sistema de Classificação adotado: Classificação Decimal de Dewey
Catálogos existentes: autor, título e assunto
Acervo:
Livros Braille
Número de obras: 555
Número de volumes: 1.244
Serviços existentes: Empréstimo domiciliar

37 - BIBLIOTECA TIRADENTES
Rua Almirante Aristiliano Ramos, s/nº – Centro
89160 – *Rio do Sul* – SC
Entidade mantenedora: Escola Básica "Paulo Zimmermann"
Data da instalação: 1935
Horário de funcionamento: integral
Área: 62m²
Salas: 01
Capacidade: 40
Responsável: Nerci Pereira
Sistema de Classificação adotado: Classificação Decimal de Dewey
Acervo:
Livros Braille
Número de volumes: 15

Digitalizado gentilmente por:

Serviços existentes: Empréstimo domiciliar, Empréstimo de material didático para professores

2.5. REGIÃO CENTRO-OESTE

2.5.1. GOIÁS

38 - BIBLIOTECA ESCOLAR DO INSTITUTO ARTESANAL DOS CEGOS
BR 153 km. 8,5 - telefone: 241-1030
74000 - *Goiânia* - GO
Entidade mantenedora: o próprio
Área: 54m^2
Salas: 01
Capacidade: 20
Responsável: Luzia Aparecida Daniel

2.5.2. MATO GROSSO DO SUL

39 - BIBLIOTECA NAZARETH PEREIRA MENDES
Rua 25 de dezembro, 262 - Centro - telefone: 383-1922
79100 - *Campo Grande* - MS
Entidade mantenedora: Instituto Matogrossense para Cegos
Data de instalação: 12/12/1970
Horário de funcionamento: 13h.30 min. às 17h.30min.
Área: 40m^2
Salas: 01
Capacidade: 18
Responsável: Benedito Sinezio de Arruda
Catálogos existentes: autor e título
Serviços existentes: Atendimento no local, Empréstimo domiciliar, Gravação

3. ÍNDICES

3.1 Índice Alfabético

Nome da Biblioteca	Nº da Biblioteca
Biblioteca Adilson Ventura	34
Biblioteca Barão do Pinto Lima	14
Biblioteca Braille do Instituto Helena Antipoff	15
Biblioteca Braille Hellen Keller	11
Biblioteca Braille Lilia Veloso de Almeida	12
Biblioteca Braille Municipal de São Paulo	20
Biblioteca Casimiro da Cunha	16
Biblioteca Central do Estado -- Setor Braille	02
Biblioteca Circulante da Instituição Braille de Santos	21
Biblioteca Cultural Altino Arantes	22
Biblioteca da Associação de Cegos do Piauí	09
Biblioteca da Associação Feminina de Amparo ao Deficiente e ao Recém Nascido	28
Biblioteca da Escola Modelo Rural Pio XII	04
Biblioteca do Centro de Reabilitação e Educação para Deficientes Visuais	35
Biblioteca do Centro de Reabilitação Ninota Garcia	10

Digitalizado gentilmente por:

Biblioteca do Centro Louis Braille 32
Biblioteca do Instituto de Cegos Adalgisa Cunha 05
Biblioteca do Instituto de Cegos Antonio Pessoa de Queiroz 07
Biblioteca do Serviço de Educação de Deficientes Visuais 29
Biblioteca Escolar do Instituto Artesanal dos Cegos 38
Biblioteca Louis Braille (Ceará) 03
Biblioteca Louis Braille do Instituto Benjamin Constant 17
Biblioteca Louis Braille (Paraiba) 06
Biblioteca Municipal de Petrópolis 18
Biblioteca Nazareth Pereira Mendes 39
Biblioteca Olavo Bilac 33
Biblioteca Pedagógica – Seção Braille 36
Biblioteca Professor Admar Augusto de Mattos 19
Biblioteca Professor Ignacio Batista de Moura 01
Biblioteca Pública Estadual Presidente Castelo Branco 08
Biblioteca Pública Municipal de Limeira 23
Biblioteca Pública Municipal de Suzano 24
Biblioteca Tiradentes 37
Bibliotecas da Fundação para o Livro do Cego no Brasil 28
Centro Cultural Louis Braille 26
Centro de Educação Permanente Professor Luis de Bessa 13
Escola Boa Vista 30
Escola de Braille Professor Maximo Asinelli 31
Lar das Moças Cegas 27

3.2 Indice Geográfico

BAHIA
Biblioteca Central do Estado – Setor Braille 02
CEARÁ
Biblioteca Louis Braille 03
GOIÁS
Biblioteca Escolar do Instituto Artesanal dos Cegos 38
MARANHÃO
Biblioteca da Escola Modelo Rural Pio XII 04
MATO GROSSO DO SUL
Biblioteca Nazareth Pereira Mendes 39
MINAS GERAIS
Biblioteca Braille Helen Keller 11
Biblioteca Braille Lilia Veloso de Almeida 12
Centro de Educação Permanente Professor Luis de Bessa . . . 13

Digitalizado gentilmente por:

PARÁ
Biblioteca Professor Ignacio Batista de Moura 01
PARAIBA
Biblioteca do Instituto de Cegos Adalgisa Cunha 05
Biblioteca Louis Braille 06
PARANÁ
Biblioteca da Associação Feminina de Amparo ao Deficiente e ao Recém Nascido 28
Biblioteca do Serviço de Educação de Deficientes Visuais 29
Escola Boa Vista 30
Escola de Braille Professor Maximo Asinelli 31
PERNAMBUCO
Biblioteca do Instituto de Cegos Antonio Pessoa de Queiroz 07
Biblioteca Pública Estadual Presidente Castelo Branco 08
PIAUÍ
Biblioteca da Associação de Cegos do Piauí 09
RIO GRANDE DO SUL
Biblioteca do Centro Louis Braille 32
Biblioteca Olavo Bilac 33
RIO DE JANEIRO
Biblioteca Barão do Pinto Lima 14
Biblioteca Braille do Instituto Helena Antipoff 15
Biblioteca Casimiro da Cunha 16
Biblioteca Louis Braille do Instituto Benjamin Constant 17
Biblioteca Municipal de Petrópolis 18
Biblioteca Professor Admar Augusto de Mattos 19
SANTA CATARINA
Biblioteca Adilson Ventura 34
Biblioteca do Centro de Reabilitação e Educação para Deficientes Visuais 35
Biblioteca Pedagógica – Seção Braille 36
Biblioteca Tiradentes 37
SÃO PAULO
Biblioteca Braille de São Paulo 20
Biblioteca Circulante da Instituição Braille de Santos 21
Biblioteca Cultural Altino Arantes 22
Biblioteca Pública Municipal de Limeira 23
Biblioteca Pública Municipal de Suzano 24
Bibliotecas da Fundação para o Livro do Cego no Brasil 25
Centro Cultural Louis Braille 26
Lar das Moças Cegas 27
SERGIPE
Biblioteca do Centro de Reabilitação Ninota Garcia 10

Digitalizado gentilmente por:

Mercado de Trabalho

Emir José Suaiden
Assessor IBICT/CNPq

CDU 331.96

Analisa a formação do bibliotecário face às necessidades do mercado de trabalho e à conscientização profissional. Sugere a necessidade de uma tomada de posição crítica por parte dos bibliotecários em razão da situação atual.

1. INTRODUÇÃO

Em termos quantitativos o número de profissionais, na área de biblioteconomia, vem aumentando sensivelmente através das escolas existentes a nível de graduação e pós-graduação. No entanto o mercado, atualmente, não tem condições de absorver uma parte poderável desses profissionais que acabam se frustrando com a profissão. Há a necessidade premente do estudo do campo de trabalho e da formação do bibliotecário em face das condições atuais de desenvolvimento da sociedade brasileira.

Segundo o Prof. Adalmo Andrade:(1) "Mercado de Trabalho é o "conjunto de relações existentes, em dado momento, entre compradores e vendedores de traba-

Digitalizado gentilmente por:

lho". Poder-se-á descrevê-lo, também, partindo-se de seus elementos essenciais: a oferta e a procura. A primeira, é a quantidade de força de trabalho que se apresenta no mercado, em uma unidade de tempo considerada. A procura é a quantidade de trabalho que, na mesma unidade de tempo, se tem a disposição para alugar, ou em outras palavras, para a qual se necessita força de trabalho, por determinado preço.

Essa relação – oferta e procura – aparece no mercado de trabalho condicionada por diversos fatores, sendo os mais ostensivos os que se alinham em seguida.

Primeiramente, o meio físico, ou seja, ação do ambiente ou do fator geográfico sobre o grupo social.

Não raro, especialmente nos países subdesenvolvidos ou em pequenas formações onde o desenvolvimento ainda não tenha adquirido certa expressão, o meio físico pode determinar a economia local, fazendo surgir um ou mais tipos de especialização de trabalho. A própria localização dos empregos estaria sob a influência do meio ambiente. Teremos, então, o "mercado dc trabalho natural ou preexistente", ora facilitando, ora impondo restrição à área de recrutamento. Se a empresa precisa de pessoal existente no mercado de trabalho naturalmente formado, o recrutamento possibilitará, a um só tempo, quantidade e qualidade à seleção. Caso, entretanto, a necessidade recaia sobre força de trabalho estranha ao mercado preexistente, a unidade de pessoal encontrará área de recrutamento possivelmente rarefeita do elemento desejado.

Considera-se, também, no mercado de trabalho o fator volume e composição da população. É fácil concluir que maior volume de habitantes dentro da área de recrutamento ensejará, provavelmente, abundância de força de trabalho e, portanto, de vendedores de emprego. Este fator tem um efeito multiplicador positivo. A opulência da oferta de "mão-de-obra" média conduz naturalmente os seus integrantes a um processo de especialização, para que melhor se possa concorrer às oportunidades existentes. Porque muitos procuram emprego, o elemento diferenciador entre os ofertantes deve ser a qualidade. Observe-se, porém, que "a correlação entre o volume da população e o de mão-de-obra não deve scr tomada em termos absolutos". O fato de dois países terem população numericamente equivalente não significa que apresentem a mesma quantidade de força de trabalho e, muito menos, qualidade. Isto porque do volume numérico conta-se somente a população ativa, ou seja, a massa de pessoas entre os limites de 18 e 60 anos de idade. É apenas uma parte da população, ou seja, a que está em condições de apresentar trabalho produtivo. Vários condicionantes de ordem legal podem interferir modificando o volume e a composição da população ativa: proibição do trabalho feminino em certas áreas de atividades e em alguns horários, o limite de idade, a nacionalidade, etc.

O estado geral da economia e da indústria pode ser apontado como dos mais importantes condicionadores do mercado de trabalho. Nas épocas de grande expansão da vida econômica e industrial, verifica-se intensidade acentuada na procura da força de trabalho, para atender o desenvolvimento cada vez mais crescente da fase de ascensão. O efeito multiplicador desse elemento, ao contrário do anterior, é de natureza negativa: a baixa formação da mão-de-obra. Frente à violenta absorção do trabalho, não se encontra tempo para o aprimoramento e o mercado se satisfaz, então, com profissionais de padrão médio ou mesmo de elementar qualificação.

Os fatores indicados podem combinar entre si, oferecendo novas formas de condicionamento, possibilitando, ou não, a oferta qualificada de trabalho".

Digitalizado gentilmente por:

2. A FORMAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO E O MERCADO DE TRABALHO

Segundo Murilo Cunha ([2]): "o bibliotecário, no exercício de sua profissão, basicamente se insere no setor terciário da economia. Sendo a biblioteconomia uma ciência de apoio, sua atividades básica é fornecer suporte informacional necessário ao desenvolvimento dos vários setores do espectro econômico. A partir da metade dos anos sessenta aumentou a demanda de profissionais bibliotecários no Brasil. Tal aumento foi provocado, dentro outros, pelos seguintes fatores:

a) passagem de uma economia, nitidamente dependente de produtos agrícolas, para uma economia onde os produtos industrializados possuem maior peso;

b) evolução e modernização das estruturas sociais e urbanas, sendo abandonados, paulatinamente, tipos clássicos, como o "coronel" do interior ou o senhor do engenho;

c) incremento, bastante acentuado, do alunado nos três níveis de ensino;

d) ampliação dos organismos de pesquisa científica e tecnológica, bem como da realização, no país, de estudos enfocando problemas nacionais;

e) maior abertura da economia brasileira para o mercado internacional, com a conseqüente criação ou ampliação das entidades vinculadas ao comércio internacional.

Os fatores acima provocaram e continuam a provocar maior demanda de informação seja quanto a um item de legislação, seja quanto a um levantamento de dados estatísticos; assuntos ou documentos especializados em todos os campos de conhecimento humano têm sido cada vez mais demandados.

Uma profissão existe porque existe uma necessidade social a ser cumprida, e, ao acentuar esta necessidade – seja pela divisão de trabalho, seja pelo tipo de organização sócio-econômica – a sociedade devolve à profissão (através da elevação do status ou do nível salarial) o seu reconhecimento pelo preenchimento de uma lacuna. É do conhecimento de todos que, mercê de lutas incansáveis, a importância do bibliotecário brasileiro vem, nos últimos anos, sendo reconhecida pela sociedade devido a seu importante papel a desempenhar num mundo cada vez mais ávido de resposta às suas necessidades de informação".

"É importante conhecer a realidade do mercado de trabalho; "se mesmo nas nações desenvolvidas é necessária a preocupação constante com medidas para ajustar o suprimento da força de trabalho às variações da procura, que acompanha as transformações contínuas do meio econômico e tecnológico, nas outras, se isso não se concretizar, haverá conseqüências altamente prejudiciais às metas econômicas visadas". Com o crescimento econômico brasileiro, seus diversos setores passam a multiplicar suas exigências de profissionais melhores qualificados, principalmente naquelas áreas onde é exigido um alto nível de sofisticação de especialização. A demanda de bibliotecários tem crescido anualmente e se a mesma não for satisfeita poderá prejudicar a evolução do processo desenvolvimentista que não será alimentando com informações relevantes no tempo e na hora exatos.

Nos tempos atuais, crescem os papéis desempenhados pelas escolas de biblioteconomia e associações de bibliotecários, pois não basta a formação ou atualização de profissionais, mas também provê-los de uma sensibilidade e flexibilidade para adaptar-se às mudanças da sociedade brasileira. Por isso, as entidades responsáveis pela profissão bibliotecária precisam sentir a necessidade de efetuar uma pesquisa profunda para diagnosticar as necessidades do mercado de trabalho. Não basta somente ampliar

Digitalizado gentilmente por:

o número de escolas de biblioteconomia sem haver uma alteração substancial da formação do bibliotecário. A expansão indiscriminada de escolas de biblioteconomia sem o conhecimento real das necessidades do mercado de trabalho poderá redundar numa política improdutiva, pois lançará no mercado de trabalho profissionais que não atenderão às suas peculiaridades.

É necessário também que esta política de formação de mão-de-obra esteja acoplada ao conhecimento das tendências do desenvolvimento sócio-econômico brasileiro a fim de que se tenha uma base para a definição dos setores de mercado de trabalho que experimentarão maior expansão e que, conseqüentemente, exigirão novas ou maiores habilidades dos bibliotecários".

Em 1973 foi realizado na Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais um Seminário sobre "A formação do Bibliotecário face às exigências profissionais da atualidade" ([3]). Foram apresentados, quanto à profissão, os seguintes resultados:

- o aluno desconhece a realidade profissional;
- a escolha da profissão de bibliotecário deve-se mais a fatores secundários como menor duração de curso, influência de amigos, gosto por livros, do que a uma decisão consciente, por vocação;
- o curso não tem divulgação; o status profissional é inferior quando comparado ao de outras profissões;
- os alunos sentem falta de apoio por parte do pessoal já formado; quanto à sua capacidade profissional ao sairem da Escola, sentem-se inseguros;
- a maioria dos alunos pretende realizar outro curso, enquanto uma minoria pretende especializar-se na profissão de bibliotecário;
- quanto à natureza da profissão, consideram o bibliotecário mais um agente social que um técnico, e quanto às perspectivas de trabalho vêem melhores oportunidades fora do Estado;
- quanto ao curso propriamente dito, consideram que são enfatizados detalhes desnecessários e que o estágio é essencial.

Medidas gerais são necessárias como:

- aliviar os currículos sobrecarregados, e
- modificar métodos de ensino, preferindo aqueles que coloquem o aluno em posição ativa de aprendizagem e lhe ofereçam experiências e vivências de alcance formativo; é importante incentivar o estudante a aprender com espírito crítico e interpretativo.

O aprendizado do uso da biblioteca e a capacidade de redação de trabalhos científicos partindo da coleta, análise e exposição clara, lógica e objetiva de informações, são outros fatores que podem desenvolver o senso criativo do estudante.

Para se chegar a uma delimitação clara de objetivos e dos métodos para alcançá-los, torna-se imprescindível a criação, junto às Escolas, de um Setor de Educação em Biblioteconomia, cujas funções seriam:

- revisão periódica dos objetivos, e reformulação do currículo para atingi-los;
- investigação dos problemas institucionais e docentes da Escola e dos campos de treinamento na rede de bibliotecas;
- elaboração de novos testes de avaliação de aprendizagem adequados aos objetivos;
- avaliação das atividades didáticas, métodos de ensino e atitudes dos docentes;
- realização de cursos periódicos de

Digitalizado gentilmente por:

relações humanas e de pedagogia para o pessoal docente;
- coordenação das atividades de aperfeiçoamento do pessoal docente, nas disciplinas específicas e em administração.

Na área de Biblioteca Pública, o campo profissional é formado por dois tipos de bibliotecários: um, frustrado e desanimado que, por falta de vocação, de uma formação sólida ou desconhecimento da realidade brasileira, não se adaptou entre o sonho de um trabalho perfeito e essa mesma realidade. Esse grupo, felizmente, em minoria, é superado pelos profissionais que se afirmaram em sua vocação de verdadeiros educadores; dotados de poder criativo e espírito público, têm plena consciência da função e dos problemas da biblioteca.

Quanto à formação profissional, é sentido um "ilhamento intelectual" por parte dos bibliotecários; os motivos seriam a ausência de diálogo e cooperação entre os bibliotecários, e de cursos de especialização ou reciclagem. Além de providências nesse sentido, foi sugerida a criação de um órgão coordenador da política e planejamento bibliotecários, com amplo raio de ação.

Em relação à Escola, foi abordada a necessidade de, além do preparo profissional do estudante, promover-se um desenvolvimento de atitudes, isto é, despertar e consolidar qualidades necessárias ao efetivo desempenho profissional. Foi destacada a importância do estágio e aqui fica registrada a pergunta: são as horas de estágio requeridas pela Escola suficientes para a vida prática? Levantou-se ainda o problema de ser necessário dar, na Escola, conhecimento específico em alguns campos, como, por exemplo, o de literatura infantil, para atender às bibliotecas infanto-juvenis.

Diretamente ligada ao currículo de Biblioteconomia, foi levantada a questão da formação pedagógica do bibliotecário que irá trabalhar junto a um público específico, no caso o usuário da biblioteca escolar. A descoberta ou afirmação da vocação do aluno para trabalhar nesse tipo de biblioteca é essencial para o desempenho efetivo de suas funções. Mais importante que os serviços técnicos são as atividades desenvolvidas pela biblioteca, intrinsecamente ligadas às funções docentes, ao programa, aos métodos de ensino, enfim à escola como um todo.

Outro ponto abordado foi a necessidade de uma formação mais prática na área de administração. Ao sair da Escola, o aluno sente dificuldade ao se defrontar com os problemas de administração na vida profissional.

Foi exposta a questão salarial, e esse assunto foi bastante enfatizado. O profissional, na área das bibliotecas escolares, principalmente as do setor de ensino particular, enfrenta um mercado adverso; isso devido talvez às dificuldades que enfrentam as próprias escolas. É necessário então que, na Escola de Biblioteconomia, seja desenvolvida no aluno a consciência de seu "valor" (mesmo em termos financeiros). É necessária uma atitude de firmeza e segurança quanto ao que deva receber um profissional e que este saiba impor-se junto à administração das escolas.

O desempenho profissional na área das bibliotecas universitárias como ponto principal, abordou a questão, das dificuldades enfrentadas na prática, quanto à administração e organização das bibliotecas; exclui-se o que diz respeito a processamento técnico, por ser considerado suficiente o que é dado na Escola. Tornar o aluno apto a elaborar e implantar um plano com objetivos bem definidos, apto a elaborar orçamento usando as técnicas mais recentes, em síntese, capaz de tomar decisões, seriam objetivos a ser atingidos pela Escola. Podemos citar o problema da aquisição: o conhecimento teórico dos processos não basta; é necessário o conhecimento de todos

Digitalizado gentilmente por:

os aspectos da situação real, tais como: mercado editorial, importações, aplicação de verbas, etc.

São raros os estudos que se referem ao comportamento e as atribuições do bibliotecário. A Profa. Maria Teresa Fontoura em sua dissertação de mestrado intitulada "Ocupação efetiva do bibliotecário e a relação desta ocupação com as atribuições formais ([4]) apresenta as seguintes sugestões:

– "Que se realizem estudos para verificar como estão sendo desenvolvidos os conteúdos programáticos das disciplinas do curso em apreço;

– Que se verifique se existe consenso entre as expectativas dos usuários de bibliotecas e o comportamento dos bibliotecários;

– Que se divulguem as tarefas que podem ser executadas pelos bibliotecários, bem como a sua área de atuação;

– Que se realizem pesquisas junto à direção de órgãos oficiais e à classe empresarial, para se conhecerem as reais necessidades no campo de informação;

– Que o bibliotecário desempenhe seu papel com maior dinamismo, antecipando-se às solicitações que a sociedade lhe faz;

– Que o bibliotecário se conscientize e faça chegar ao conhecimento de seus superiores que as tarefas de auxiliar, quando por ele executadas, acarretam desperdício de mão-de-obra especializada; e

– Que se identifiquem as tarefas que, embora previstas como atribuições formais do bibliotecário, estão sendo realizadas por pessoal não qualificado".

3. SITUAÇÃO ATUAL

Atualmente, mesmo em Brasília, onde o campo de trabalho para o bibliotecário sempre foi um dos melhores do país, a situação não é boa, inclusive com dezenas de bibliotecários desempregados. Podemos citar entre os principais fatores que provocam o desemprego:

3.1. A atual situação econômica do país que faz com que empresas como Volkswagen que sempre teve um superavit econômico, passe a demitir milhares de funcionários e propor a diminuição sistemática do horário de trabalho.

Os reflexos da situação econômica atingem todos os segmentos da sociedade e as áreas de educação, cultura e informação, que em termos de recursos financeiros nunca foram prioritárias, passam a fazer parte das fluidades não de todo suprimíveis mas cuja hora e vez são sempre relegados a um segundo plano.

3.2. O decreto nº 84.817, datado de 18/6/80, que proíbe a contratação de pessoal para o serviço público e das empresas vinculadas.

3.3. A falta de concurso pelo DASP.

3.4. O posicionamento do poder legislativo ao realizar concurso para técnico legislativo (área de pesquisa legislativa) e não especificamente para bibliotecário.

Esta situação tem provocado uma mobilidade profissional razoável e alguns profissionais passaram a ver a interiorização como uma boa alternativa para resolver o problema.

Rubens Borba de Moraes, em 1975, dizia da necessidade de incluir no Currículo de Biblioteconomia matériais como custos operacionais e bom senso. Bom senso, acrescentamos, também para que o profissional esteja em condições de avaliar o significado da nomeação de um profissional de outra área para a direção, por exemplo, da Biblioteca Nacional. Talvez seja a hora não só de rever currículo mas também de uma tomada de posição crítica dos nossos profissionais.

Digitalizado gentilmente por:

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDRADE, A. de A. Considerações sobre o recrutamento de pessoal. *R. Esc. Bibliotecon. UFMG, 2* (2):160-75, set. 1973.

2. CUNHA, M.B. da. Mercado de trabalho para o bibliotecário. In: CONGR. BRAS. BIBLIOTECON. E DOC., 9. JORNADA SUL-RIO-GRANDENSE DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 5. Porto Alegre, 1977. *Anais.* v. 2, p. 139-48.

3. FERREIRA, M.L.A. de G. Seminário sobre "a formação do Bibliotecário face às exigências profissionais da atualidade". *R. Esc. Bibliotecon. UFMG, 2* (2): 251-63, set. 1973.

4. FONTOURA. M.T.W.T.C. *Ocupação efetiva do bibliotecário e a relação desta ocupação com as atribuições formais.* Porto Alegre, UFRGS, 1980. 109 p. Tese (Mestrado).

Digitalizado gentilmente por:

Avaliação da Coleção de Periódicos Correntes da Biblioteca do Centro de Processamento de Dados Pós-Graduação em Ciência da Computação (CPD/PGCC) da UFRS: Metodologia e Resultados

*Margarida Cecília Schmidt Buchmann**
*Zita Catarina Prates de Oliveira**
*Carlos Ernesto Rech**

* Bibliotecários do Centro de Processamento de Dados/Pós-Graduação em Ciência da Computação, Porto Alegre.

CDU 025.2

O trabalho descreve a metodologia utilizada para avaliar a coleção de periódicos correntes da Biblioteca do CPD/CPGCC da UFRGS. São apresentados os resultados da avaliação bem como as inesperadas conseqüências da mesma nas relações Biblioteca/Comunidade usuária.

1. INTRODUÇÃO

A rápida expansão da coleção de periódicos da Biblioteca do CPD/PGCC, resultante do desenvolvimento das linhas de pesquisa do PGCC, não foi acompanhada por critérios formais que disciplinassem a seleção dos títulos a serem adquiridos. Entretanto, a preocupação com a formação de uma coleção qualitativamente significativa e as pressões com relação a espaço físico e verba levaram a biblioteca a desenvolver a presente avaliação de sua coleção de periódicos correntes (ver Gráfico 1).

Como objetivos básicos desta avaliação se pretendeu:

– determinar a freqüência de consulta de cada título,

– determinar o núcleo básico da coleção,

– determinar periódicos de interesse para cada linha de pesquisa, possibilitando também a elaboração de perfis de interesse,

Digitalizado gentilmente por:

para a divulgação seletiva de sumários de periódicos,

– identificar títulos a serem descontinuados e, na medida do possível,

– estabelecer critérios para seleção de títulos novos.

2. METODOLOGIA

2.1. Histórico dos Títulos

Foi feito o levantamento da coleção de periódicos correntes da Biblioteca do CPD/PGCC, identificando, para cada um deles:

- título
- periodicidade
- revistas de resumos onde eram indexados
- forma de aquisição/fonte/preço
- disponibilidade em outras bibliotecas da UFRGS
- assuntos
- número de consultas em 1979/80

Como produto deste levantamento se obteve o total de títulos consultados em 1979/80 (Quadro 1), o núcleo básico da coleção constituído pelos títulos mais consultados (Quadro 2), a forma de aquisição (Quadro 3) e a lista dos periódicos não consultados em 1979/80 (Lista 1).

Autores (1,2) que estudaram o comportamento da literatura científica sugerem que uma coleção de periódicos é estruturada por zonas onde um pequeno número de títulos contém grande parte da literatura do assunto (núcleo básico da coleção) enquanto o restante da literatura se encontra dispersa em um grande número de títulos (coleção marginal). A porcentagem considerada ideal para o núcleo básico é de 20% dos títulos da coleção total (ver Gráfico 2).

Conforme demonstra o Quadro 2, o núcleo básico da coleção de periódicos da Biblioteca do CPD/PGCC é constituído por 26 títulos que, correspondem a 20% do total da coleção.

Dos títulos do núcleo, 11 apresentam coleções completas, sendo que 2 deles no Instituto de Física (anos anteriores a 1978).

Ainda no Quadro 2, cada título é indexado em média em quatro *abstracts* (revistas de resumos). A Biblioteca possui oito *abstracts* mais significativos na área de Computação, o que permite supor que os periódicos do núcleo básico possuem um bom número de acessos para recuperação de autores, títulos e assuntos de seus artigos.

A lista de periódicos não consultados em 1979/80 reúne 36 títulos (Lista 1).

O Quadro 3 demonstra a forma de aquisição e fonte pagadora da coleção de periódicos. Verifica-se que a quase totalidade do acervo é adquirida por compra (93%), cabendo, ao PGCC, a manutenção da maior parte da coleção.

2.2. Entrevistas

Complementando os dados para a avaliação, foram realizadas, entrevistas individuais com os líderes de linhas de pesquisa.

As entrevistas permitiram aos líderes uma visão global dos títulos existentes na biblioteca, como também a identificação daqueles de real interesse para cada linha de pesquisa, independentemente de terem sido ou não consultados no período 1979/80. Esta identificação oferece subsídios também, para a elaboração de perfil de interesse para cada linha de pesquisa, que passará a receber os sumários dos periódicos escolhidos.

Nesta etapa foi sugerido o cancelamento de dois títulos e foram também identificados treze títulos que, embora não tenham sido consultados, serão utilizados por futuras linhas de pesquisa (7 títulos em Controle e 6 em Microeletrônica).

Digitalizado gentilmente por:

No Quadro 4 verifica-se que a maioria dos títulos selecionados por cada linha de pesquisa, no total de títulos da coleção, foram consultados no período de 1979/80 e, em alguns casos, há também alta coincidência de títulos selecionados e integrantes do núcleo básico.

A baixa percentagem de títulos de interesse para as linhas de pesquisa AN, CG e SO sugerem a aquisição de títulos novos nestas áreas.

3. CONCLUSÃO E SUGESTÕES

3.1. Conclusão

A análise dos dados coletados na avaliação da coleção de periódicos da Biblioteca do CPD/PGCC forneceu elementos para:

- confirmar os títulos integrantes do núcleo básico da coleção, uma vez que, se repetiram aqueles identificados em trabalho anterior (4).
- identificar títulos que deverão ser submetidos ao CPD/PGCC com vistas a continuidade ou não de sua assinatura (Quadro 5).
- planejar as futuras aquisições do Setor de Periódicos.

3.2. Sugestões

a. Completar coleções incompletas do núcleo básico.

b. Dar prioridade à aquisição de novos títulos solicitados pelas linhas de pesquisa que apresentam menos de 10% de títulos de interesse no total da coleção (AN, CG, SO).

c. Formar uma comissão no PGCC para apreciar os Títulos em Observação constantes do "Quadro 5" com vistas a selecionar os títulos a serem mantidos ou cancelados já em 1982.

d. Determinar parâmetros para a seleção e corte de títulos.

4. ATIVIDADES DA COMISSÃO DO PGCC

A avaliação acima descrita foi encaminhada à Coordenação do PGCC e aos oito líderes de linhas de pesquisa, com um convite para uma reunião com os bibliotecários, para apreciar as sugestões apresentadas e analisar os "Periódicos em Observação" (Quadro 5).

A comissão definiu alguns critérios para a manutenção ou cancelamento de títulos, integrantes do Quadro 5:

1. o título seria mantido quando não houvesse unanimidade quanto ao seu cancelamento ou não;

2. periódicos duplicados com o Instituto de Física seriam mantidos sempre que fossem de interesse específico para as linhas de pesquisa.

Os títulos cancelados num total de US$ 1.335.00 estão listados no Quadro 6. Tais títulos serão substituídos por títulos novos solicitados pelas linhas de pesquisa AN, CG e SO conforme a sugestão "b" apresentada no trabalho de avaliação.

As outras decisões da comissão foram:

— completar edições incompletas do núcleo básico desde que não existissem no Instituto de Física da UFRS;

— realizar a avaliação anualmente, para que pudesse ser mantido um maior controle de qualidade da coleção de periódicos correntes;

— evitar a aquisição de títulos já adquiridos pelo Instituto de Física;

— para a aquisição de novo título a biblioteca fornecerá aos professores informações sobre:

a. área de abrangência do novo título (assuntos),

b. custo da assinatura,

c. autoridade do editor/corpo editorial,

d. índices e *abstracts* onde é indexa-

Digitalizado gentilmente por:

e. disponibilidade em outras bibliotecas da UFRGS.

De posse desses dados será então decidida a aquisição do novo título.

A proposta inicial da avaliação foi atingida, mas o trabalho gerou também alguns resultados inesperados. A partir da reunião com os líderes de linhas de pesquisa:

- ocorreu um estreitamento nas relações informais entre professores e bibliotecários, ampliando e melhorando a comunicação biblioteca/usuário,
- a partir deste fato, a biblioteca passou a desenvolver uma política de relações públicas baseada em contatos informais com os professores,
- tornaram-se visíveis as lideranças existentes entre os chefes de linhas de pesquisa, e a eles a biblioteca recorre, informalmente, para informar a comunidade usuária sobre suas atividades, seus problemas ou ainda para solicitar colaboração. Tais líderes vêm funcionando como canalizadores de informação para a comunidade, trazendo também para a biblioteca o *feed-back* das informações divulgadas.

BIBLIOGRAFIA

1. BRADFORD, S.C. *Documentação*. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, s.d.
2. SUBRAMANYAM, K. Core Journals in Computer Science *IEEE Transactions on Professional Communications*. PC-19 (2): 22-5, Dec. 1976.
3. UFRGS. *Catálogo do Curso de Pós-Graduação em Ciência da Computação 1981*. Porto Alegre, 1981.
4. VELHO, Ariana V.et alii. *Avaliação da coleção de periódicos da Biblioteca do CPD/PGCC*. Porto Alegre, BC/UFRGS, 1980. 25 p.

Digitalizado gentilmente por:

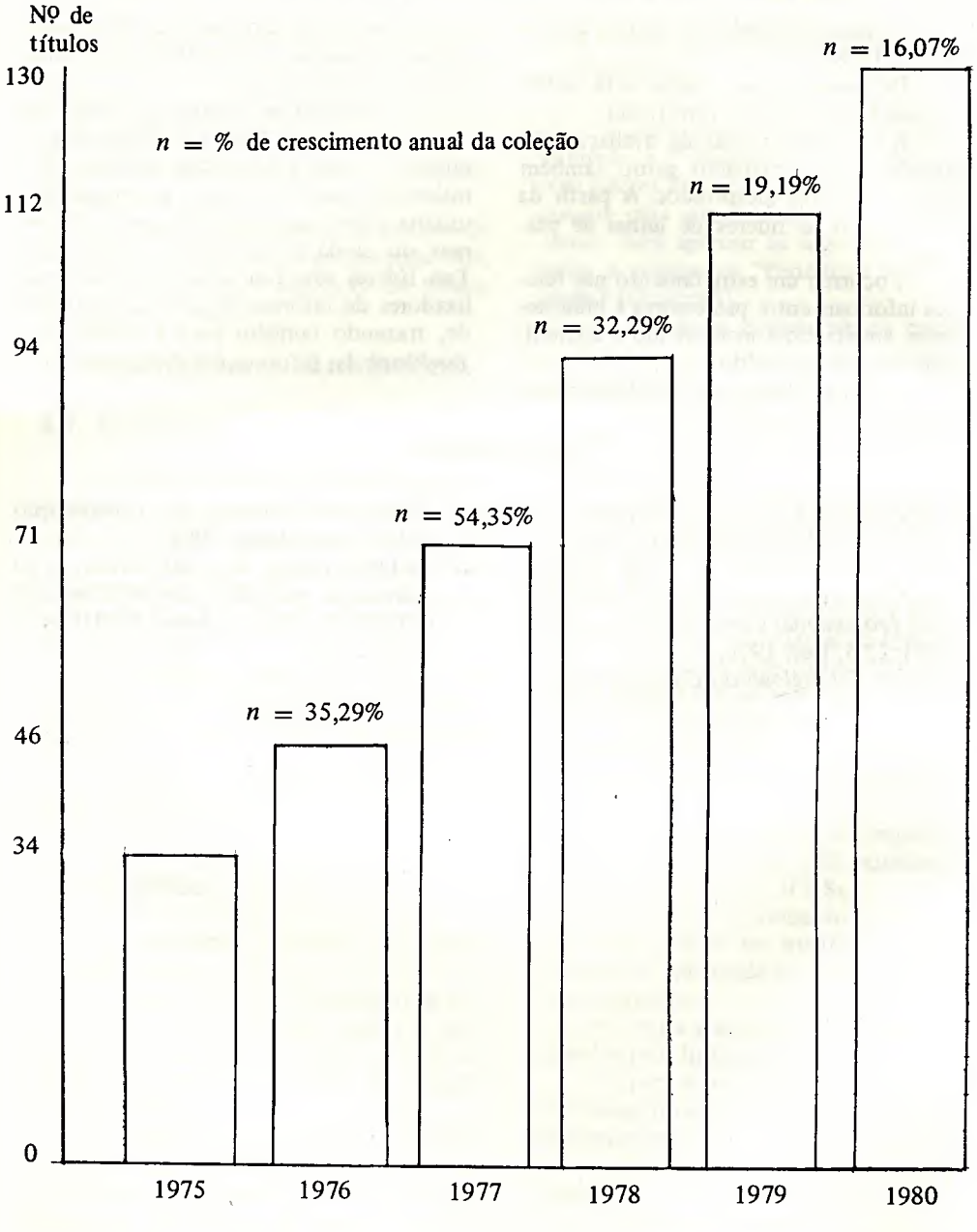


GRÁFICO 1
Porcentagem anual de crescimento da coleção de periódicos

Digitalizado gentilmente por:

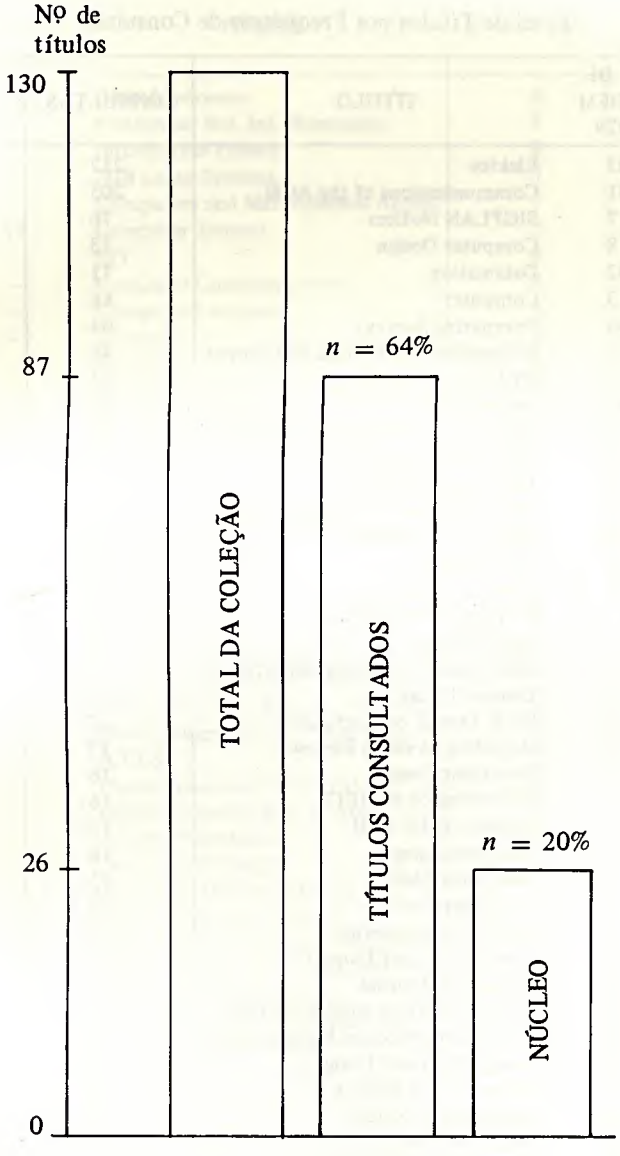


GRÁFICO 2
Porcentagem de títulos consultados e integrantes do núcleo básico do total da coleção

Digitalizado gentilmente por:

Quadro 1

Total de Títulos por Freqüência de Consultas

Nº DE ORDEM 1980	Nº DE ORDEM 1979	TÍTULO	CONSULTAS	COLEÇÃO COMPLETA
01	03	Elektor	217	
02	01	Communications of the ACM	205	X
03	17	SIGPLAN Notices	76	
04	18	Computer Design	73	
05	02	Datamation	71	X
06	13	Computer	66	
07	06	Computing Surveys	64	X
08	27	Monografias em Ciência da Comput.	48	
09	–	BYTE	45	
10	08	Electronics	40	
11	32	IEEE Trans. on Software Engineer.	38	
12	09	ACM Trans. Data Base	37	X
13	26	Mini-Micro System	37	
14	36	Microprocessors & Microsystems	34	
15	05	IBM Systems Journal	33	X
16	04	EDP Analyzer	27	
17	11	Computer Graphics	26	
18	–	Computer Networks	22	X
19	30	Digital Design	20	
20	–	IEEE Transc. on Communications	20	
21	10	Dados e Idéias	19	X
22	23	IEEE Transc. on Computers	17	
23	33	Operating Systems Review	17	
24	–	Electronic Design	16	
25	–	Proceeding of the IEEE	16	
26	07	Journal of the ACM	15	X
27	–	Data Processing	14	
28	20	Acta Informática	13	
29	–	Computerworld	13	
30	–	Eletronic Engineering	12	
31	14	Hewlett-Packard Journal	12	
32	31	Euromicro Journal	11	
33	–	IEEE Journal on Solid State Circ.	11	
34	15	ACM Transaction on Mathem. Soft.	10	X
35	28	Computer Aided Design	10	
36	–	Computers in Biology	10	
37	12	Information Systems	10	X
38	34	SIGNUM Newsletter	10	
39	21	Computers in Education	9	
40	19	IBM Journal of Research and Devel.	9	
41	24	SIGMICRO Newsletter	9	
42	–	Computer Program in Biomedicine	8	
43	25	Data Communication	8	

Digitalizado gentilmente por:

Quadro 1 (Continuação)

Nº DE ORDEM 1980	Nº DE ORDEM 1979	TÍTULO	CONSULTAS	COLEÇÃO COMPLETA
44	35	Digital Processes	8	X
45	–	Eletrônica: Bol. Inf. Burroughs	8	
46	–	Information Privacy	8	
47	–	JUB Large Systems	7	
48	–	Computers and Mathematical Applic.	7	
49	16	Computer Journal	7	
50	–	BIT	6	
51	–	Computer Communication	5	X
52	–	Computer Languages	5	
53	–	Deadalus	5	
54	–	Data News	5	X
55	–	Journal of Comm. and Applic. Math.	5	X
56	–	SIGCUE Bolletin	5	
57	–	Automatique et Informatique	4	
58	–	ACM Transaction on Prog. Languages	3	X
59	–	IEEE Communications Magazine	3	
60	–	Microelectronics & Reliability	3	
61	–	MSI-LSI Data Book	3	
62	–	RAIRO: Informatique	3	
63	–	Computer Communic. Reviews	2	
64	–	Data Management	2	
65	–	IEEE Journal on Comp. and Digital	2	
66	–	IEEE Proceedings on Computers	2	
67	–	IEEE Transac. on Inform. Theory	2	
68	–	Linear Integrated Circ. Data Book	2	
69	–	SUCESU	2	
70	–	Telecommunication Journal	2	
71	–	Traffic Engineering & Control	2	
72	–	Computer Medicine	1	
73	–	Computer & People	1	
74	–	Control & Instrumentation	1	
75	–	EDP Performance Reviews	1	X
76	–	IEEE Trans. on Acoustic, Speech...	1	
77	–	IEEE Trans. on Biomedical Engin.	1	
78	–	IEEE Trans. on Education	1	
79	–	IEEE Trans. on Pattern Analysis	1	
80	–	Information & Control	1	
81	–	Journal of Computer & Syst. Science	1	
82	–	Problems of Inform. Transmission	1	
83	–	RAIRO: Analise Numerique	1	
84	–	RAIRO: Recherche Operationale	1	
85	–	Revista Controle e Instrumentação	1	
86	–	Revista Nacional de Telecom.	1	
87	–	Transistor Data Book	1	
		Total	1612	

Digitalizado gentilmente por:

Quadro 2

Títulos mais solicitados (núcleo básico da coleção)

Nº DE ORDEM	TÍTULO	Consultas abs.	%	% cumul.	Indexação	C.C. *
1	Elektor	217	13,46	13,46	1	
2	Communic. of the ACM	205	12,71	26,17	7	x
3	SIGPLAN Notices	76	4,71	30,88	1	
4	Computer Design	73	4,52	35,40	6	
5	Datamation	71	4,40	39,80	6	x
6	Computer	66	4,09	43,89	6	x **
7	Computing Surveys	64	3,97	47,86	7	x
8	Monografias em Ciência da Comp.	48	2,97	50,83	–	
9	BYTE	45	2,79	53,62	3	
10	Electronics	40	2,48	56,10	3	
11	IEEE Trans. on Soft. Engin.	38	2,35	58,45	6	x **
12	ACM Trans. on Data Base	37	2,29	60,74	6	x
13	Mini-Micro Systems	37	2,29	63,03	5	
14	Microproc. & Microsystems	34	2,10	65,13	1	
15	IBM Systems Journal	33	2,04	67,17	6	x
16	EDP Analyzer	27	1,67	68,84	5	x
17	Computer Graphics	26	1,61	70,45	–	
18	Computer Networks	22	1,36	71,81	5	x
19	Digital Design	20	1,24	73,05	3	
20	IEEE Trans. on Communication	20	1,24	74,29	3	
21	Dados e Idéias	19	1,17	75,46	1	x
22	IEEE Trans. on Computers	17	1,05	76,51	7	
23	Operating Systems Reviews	17	1,05	77,56	1	
24	Eletronic Design	16	0,99	78,55	3	
25	Proceedings of the IEEE	16	0,99	79,54	5	
26	Journal of the ACM	15	0,93	80,47	5	

* Coleção Completa
**Volumes anteriores a 1978 no IF

Digitalizado gentilmente por:

Quadro 3

Forma de Aquisição & Fonte Pagadora da Coleção de Periódicos da Biblioteca do CPD/PGCC

Títulos Correntes			Número de títulos		Preço Médio
			Absoluto	%	
Formas de Aquisição	Compra	CPD*	13	10	US$ 99.13
		PGCC**	90	69	
		BC***	18	14	
	Doação		9	7	–
	Total		130	100	US$11.994,15

* Centro de Processamento de Dados
** Pós-Graduação em Ciência da Computação
*** Biblioteca Central

Digitalizado gentilmente por:

Quadro 4

Títulos de Interesse para cada Linha de Pesquisa

Linhas de Pesquisa	Títulos de Interesse			
	No total da coleção (130t.)	%	Na coleção consultada (87t.)	No núcleo básico (26t.)
AN[1]	11	8	10	3
AR[2]	21	16	17	8
CG[3]	10	8	10	7
CD[4]	15	12	14	4
ES[5]	25	19	15	8
LP[6]	13	10	12	8
SI[7]	19	15	17	10
SO[8]	8	6	8	6

1. Análise Computacional
2. Arquitetura de Computadores
3. Computação Gráfica
4. Comunicação de Dados
5. Engenharia de Sistemas
6. Linguagens de Programação
7. Sistemas de Informação
8. Sistemas Operacionais

Digitalizado gentilmente por:

QUADRO 5

Periódicos em Observação

Nº		Fonte Pagadora	Custo 81	Disponib. UFRGS	Índice consultas 80	Situação Atual	Observação
01	J. of Computer & Syst. Science	PGCC	$ 160.00		1		LP e SI solicitaram cancelamento
02	RAIRO: Analysis Numerique	PGCC	$ 35.00	IF	1		AN solicitou cancelamento
03	Linear Integr. Circuit DB*	PGCC	$ 52.55	IF	2	Baixo índice de consultas e duplicação com IF	
04	IEE Trans. Biomed. Eng.	PGCC	$ 10.00	IF	1	" " " " " "	
05	IEE Trans. Education	PGCC	$ 5.00	IF	1	" " " " " "	
06	Transitor DB	PGCC	$ 53.40	IF	1	" " " " " "	
07	The Bell Syst. Tech. J.	PGCC	$ 45.00	IF		Nenhuma consulta em 1979/80 e duplicação com IF	Título novo (1980)
08	Digital Logic Computer Int. DB	PGCC	$ 53.40	II		" " " " " "	
09	IEEE Trans. Cable TV	PGCC	$ 5.00	II		" " " " " "	
10	IEEE Trans. Consumer Electron.	PGCC	$ 5.00	II		" " " " " "	
11	IEEE Trans. Electron. Devices	PGCC	$ 5.00	II		" " " " " "	
12	Trans. Industry Applic.	PGCC	$ 7.00	II		" " " " " "	
13	Interface Int. Circuit DB	PGCC	$ 53.40	II		" " " " " "	
14	Microcomputer DB	PGCC	$ 6.34	II		" " " " " "	
15	Solid State Communic.	PGCC	$ 400.00	II		" " " " " "	
16	Traffic Eng. & Control	PGCC	$ 55.00	II	2	Baixo índice de consultas em 1979/80	
17	Computer Medicine	BC	$ 96.00		1	" " " " "	
18	Computers & People	BC	$ 41.00		1	" " " " "	
19	EDP Performance Review	CPD	$ 120.00		1	" " " " "	Coleção completa
20	Information & Control	PGCC	$ 244.00		1	" " " " "	
21	Problems of Inf. Transm.	PGCC	$ 264.00		1	" " " " "	
22	RAIRO: Recherche Oper.	PGCC	$ 15.00		1	" " " " "	
23	Revista Nac. Telecommunic.	Doação	$		1	" " " " "	Rev. brasileira – Doação
24	Appl. NOte Reference DB	PGCC	$ 16.85			Nenhuma consulta em 1979/80	
25	Die Computer Zeitung	Doação	$			" " " " "	
26	Computers & Medicine	BC	$ 48.00			" " " " "	Pago BC – aplicação
27	Computers & Oper. Research	BC	$ 190.00			" " " " "	Pago BC – aplicação
28	Computers & the Humanities	BC	$ 112.00			" " " " "	Pago BC – Col. completa
29	Diode DB*	PGCC	$ 58.40			" " " " "	
30	Discontinued Int. Circ. DB	PGCC	$ 29.30			" " " " "	
31	EDV in Medizin und Biol.	BC	$			" " " " "	
32	J. of Optimization th. & Appl.	BC	$ 190.00			" " " " "	
33	Memory Integr. Circ. DB	PGCC	$ 53.40			" " " " "	
34	Mini Computer News	PGCC	$ 16.00			" " " " "	
35	Operations Research	PGCC	$ 62.50			" " " " "	
36	RAIRO: Inform. Theorique	PGCC	$ 35.00			" " " " "	
37	Revista IBM	Doação	$			" " " " "	Revista Brasileira – Doação
38	Semiconduc. Appl. Notes DB	PGCC	$ 63.40			" " " " "	
39	SIGIR Forum	CPD	$ 12.00			" " " " "	
40	Solid State Technology	PGCC	$ 40.00			" " " " "	
41	TEKSCOPE	Doação	$			" " " " "	
42	Theoretical Comp. Science	PGCC	$ 253.33			" " " " "	Coleção completa
43	Transportation Research	PGCC	$ 200.00			" " " " "	
44	Information & Management	PGCC	$ 69.74			" " " " "	Coleção completa
45	Production Engineering	BC	$ 80.00			" " " " "	

* Data

** Título não solicitado por nenhuma linha de pesquisa

Digitalizado gentilmente por:

Quadro 6

Títulos cancelados para 1982

Nº	TÍTULO	Fonte Pagadora	Custo 81
01	IEEE Trans. Biomedical Eng.	PGCC	$ 10.00
02	IEEE Trans. Education	PGCC	$ 5.00
03	IEEE Trans. Cable TV	PGCC	$ 5.00
04	Solid State Communic.	PGCC	$ 400.00
05	Computer Medicine	BC	$ 96.00
06	Problems of. Inf. Transmission	PGCC	$ 264.00
07	Computer & Medicine	BC	$ 48.00
08	EDV in Medizin und Biologie	BC	–
09	J. of Optimization Theory & Appl.	BC	$ 390.00
10	Minicomputer News	PGCC	$ 36.00
11	Producting Engineering	BC	$ 80.00

Lista 1

PERIÓDICOS NÃO CONSULTADOS EM 1979/80

01. Application Note Reference DATA Book
02. The Bell System Technical Journal
03. Die Computer Zeitung
04. Computer & Medicine
05. Computers & Operations Research
06. Computers & the Humanities
07. Control Engineering
08. Digital Logic Computer Int. Circuit DATA Book
09. Diode DATA Book
10. Discontinued Int. Circuit DATA Book
11. EDV Medizin und Biologie
12. IEEE Electron Devices Letters
13. IEEE Trans. on Automation Control
14. IEEE Trans. on Cable Television
15. IEEE Trans. on Consumer Eletronic
16. IEEE Trans. on Electron. Devices
17. IEEE Trans. on Industry Applications
18. IEEE Trans. on Instrumentations and Measurement
19. Information & Management
20. Interface Integrated Circuits DATA Book

Digitalizado gentilmente por:

21. Journal of Optimization Theory & Application
22. Memory Integrated Circuit DATA Book
23. Microcomputer DATA Book
24. Minimicro News
25. Operations Research
26. Production Engineering
27. RAIRO: Recherche Operationale
28. RAIRO: Informatique Theorique
29. Revista IBM
30. Semiconductor Applications Notes DATA Book
31. SIGIR Forum
32. Solid State Communication
33. Solid State Technology
34. TEKSCOPE
35. Theoretical Computer Science
36. Transportation Research

Digitalizado gentilmente por:

A Biblioteca Universitária e as Teorias dos Sistemas

Edvaldo de Assis
UFMT/BCD

CDU 027.7

Este trabalho pretende abordar a Biblioteca Universitária através da teoria geral dos sistemas, apresentando sua relação dentro do supra-sistema que a compõe, e as relações entre objetivos e funções nos subsistemas.

1. INTRODUÇÃO

A teoria geral dos sistemas criada pelo biólogo alemão Ludwig von Bertalanffy, nasceu da preocupação deste, na interação das ciências, pois, para este científico, entre ciências quaisquer, sejam físicas, biológicas ou sociais, há uma estrutura similar, ou seja, o isomorfismo. A globalização das ciências em um todo, através da semelhança, tem sido testada, e reconhecida como um caminho viável no momento em que novas ciências têm sido criadas, cada uma com sua especialização.

Bertalanffy resume os objetivos da teoria dos sistemas nos seguintes tópicos:

a) Há uma tendência geral para a integração nas várias ciências, naturais e sociais.

b) Uma tal integração parece estar centrada na teoria geral dos sistemas.

c) Essa teoria pode ser um meio importante para obter uma teoria exata nos

Rev. bras. Bibliotec. e Doc. 14 (3/4): 174-178, Jul./Dez. 1981

Digitalizado gentilmente por:

campos não-físicos de ciência.

d) Ao desenvolver princípios unificadores para o universo de cada ciência, essa teoria nos leva mais perto da unidade da ciência.

e) Isto poderá levar mais à necessária integração da educação científica. (4:200)

A biblioteca universitária é uma organização que poderá ser estudada à luz da teoria geral dos sistemas, apoiando-se nos seus objetivos e identificando suas funções e sua integração dentro do sistema.

Saracevic (apud FERREIRA) conceitua sistema como "um conjunto integrado de componentes que interagem cooperativamente para desempenhar funções predeterminadas com um propósito específico".

Dentro dos sistemas há duas divisões, uma é chamda de sistema fechado, quando não há componentes que interagem, e outra, denominada sistema aberto, caracterizado por acentuada integração entre os seus componentes. A biblioteca, como organização, pertence ao sistema aberto.

2. A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

Operacionalmente a biblioteca universitária é conceituada como um órgão do supra-sistema que dá suporte documental (livros, periódicos, multimeios) para o ensino, pesquisa e extensão.

2.1. Objetivos

O principal objetivo de uma biblioteca universitária é armazenar de forma organizada a informação, a fim de facilitar o seu uso. Para cumprir o seu objetivo pincipal, é necessário que os objetivos básicos sejam determinados:

a) formação e desenvolvimento de coleções;
b) cooperação entre bibliotecas;
c) processamento das coleções;
d) divulgação de serviços;
e) utilização da informação.

O primeiro passo ao se estudar uma organização, é se inteirar dos seus objetivos. Através da abordagem do bom senso e de *inputs* o estudioso é levado a entender o funcionamento de uma organização. Na abordagem do bom senso há um caminho falho, às vezes, estereótipos e localização facilitam ou dificultam a imagem da organização. Líderes, diretores, podem estar agindo de acordo com os seus objetivos, esquecendo os objetivos, de fato, da organização.

Para se ter um trabalho com caracterização científica, o pesquisador terá que estudar a organização a partir de *inputs*.

Inputs é a energia do ambiente que é recebida pelo sistema para o seu funcionamento. Há dois *inputs:* de produção e de manutenção.

3. O AMBIENTE E O *INPUT*

A formação e desenvolvimento de coleções, um dos objetivos básicos citado por (FERREIRA 2:13) dentro da teoria geral dos sistemas, implica em variáveis que serão vistas dentro do supra-sistema "Universidade", que por sua vez depende do ambiente mais próximo, formado pelos professores, pesquisadores-alunos, pessoal técnico-administrativo, etc. A universidade como dependente de outro órgão, neste caso do Ministério de Educação e Cultura, e este do Governo, à medida que, a universidade passa a descer em um organograma governamental, ela passa a descer também na hierarquia dos sistemas (supra-sistema, sistema, subsistema) e mais dependente ela fica do ambiente.

Através do Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, a Políti-

Digitalizado gentilmente por:

ca de Ciência e Tecnologia traçada pelo Governo, como suprassistema, vai refletir na formação e desenvolvimento de coleções. As linhas de pesquisa das universidades serão direcionadas para o interesse do Governo, que determinará as pesquisas prioritárias, conseqüentemente indicarão os órgãos financiadores de projetos, universidades que executarão a política e diretrizes traçadas, os novos cursos de graduação, expansão da pós-graduação, programas, etc. São variáveis determinantes da bibliografia a ser adquirida pela biblioteca, ficando todos os *inputs* de produção (livros, periódicos e multimeios) dependentes do ambiente.

4. SUBSISTEMA DE MANUTENÇÃO

No subsistema de manutenção os *inputs* alimentadores do sistema são as pessoas que vão desenvolver as atividades, contribuindo para o crescimento e expansão da biblioteca.

Na teoria dos sistemas, na concepção da natureza humana de que o "homem é funcional" passam a ser importante para o sistema, os papéis desempenhados pelo pessoal do subsistema de manutenção. O comportamento dos indivíduos e o seu inter-relacionamento passa a ser preocupação dentro do sistema, pois as funções serão executadas de acordo com as normas da organização, o grau de liberdade, a socialização, estímulo, etc.

Os indivíduos constituem o elemento básico do subsistema de manutenção. Assim a escolha do pessoal através de seleção e treinamento, socialização, empregos de normas, são medidas que visam à "preservação de um estado firme no sistema" (3: 109). Geralmente as pessoas são contra qualquer mudança que venha a ocorrer em uma organização. O conservantismo está sempre presente no subsistema de manutenção. Porém o cumprimento de normas deve ser exigido como pressão vinda do ambiente.

5. SUBSISTEMA TÉCNICO

Todos os elementos considerados *inputs* de produção são processados pelo subsistema técnico. Nos trabalhos bibliotecários, a classificação, catalogação, registro, indexação, são processos pelos quais passam o material bibliográfico e multimeios para sairem como produtos para atendimento das necessidades do usuário. O objetivo básico – processamento das coleções – está sob a responsabilidade desse subsistema.

No subsistema técnico, a transformação de energia constitui um ciclo de eventos que vai caracterizar a principal função do sistema. A dinâmica usada neste subsistema é a "Proficiência" e o mecanismo é a "Divisão de trabalho", estabelecimento de especificação e padrões de cargo (3:108). O bibliotecário não deve ser muito minucioso nas suas tarefas, é necessário adequá-las considerando o tipo de usuário. A eficiência dos serviços técnicos nem sempre faz com que a organização seja eficiente, o que deve estar em mira são os objetivos da organização. O bibliotecário proficiente demais pode causar prejuízos financeiros à organização. Tarefas que poderiam ser executadas em 4 horas, ele levaria um dia ou mais.

Na teoria geral dos sistemas, a divisão de trabalho se baseia na proposição da departamentalização, considerando a coerência dos tipos de serviço.

No subsistema técnico deve ser estabelecido o manual de serviços, as normas de catalogação, as tabelas de classificação, *theasaurus*, catálogo de decisão, etc. Embora seja tudo estabelecido para a uniformização das tarefas, a maneira de realizá-las não será rígida, porque o sistema apresenta entre seus parâmetros a "Equifinalidade", no

Digitalizado gentilmente por:

qual por várias maneiras se pode alcançar o mesmo estado final, com origens em diversas considerações iniciais.

6. SUBSISTEMA DE APOIO

É através do subsistema de apoio que a biblioteca se inter-relaciona com outros òrgãos congêneres, buscando auxílios mútuos através da "cooperação entre bibliotecas." (FERREIRA, 2:13). Nenhuma biblioteca, por melhor que seja o seu acervo, está capacitada a atender aos seus usuários em todos os assuntos. No momento em que as ciências se especializam, todas as bibliotecas acompanham este desafio científico, porém torna-se inviável a organização de um acervo que venha satisfazer a todas as especializadas científicas.

A biblioteca, para cumprir um dos objetivos básicos a que se propõe, imprescinde acompanhar os novos conhecimentos que surgem, as pesquisas em relevâncias e os respectivos países produtores, além de formar um catálogo de endereços de instituições, receber listas de duplicatas, participar do catálogo coletivo regional, coletar as várias bibliografias editadas, realizar a comutação bibliográfica.

A biblioteca pode firmar convênios com órgãos que vão sustentar o sistema, através do intercâmbio transacional com o ambiente – é o "sistema de frontcira", proposto na teoria geral dos sistemas, cujas funções são de procura e alienação.

Através do sistema de fronteira caberá à biblioteca descobrir quais são as informações prioritárias em determinadas instituições. No Brasil, no campo das ciências biomédicas encontra-se a BIREME (Biblioteca Regional de Medicina), no campo das ciências agrárias a BINAGRI (Biblioteca Nacional de Agricultura) e a EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias).

Para a tecnologia, no Brasil o órgão centralizador das informações é o IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia).

7. SUBSISTEMA ADAPTATIVO

A função do subsistema adaptativo é o planejamento, pesquisa e desenvolvimento e a informação. Este substistema está mais ligado ao ambiente do que à organização. Dele depende muito a sobrevivência da biblioteca. Todos os serviços, ou melhor, os objetivos que a biblioteca propõe a atingir, são identificados e mensurados pelo subsistema adaptativo.

Os *outputs* são lançados no ambiente e a maneira de reação ambiental será vista pelo subsistema que desempenha o papel de acompanhamento, interagindo nos demais subsistemas.

O subsistema adaptativo interage no subsistema de apoio, fornecendo para este, através da estrutura de fronteira, informações que vão facilitar a biblioteca a atingir um dos objetivos básicos, ou seja, a cooperação entre bibliotecas.

7.1. *OUTPUT*

A biblioteca deve estar sempre em consonância com o ambiente, nada é válido se não houver um trabalho sistêmico. Somente pelos *inputs* recebidos não se pode verificar a eficiência e a eficácia da biblioteca. Deve haver todos os subsistemas interagindo.

O ambiente espera pela biblioteca porque ela tem seus objetivos que vão dar o apoio documental aos professores, alunos, pesquisadores, etc. Os serviços oferecidos devem ser divulgados para a compreensão do sistema e como produto deste. A utilização da informação também é outro produto que a biblioteca espera obter ao ambiente, fazendo uma avaliação dos seus produtos, realimentando, dessa forma o sistema.

Digitalizado gentilmente por:

8. AVALIAÇÃO E REALIMENTAÇÃO

Os serviços prestados pela biblioteca para atendimento das necessidades dos usuários são produtos, *outputs,* que devem ser avaliados. Os estudos de usuário são atividades que devem ser realizadas pela biblioteca, através do subsistema adaptativo, visando determinar quais serão as mudanças a serem realizadas para adequar os serviços aos interesses dos usuários.

A biblioteca poderá ser realimentada para *inputs,* negativos, em virtude da sua qualificação. Estes *inputs,* de caráter informativo, são de grande importância ao aperfeiçoamento de todo o sistema, pois apontam os pontos de estrangulamento em seu próprio funcionamento e em relação ao contexto onde está inserido.

9. CONCLUSÃO

A biblioteca, como uma organização complexa, pode ser estudada à luz da teoria geral dos sistemas, definindo seus objetivos, funções e estabelecendo seus parâmetros ambientais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CESARINO, Maria A. da Nóbrega. *O ensino de biblioteconomia: um currículo* a ser mudado. Rev. Esc. (Bibliotecon. UFMG (Belo Horizonte) 2(1):45.
2. FERREIRA, Gilda Pires. *A biblioteca universitária em perspectiva sistêmica.* Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1977.
3. KATZ, Daniel & KAHN, Robert L. *Psicologia social das organizações.* 2. ed. São Paulo, Atlas, 1976.
4. LODI, João Bosco. *História da adminis-tração.* São Paulo, Atlas, 1976.
5. MOTTA, Fernando C.P. *Teoria geral da administração.* 7. ed. São Paulo, Pioneira, 1979.

Digitalizado gentilmente por:

Política de Aquisição e Descarte: Metodologia de apoio para as Bibliotecas*

CDU 025.2

Solange Puntel Mostafa
PUC-CAMPINAS

Analisa o problema das coleções do ponto de vista da sua adequação aos usuários. Sugere modelo de avaliação para livros e prepublicações (monografias em geral) baseado em perfis de interesse de usuários, tamanho da coleção e intensidade de uso, todas as 3 variáveis analisadas na categoria ASSUNTO. Essas informações são conjugadas para sugerir políticas de aquisição e descarte.

1. INTRODUÇÃO

As análises de coleção são todas elas autojustificadas, independentemente das categorias de materiais que compõe essas coleções (livros, revistas ou prepublicações) e independentemente das metodologias utilizadas nessas análises.

Isso porque por trás de todos os estudos de coleção existem objetivos comuns à própria existência da biblioteca. A biblioteca existe para servir de mediadora entre o indivíduo que produz informação e o indivíduo que a consome. A biblioteca depende pois de um instrumento (coleção) para realizar sua tarefa.

* Trabalho baseado na dissertação de mestrado apresentada pela autora ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Digitalizado gentilmente por:

Ao analisar as coleções estamos sempre visando o problema de adequação. Por adequação da coleção entende-se o grau de compatibilidade existente entre o que a biblioteca considera relevante e o que o usuário considera relevante. Adequar a coleção é pois aproximar biblioteca e usuário a fim de que se estabeleça uma relação biunívoca entre esses agentes.

Ora, se a biblioteca para existir precisa existir dentro dessa conformidade biunívoca é justo que ela cuide de averiguar o grau em que essa relação acontece.

Invariavelmente todos os estudos de coleção estão impregnados de sistemismo, isto é, as coleções são encaradas como um sistema; esse sistema compõe-se de partes distintas que se integram para um fim comum. Do ponto de vista epistemológico fica claro que essas análises só respondem a indagações conjunturais, circunstanciais e nunca a indagações subjacentes à aparência dos fatores que estamos analisando.

Ao analisar sistemicamente uma coleção vamos descobrir como está essa coleção, o que constitue a fase do diagnóstico; ter-se-á resposta para a seguinte pergunta: A coleção está boa ou ruim? Após o diagnóstico passa-se a fase da terapia, isto é, ter-se-ão algumas medidas e indicações de como tornar aquele diagnóstico mais favorável.

Naturalmente os estudos que conseguem ultrapassar a fase do diagnóstico fornecendo, além do diagnóstico, uma receita para que a biblioteca volte ao equilíbrio esperado são bastante mais úteis, na medida em que são imediatamente operacionais e portanto realizáveis; de posse desses estudos a biblioteca pode executá-los.

Estudar as coleções nesses dois níveis é importante para direcionar as políticas da biblioteca quanto à aquisição, quanto à acessibilidade e quanto ao descarte. Esses três processos estão de tal forma interligados que a falha em qualquer um deles traz prejuízo para a coleção como um todo e conseqüentemente acarreta prejuízo na sua utilização. O problema de utilização das coleções é algo mais sério do que parece e obedece a leis mais ou menos padronizadas no regimento de qualquer estoque. É sabido que em qualquer estoque haverá partes de muita utilização e outras partes de demanda moderada bem como algumas partes que nunca serão utilizadas.

Essa situação é muito típica nas bibliotecas onde o produto armazenado é a informação, vinculada a uma necessidade de informação, necessidade essa que varia no tempo. O fato da coleção não estar atendendo hoje às necessidades da clientela não quer dizer que houve uma política errada no passado, mas simplesmente que os interesses mudaram.

O bibliotecário ciente disso, precisa identificar essas partes de elevada demanda para agilizar todo o processo, pois não adianta acertar na compra de material e falhar no descarte do material inútil. Da mesma forma, o material útil varia no grau de sua utilidade: alguns são mais úteis do que outros e portanto necessitam estar disponíveis em diferentes graus de acessibilidade, já que o fato do material estar disponível (a biblioteca possue o documento) não quer dizer que ele é imediatamente acessível.

A metodologia não é totalmente original ou inovativa; parte dela (por exemplo, a questão do Uso Relativo) está sugerida na literatura por JAIN ([3]) e BONN [1,2] nos trabalhos apontados na bibliografia, mas é LANCASTER ([4]), no 5º capítulo do seu livro, quem dá uma visão de conjunto dos possíveis métodos de tratar o problema. Conquanto esses autores colaboraram muito na elaboração do trabalho, muito do esquema lógico é calcado na observação mesma dos problemas reais da instituição onde o estudo foi realizado, o Instituto de Pesquisas Espaciais de São José dos Campos, SP.

Digitalizado gentilmente por:

2. MODELO DE AVALIAÇÃO

O modelo que vamos apresentar pode ser utilizado para coleções monográficas, quer sejam livros quer sejam prepublicações do tipo relatórios técnicos ou mesmo folhetos em geral.

No nosso caso foi aplicado à coleção de preimpressos (predominantemente relatórios técnicos) da biblioteca do Instituto de Pesquisas Espaciais em São José dos Campos, SP, onde o estudo foi realizado. Para esse tipo de material, recomenda-se que a avaliação seja feita a intervalos de digamos dois anos, dada à instabilidade tanto em forma quanto em conteúdo dessas publicações. O acesso a elas torna-se difícil, tanto por parte da biblioteca em adquirí-las quanto por parte do usuário em acessá-las na biblioteca, o que contribui grandemente para sua subutilização, sem falar no fator de alta obsolescência que caracteriza essas publicações, face a determinadas áreas do conhecimento.

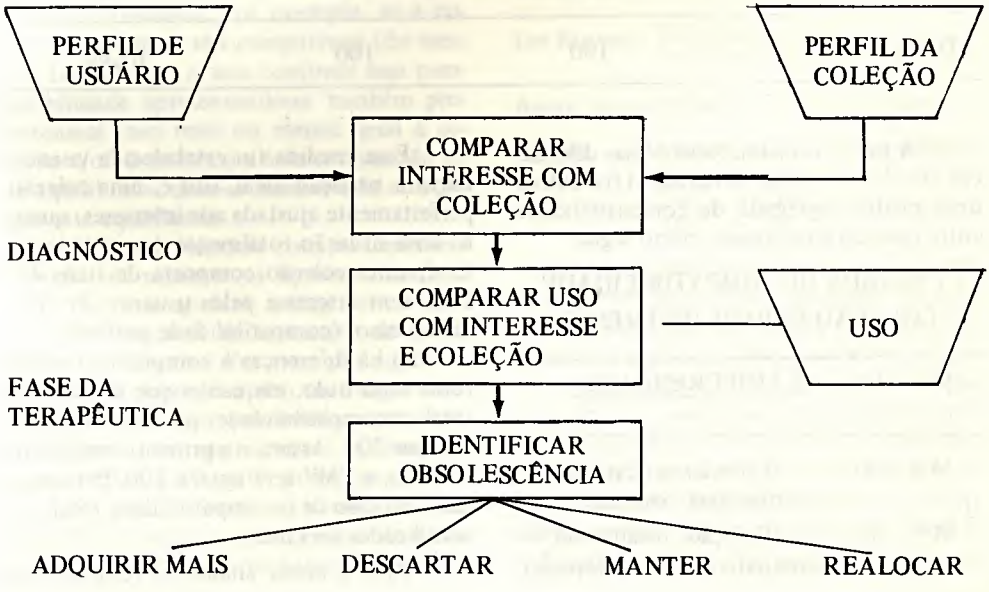
Naturalmente que se o modelo for aplicado a livros, pode-se estender o intervalo para digamos de 5 em 5 anos.

3. METODOLOGIA BÁSICA E RESULTADOS

A metodologia básica consiste em levantar o perfil de interesse dos usuários e constratá-lo com a coleção existente (que também foi levantada por assunto) a fim de detectarmos o nível de compatibilidade dessas duas variáveis: coleção e interesses.

Ao nível geral de compatibilidade obtida nessa comparação, será introduzida uma terceira variável que é o USO percebido na coleção, para determinarmos se o uso confirma ou não aquela desejada compatibilidade. O raciocínio lógico da metodologia pode ser melhor visualizado no seguinte fluxograma:

FLUXOGRAMA DA METODOLOGIA GERAL



Digitalizado gentilmente por:

A partir de agora, estaremos intercalando a metodologia com alguns resultados parciais obtidos na análise, a fim de visualizarmos melhor o conjunto.

Na leitura do fluxograma, podemos identificar duas fases de avaliação: diagnóstico e terapia.

Para a fase de diagnóstico, coleção e interesse, expressos em percentuais dos totais (na tabela 1, sensoriamento remoto foi um assunto que representa 12% do interesse total dos usuários e representa 4,2% da coleção total) foram comparados e os desvios ou diferenças entre essas duas variáveis foram somadas numa coluna intitulada DIFERENÇAS nas mesma tabela 1.

Tabela 1: **COMPARAÇÃO DE INTERESSE COM COLEÇÃO**

ASSUNTO	INTERÊSSE % (Z)	COLEÇÃO % (X)	DIFERENÇAS | Z – X |
Sensoriamento remoto	12,0	4,2	7,8
Telecomunicações	11,0	6,3	4,9
Metereologia	9,8	4,5	5,3
Comp. (Progr.)	5,7	2,1	3,6
Astrofísica	5,2	11,1	5,9
. .	. .	. .	. .
. .	. .	. .	. .
. .	. .	. .	. .
TOTAL	100	100	69,80

A partir do somatório dessas diferenças *absolutas* (69,80 na tabela 1) foi obtida uma medida agregada de compatibilidade entre coleção e interesses, como segue:

3.1 MEDIDA DE COMPATIBILIDADE: COLEÇÃO VERSOS INTERESSE

$$M = 100 - \frac{\Sigma \mid \text{DIFERENÇAS} \mid}{2}$$

M = 100 (Coleção perfeitamente compatível com interesse)

M = 0 (Coleção totalmente incompatível com interesse)

Essa medida foi estabelecida visando tanto a situação ideal, isto é, uma coleção perfeitamente ajustada aos interesses, quanto uma situação totalmente desajustada, isto é, uma coleção composta de itens em áreas sem interesse pelos usuários. No primeiro caso, (compatibilidade perfeita), como não há diferenças a computar, o somatório seria nulo, enquanto que no caso de total incompatibilidade, as diferenças somariam 200. Assim, no primeiro caso mencionado, o "M" será igual a 100. Por outro lado, no caso de incompatiblidade total, esse indicador será nulo.

Para a nossa análise M resultou em

Digitalizado gentilmente por:

65,10% pois:

$$M = 100 - \frac{69,80}{2} = 65,10\%$$

Embora essa medida não possibilite nenhuma tomada de decisão, ela colabora no julgamento da coleção como um todo, cumprindo a primeira fase da avaliação.

Embora não se possa afirmar que 65,10% seja um índice baixo, certamente que o aumento dessa compatibilidade é desejável, o que poderá ser conseguido com as medidas de correção, que a segunda fase da avaliação indicará.

Na fórmula de compatibilidade acima, foi possível computar um índice geral suficiente para o diagnóstico, mas há necessidade de uma comparação particularizada por assunto entre coleção, interesses e uso para procedermos à leitura da segunda fase apontada no fluxograma, a terapia.

Se a coleção for proporcional ao interesse naquele determinado assunto, devemos esperar que o uso também o seja; *o uso será então uma variável de apoio*, que nos confirmará ou não a veracidade daquela compatibilidade. Por exemplo, se a coleção e interesse são compatíveis (do mesmo tamanho) e o uso confirma essa compatibilidade apresentando-se também proporcional (uso mais ou menos igual à coleção e/ou interesses) a área em questão está equilibrada: deve-se manter essa coleção que está equilibrada.

Se o uso coincidir com ou somente a coleção ou somente os interesses naquela área, isso nos ajudará a diagnosticar se a correção é através de acréscimo de publicações ou descarte. Por exemplo, suponhamos que o interesse é alto em relação à coleção e o uso é proporcional ao interesse: temos uma área que deve ser incrementada necessitando de maior investimento.

Da mesma forma, se temos uma área com baixo interesse, coleção grande e baixo uso, temos uma área para sofrer descarte; *o nível de discrepância* nos indicará se o descarte deverá ser agudo ou parcial; o mesmo se dá quando a correção é para adquirir mais publicações.

Nos casos em que o uso não coincidir com interesses, ele não adicionará no diagnóstico e portanto as decisões de descarte ou aquisição não serão tomadas com a mesma certeza como nos outros casos. Mesmo assim, o interesse continuará sendo a base dessas decisões.

O *uso relativo*, isto é, o uso obtido em relação com o que existe para ser usado, será calculado para cada assunto a fim de facilitar a interpretação dos dados.

O uso relativo é expresso na fórmula:

$$R = \frac{H + I}{S} \times 100$$

Onde R é o fator de uso relativo

H e I são amostras de circulação interna e externa.

S é o número de itens da coleção.

Em outras palavras o uso relativo pode ser expresso na seguinte equação:

$$\text{Uso Relativo} = \frac{\text{Percentagem de uso}}{\text{Percentagem de Coleção}}$$

Assim, numa situação hipotética teríamos:

Assunto	Coleção	Uso	Uso Relativo
A	10%	10%	1
B	30%	10%	0,3
C	10%	30%	3

Os subconjuntos com o menor R são os de menor importância do ponto de vista do uso. Um fator uso igual a 1,0 (como no assunto A acima), indica que o uso e a coleção estão proporcionais, isto é, a coleção tem um uso ideal, portanto proporcional ao seu tamanho. Um fator uso menor que 1,0 indica que o uso foi menos intenso do que a coleção poderia "aguentar". Conseqüentemente, um fator uso maior que 1,0 indicaria que o uso foi maior do que o es-

Digitalizado gentilmente por:

3.2 Tabela 2: **COMPARAÇÃO DE INTERESSE, COLEÇÃO E USO**

ASSUNTO	INTERESSE % (Z)	COLEÇÃO % (X)	USO % (Y)	USO RELATIVO (Y/X)	
1. SENS. REM.	12	4,2	13,2	3,1	+ +
2. TELECOMUN.	11,2	6,3	5,1	0,8	+
5. ASTROFÍSICA	5,2	11,1	2,3	0,2	– –
9. GEOFÍSICA	3,5	5,9	3,8	0,6	–
20. FÍS. NUCLEAR	1,1	2,3	0,3	0,1	–R

perado ou do que aquela coleção, naquela categoria particular (assunto) poderia aguentar.

Assim, temos na tabela 2, resultados parciais ilustrados de cada caso identificado para a correção.

Os assuntos na tabela 2 estão ordenados por ordem decrescente de importância que a pesquisa de perfil do usuário revelou. Assim, sensoriamento remoto é assunto que alcançou maior nº de pontos no perfil e Física Nuclear é o 20º assunto em importância. Ao todo foram trabalhados 27 assuntos de um total de aproximadamente 300 assuntos. A metodologia de compactação desses assuntos em apenas 27 está explícita no trabalho original[5].

Sensoriamento Remoto na tabela 2 é um assunto que necessita de acréscimo significativo de publicações: a coleção está pequena para o "tamanho" do interesse nela demonstrado, que é quase o triplo e o uso confirma aquele interesse, apresenta-se também alto. No caso de Telecomunicações que também é um assunto de muito interesse na instituição, (o 2º mais importante na tabela 2), já não apresenta um uso muito alto, o que não permite um acréscimo volumoso de publicações mas ainda assim precisa de um acréscimo moderado. No caso de Astrofísica há necessidade de descarte acentuado de publicações, pois a coleção está demasiadamente grande (11,2% na tabela 2) se comparada com o interesse, além de que o uso em nada encouraja o seu tamanho. Física Nuclear é um caso para possível remanejamento para uma área de menor custo: tudo é muito baixo (tanto o interesse quanto a coleção ou uso) para justificar sua permanência na biblioteca.

3.3. OUTRAS COMPARAÇÕES

Além das comparações chaves nessa avaliação quais sejam, o balanceamento apresentado entre coleção, interesse e circulação, outras comparações foram possíveis a fim de melhor compor o quadro geral de avaliação. Duas outras variáveis foram medidas: Idade das publicações e o crescimento da coleção.

3.3.1 IDADE DAS PUBLICAÇÕES

Identificamos a idade de uso da coleção. Por exemplo, o assunto A conta com 500 publicações das quais 100 são de 1973,

Digitalizado gentilmente por:

200 de 1975 e assim por diante. Isso nos possibilitou calcular as médias das idades de cada assunto gerando informações do tipo: o assunto A está com 10 anos de idade, o assunto B com 7 e assim por diante. O mesmo processo repetiu-se com as publicações circuladas. Isso nos possibilitou verificar a idade de uso em relação à idade da coleção para verificar se o baixo uso em algumas áreas poderia ser explicado pela desatualização da coleção nessas mesmas áreas.

Assim, alguns resultados podem ser visualizados na tabela 3: a comparação das duas colunas de idade não mostra grandes discrepâncias entre idade de uso e idade da coleção, o que mostra que não está havendo concentração de uso nas publicações mais recentes: os usuários estão utilizando em média, publicações com 8.3 anos enquanto que a coleção em média, possui 9,1 anos.

A data de publicação revelou-se um indicador para diagnosticar o uso de apenas duas áreas: Geofísica e Ionosfera, onde verificou-se grande discrepância entre as idades de uso e idade de coleção.

Tabela 3: **COMPARAÇÃO ENTRE IDADE DE USO E IDADE DA COLEÇÃO**

ASSUNTO	IDADE DA COLEÇÃO (ANOS)	IDADE DO USO (ANOS)
ASTROFÍSICA	7	15
ENG. ELETRON.	11	–
GEOFÍSICA	12	7 *
FOTOINT/AER.	10	–
ASTROFÍSICA	7	15
CIENT/TECN. ESPAC.	9	8
AGRONOMIA	9	7
IONOSFERA	11	5 *

* Discrepância entre idade de uso e idade da coleção.
– Áreas onde a insuficiência de empréstimo não possibilitou o cálculo da idade média de uso.

3.3.2 POLÍTICA DE AQUISIÇÃO

O crescimento da coleção nos últimos dois anos foi contrastado com o interesse para ver se estavam proporcionais, o que deveria indicar se a política atual de aquisição está correta e se há concentração de dispêndios nas áreas de maior interesse. Temos assim alguns dados parciais na tabela 4.

No caso particular de nossos resultados foi possível verificar que a política atual de aquisição necessita se ajustar em quase todos os assuntos pois, na maioria dos casos, há excesso ou deficiência na aquisição, com alguns casos flagrantes, por exemplo, assuntos de altíssimo interesse com baixíssimo crescimento e vice-versa, como é o caso de Telecomunicações e Aerodinâmica na tabela 4.

4. RECOMENDAÇÕES

Uma série de recomendações foi possível derivar a partir do estudo em questão:

1. Aumentar o nível de aquisição,

Digitalizado gentilmente por:

Tabela 4 : **COMPARAÇÃO DE CRESCIMENTO VERSUS INTERESSE**

ASSUNTO	INTERESSE (X) %	CRESCIMENTO (Y) %	Y/X
TELECOMUNIC.	11,2	1,2	0,1 *
COMP. (M. BAS.)	4,3	4,1	0,9
ECONOMIA	1,9	6,0	3,1
PLASMA	0,5	0,5	1
AERODINÂMICA	–	14,1	–*

* Áreas que apresentam política de aquisição inadequada.

principalmente nas áreas de maior interesse.

2. Proceder a descartes subjetivos (opinião de usuário) nas áreas identificadas para tal. É interessante notar que a metodologia, embora seja quantitativa, não exclui um aprimoramento qualitativo: pelo contrário, a biblioteca primeiramente identifica quais as áreas onde poderá solicitar a colaboração do usuário.
3. Realocar áreas de baixo uso e baixo interesse.
4. Identificar formas de aproximação usuário-biblioteca.

5. CONCLUSÃO

O modelo de avaliação aqui proposto é dinâmico, isto é, dá conta dos três presentes na manutenção de uma coleção: aquisição (o que quanto comprar), acesso a descarte. É um modelo simples e pode ser aplicado tanto em bibliotecas automatizadas quanto manuais. Uma vez implantada a metodologia e considerando as bibliotecas automatizadas, a avaliação se faz automaticamente: todas as comparações sugeridas nas tabelas podem sair prontas do computador, como parte das listagens rotineiras. Além da avaliação periódica é possível também verificar a seqüência desses dados através dos anos e averiguar se as medidas de correção implantadas nesse ou naquele ano, resultam em real adequação.

Cabe ao bibliotecário tomar para si a responsabilidade de adequar as coleções e o que é mais importante, deve fazê-lo como parte da rotina da biblioteca. Embora no Brasil esses estudos só acontecem a nível de pesquisa como parte dos programas de pós-graduação, faz-se necessário assumí-los na prática pelos bibliotecários egressos das escolas de graduação, pois são esses, efetivamente, os responsáveis pelas bibliotecas brasileiras.

Os resultados de nosso estudo foram aqui apresentados apenas para ilustrar a metodologia. Muitos dos comentários originais e mesmo os resultados na íntegra foram omitidos por razões de espaço e também por acreditarmos que, descrito como está, o estudo está auto-reproduzível. Revisão da literatura e coleta de dados foram também omitidos. A revisão da literatura por exemplo, conquanto ajuda o autor a metodologicamente se posicionar (e nesse sentido ela é essencial), acaba sendo mais um artificalismo alienado e alienante da redação técnico-científica: de tanto rever

Digitalizado gentilmente por:

outros trabalho, o autor fica sem fala própria, ou porque não há como legitimar sua própria fala sem antes apresentar a tal revisão, ou porque ele acaba falando a fala alheia, sem se dar conta da sua alienação.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. BONN, G.S. Evaluation of the collection. *Library Trends*, 22:265-304, 1974.
2. Library self-surveys. *Library and Information Science*, 265-304, 1974.
3. JAIN, A.K. Sampling and short-period usage in the Purdue Library. *College and Research Libraries*, may: 211-218, 1966.
4. LANCASTER, F.W. *Measurement and evaluation of library services.* Washington, IRP, 1977. 395p.
5. MOSTAFA, S.P. *Avaliação de coleção técnico-científica de uma instituição de pesquisa.* Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 1979. 93p. (Dissertação de mestrado).

Digitalizado gentilmente por:

A Participação das Empresas Multinacionais na Indústria Livreira do Brasil

*Laurence Hallewell**

A revolução na provisão da educação superior contribuiu para que, a partir de 1957, a fabricação de livros no Brasil aumentasse, dando lugar às empresas multinacionais, havendo um certo grau de preocupação por parte dos editores nacionais.

Há poucos eventos econômicos para os quais não tenha havido antecedentes. No caso da indústria editorial houve a grande expansão além-mar do comércio do livro parisiense nos anos que se seguiram após a batalha de Waterloo, liderada pela Hachette, a Firmin-Didot e a Bossange. Em dez anos esta última abrira sucursais em Quebéc, Montréal, Nova Iorque, México, Madri, Londres, Nápoles, Lípsia, Odessa e no Rio de Janeiro. O sucursal carioca da Bossange passou finalmente à posse do seu gerente Laemmert, alemão de nascimento, e foi a Casa Laemmert quem, com a sucursal brasileira da Garnier, dominaram o comércio (ainda pequeno) do livro no País, pelo resto do século dezenove.

**Original em inglês. Tradução de Carminda A.C. Ferreira et alii.*
**Ph.D. em Biblioteconomia.*
**Prof. da UFPb.*

Digitalizado gentilmente por:

Por terem os brasileiros daquela época enorme preconceito social contra a participação no comércio de qualquer espécie, a economia do País caiu sob o domínio dos estrangeiros: os atacadistas foram ingleses, os varejistas de luxo, os franceses e nos outros ramos mais humildes predominaram os varejistas portugueses. Um destes, Francisco Alves de Oliveira, organizou uma pequena empresa multinacional conseguindo associar-se com a Bertrand de Lisboa (então na posse da tipografia Bastos) e a Aillaud de Paris. Mas essa 'Aillaud, Alves, Bastos e Cia' desagregou-se ao dividir os bens do Alves após sua morte, em 1917. Entrementes o comércio de livros brasileiro recebera a primeira participação direta norte-americana ao estabelecer-se no Rio em 1911 uma filial da casa nova-iorquina da W.M. Jackson.

Mas em geral as operações multinacionais anteriores à Primeira Guerra Mundial limitaram-se aos serviços públicos e às atividades financeiras. No caso do Brasil, aos ingleses pertenciam muitos dos bancos mais importantes e a maioria das estradas de ferro, enquanto a empresa canadense *Brazilian Light and Traction Company (a BRASCAN* de hoje) providenciava os bondes e o potencial elétrico que esses exigiram. Fornecendo matérias primas às Nações Unidas na Segunda Guerra Mundial, o Brasil (e certos outros países) ganharam lucros grandes que lhe deram a oportunidade de nacionalizar tais empresas, e os seus antigos donos puderam diversificar os seus interesses, iniciando outras atividades mais lucrosas; como se vê no caso da *BRASCAN,* cujas operações atuais apresentam uma variedade enorme.

No início de 1955, durante a presidência de João Café Filho, foi promulgada pela Superintendência da Moeda e Crédito (SUMOC) a sua instrução 113, de suma importância para a entrada no País de empresas multinacionais, estimuladas por concessões amplas cambiais, aduaneiras e fiscais. Essas novas firmas contribuiram muito para o primeiro 'milagre econômico brasileiro' na época de Juscelino Kubitschek, fomentando enorme expansão na capacidade industrial do País, ainda que criasse talvez a maior dívida externa do Terceiro Mundo. Em muitas áreas foram introduzidas indústrias novas, especialmente a indústira automobilística. Em outras, mudaram totalmente a estrutura do mercado: um exemplo é a de papel e celulose, cuja fabricação teve história muito longa em termos brasileiros e que fora durante muitos anos dominada por duas famílias paulistas, a Weiszflog (proprietária da Companhia Melhoramentos) e a Klabin. Estas permanecem importantes mas a sua participação no mercado reduziu-se a apenas 30%: o resto pertence agora às empresas multinacionais como Champion & Burroughs (EUA), CENIBRA (japonesa), EUCATEX (canadense), EMPAR (portuguesa), Aray (britânica) e o consórcio sueco-brasileiro Mobasa-Modo-Battistella. Há ainda outros casos onde os estrangeiros encamparam inteiramente uma indústria outrora pertencente a brasileiros: o mais notório é o dos produtos farmacêuticos onde a posse de certos cardeais patentes segura o mercado mundial nas mãos de um número bem limitado de multinacionais.

A penetração multinacional na indústria de comunicações foi bastante tardia. As edições latinoamericanas do *Time* e do *Readers' Digest* representaram fenômeno isolado, incentivado pelo Ministério de Relações Exteriores dos EUA, ansioso de combater a propaganda dos poderes do Eixo nos princípios da Segunda Guerra Mundial. As multinacionais – como é natural - preocupam-se principalmente com as mídias, sendo estas veículos de publicidade; portanto os seus investimentos começaram e concentram-se na radiodifusão e na imprensa periódica. Eis um tema imenso e

Digitalizado gentilmente por:

importantíssimo, mas além dos fins deste artigo. Limitar-me-ei a observar que a participação estrangeira na televisão e nas revistas populares provoca um ressentimento em círculos nacionalistas desproporcionado, talvez devido a uma certa estridência e falta de sutileza.

A intervenção dos estrangeiros no comércio do livro começou com a criação de sucursais brasileiras de editoras ultramarinas para a comercialização dos seus próprios produtos. Durante muitos anos a pequena demanda de livros técnicos em muitas áreas não justificava economicamente a sua edição aqui e tornava-se inevitável a dependência de edições estrangeiras. As fontes principais seriam os EUA, a França e Portugal, como mostra o quadro adiante.

Apesar do êxito da W.M. Jackson Company (cuja *Encyclopedia e diccionario internacional* de 1914-1936 permanece guia valiosa em muitas áreas recônditas dos estudos brasileiros), continuava alta demanda no Brasil das enciclopédias estrangeiras. Com efeito, além do consumo imenso de Bíblias e livros religiosos pelas seitas protestantes do sul dos Estados Unidos, cujas missões são tão ativas no Brasil, a categoria maior de livros importados da América do Norte constitui-se sempre de enciclopédias e dicionários. A fonte do quadro que segue é o United States Bureau of the Census; escolhi um ano típico da época anterior do começo das multinacionais mandam imprimir os seus livros no Brasil.

FONTES DE LIVROS IMPORTADOS NO BRASIL

(Porcentagens do total, por valor)

ANO	FRANÇA	PORTUGAL	EUA	REINO UNIDO
1910	54	23	2	5
1919	43	26	15	9
1929	27	14	20	6
1936	13	38	13	15
1941	0,3	29	36	10
1950	21	20	31	7
1960	9	21	26	5
1970	6	10	50	4
1978	4	10	45	7

Cálculos de dados no anuário *Comércio exterior* do Brasil

CATEGORIAS DE LIVROS IMPORTADOS DOS EUA PELO BRASIL EM 1967

(Porcentagens do total – omitindo pequenas remessas – por valor)

Livros religiosos	Dicionários	Enciclopédias	Livros técnicos e científicos	Livros didáticos
39,3	25,4	17,6	10,2	3,4

Digitalizado gentilmente por:

Foi assim natural que entre as primeiras casas estadunidenses que abriram filiais no Brasil para a comercialização dos seus editados achou-se a Encyclopaedia Britannica Inc. Naquele mesmo ano de 1953 fundou-se também a Difusão Européia do Livro (DIFEL), representante da Garnier Frères de Paris, seguida em 1953 de outra casa francesa, Hachette.

Logo, nos fins da década de cinqüenta, o Brasil começou uma revolução na provisão da educação superior. Os 44.100 alunos de graduação de 1950 tornaram-se 93.202 em 1960, aumentando para 155.781 em 1965, 425.478 em 1970 e 1.072.548 em 1975. Os 2.489 estudantes de mestrado de 1960 cresceram para 16.002 quinze anos depois. No nível doutoral havia 500 candidatos em 1970, mas uns 1.258 em 1975.Tal expansão foi acompanhada por um correspondente aumento no número de empresas estrangeiras com filiais brasileiras para comercializar os seus livros didáticos do nível terciário.

Antes de 1957 não havia razão para que estas empresas considerassem a fabricação dos seus livros no Brasil, porque os livros, sendo considerados classe de importação essencial para o desenvolvimento do País, se beneficiavam de um subsídio cambial – e um subsídio tão grande que custava mais barato no Rio de Janeiro do que em Nova Iorque. Com a abolição deste subsídio coincidindo com o fim de toda tarifa sobre o livro importado, muitas editoras americanas preferiram a venda de reimpressões feitas em outros países (notadamente por seus sucursais na Índia e no Japão) onde os custos industriais eram mais baixos, do que iniciarem a produção no Brasil. Essa fonte importante de textos americanos omitiu-se nas estatísticas anteriores.

Não obstante, há um passo breve entre a comercialização do livro importado no idioma original e a sua edição em versão portuguesa – talvez com a adição de umas estatísticas brasileiras ou outra pequena concessão ao leitor brasileiro.A produção original de um texto de nível universitário custa bastante, mas uma vez que a grande parte dos gastos – por exemplo da matéria ilustrativa – foi recuperada nas vendas no país de origem, uma tiragem realmente pequena torna-se viável num idioma estrangeiro. No caso da versão portuguesa foi lógico mandar imprimí-la aqui: o nosso parque gráfico crescia rapidamente, a nossa mão de obra era barata, e havia agitação no País a favor de reintrodução de barreiras alfandegárias sobre livros em português impressos no exterior a menos que tivessem origem em Portugal. Desde que isso se manifestou na mesma época em que as editoras na Europa e na América do Norte começavam fundir-se e passar a ser posse dos grandes conglomerados da mídia, tal como a Columbia Broadcasting System, os recursos financeiros não apresentaram obstáculo.

Nos fins da década de sessenta houve já um certo grau de preocupação na parte dos editores nacionais, e o governo brasileiro sentiu a necessidade de tranquilizá-los. No dia 1º de novembro de 1967 o Grupo Executivo da Indústria do Livro (GEIL) publicou um relatório onde se leu uma ladainha de louvor para com a USAID subsidiava as traduções para o português de livros didáticos americanos[1], e em 15 de fevereiro de 1968 um artigo de fundo no *Boletim Informativo* do GEIL declarou que a chegada de filiais pertencentes às editoras estrangeiras estaria 'fortalecendo o nosso parque editorial'. A reação dos nacionalistas da esquerda foi dada expressão por Nelson Werneck Sodré na sua *Síntese de história da cultura brasileira* de 1970. Para ele tal ajuda não ultrapassou de dumping (ainda quando os subsídios fossem dados a editoras nacionais) e, outrossim, a juventude brasileira estava sendo pervertida por textos estrangeiros que tinham nada de brasi-

Digitalizado gentilmente por:

leiro a não ser o idioma em que foram editados. Logo inclusive a opinião moderada começou divulgar a sua inquietação: veja o *Correio do Livro* de janeiro dc 1971, ou a entrevista concedida por Edgar Blucher (então presidente do Sindicato Nacional dos Editores de Livros – SNEL) à revista *Banas*, "Livros: a luta contra a desnacionalização", no número de 15/28 de Setembro

Ao assumir a direção do Ministério da Educação e Cultura em março de 1979 Eduardo Portella (que tem parentesco com o dono de uma casa editorial, a Tempo Brasileiro), foi facilmente persuadido a endossar um projeto de lei redigido pelo SNEL para proteger a indústria editorial nacional. Propus que toda entrada nova fosse limitada às companhias com capital 60% brasileira. Mas o Portella teve pouca influência no gabinete e ao cair do ministério em dezembro de 1980 não conseguira nada. Entrementes o SNEL procurara um apoio mais amplo, apresentando no congresso de Stockholm em maio de 1980 da International Publishers' Association um trabalho do seu então presidente, Mário Fittipaldi, intitulado "A indústria do livro no Brasil: empresas nacionais e estrangeiras competindo no mercado local".

A penetração estrangeira na indústria editorial pode apresentar-se numa variedade de meios e máscaras. A McGraw-Hill, com filiais na África do Sul, na Alemanha Federal, na Austrália, no Canadá, no Japão, no México e no Panamá, apresenta-se com o seu próprio nome, por confiar-se no seu prestígio mundial, ainda que (parece) somente criou a McGraw-Hill do Brasil quando o moribundo Octalles Marcondes Ferreira recusou a sua oferta de $28.000.000 em 1966 para a compra da Nacional, naquela época a primeira editora didática do Brasil, com 60% do mercado em todos os níveis educacionais. A Harper & Row do Brasil adotou a sigla compreensível de HARBRA. A Encyclopaedia Britannica do Brasil utiliza o seu próprio nome como marca de editor, mas ambas grandes enciclopédias que editou em português tem nome enigmático: *Barsa e Mirador*. A empresa pioneira Jackson, depois de usar seu próprio nome durante quarenta anos, funciona agora por trás de uma série de companhias subsidiárias, das quais é a Mérito a mais importante. Para a John Wiley, basta possuir uns 49,4% das ações da LTC – Livros Técnicos e Científicos, consórcio originalmente formado pelas editoras nacionais AGIR, Polígono e Ao Livro Técnico, dos quais a última tem acionistas minoritários americanos. Por outro lado, a marca da Time-Life aparece na versão portuguesa dos seus livros, apesar de ser estes editados pela José Olympio, conforme um convênio negociado em 1967.

No caso de uma empresa estrangeira adquirir um interesse numa já existente casa brasileira e não anunciar o fato, não haverá maneira de torná-lo conhecido, a menos que alguem pesquise os arquivos do Banco Central do Brasil sobre a entrada de divisas do exterior. Ainda quando as conexões não sejam intencionalmente escondidas, muitas vezes podem ser desenredadas com dificuldade, devido às mesmas complexidades impostas nos negócios multinacionais pelas considerações fiscais e outras. Por exemplo, a EXPED (Expansão Editorial SA) foi estabelecida em 1966 pela Artes Gráficas Gomes de Souza (AGGS), naquela época a empresa gráfica maior do Brasil. A AGGS fora organizada pela Listas Telefônicas Brasileiras (LTB) para a impressão das suas publicações, mas a LTB foi, em parte, a propriedade da Technical Advertising and Sales Engineering Corporation do Panamá, dono da Yellow Pages (UK) Limited, e cuja direção final ficava nas mãos de companhias associadas com o magnata da imprensa canadense Lord Thompson of Fleet, barão do Reino Unido.

Digitalizado gentilmente por:

O assunto torna-se ainda mais complicado quando polemistas chauvinistas insistem na inclusão das empresas dirigidas por brasileiros nascidos no exterior, sobretudo quando estes tem parentesco no além-mar no mesmo ramo de comércio. Assim citam a Aguilar, a qual, antes da sua reforma como a Nova Aguilar em 1975, foi dirigida pelo sobrinho brasileiro do editor madrileno. E citam também (por terem ciúmes dela?) a muita bem sucedida Editora Abril. O chefe dessa é o Victor Civitá, italiano de ascendência e família mas nascido e profissionalmente treinado em Nova Iorque (foi antigo empregado da Time-Life Inc.). Além disso ele tem irmão em Buenos Aires que dirige uma casa com nome quase idêntico de 'Editorial Abril' cuja política comercial tem grande semelhança com a nossa Abril paulista. Importa mais – num aspecto pelo menos – a origem familiar do Civitá do que a sua antiga conexão americana ou a sua atual conexão argentina: as histórias em quadrinhos Mickey Mouse (território exclusivo da Abril no Brasil) tiram sua matéria da filial italiana da Organização Walt Disney em vez de obtê-la diretamente de Hollywood. A Abril tem também um laço importante *alemão*, no Círculo do Livro. Este é um novo tipo de clube de livros, explorando os métodos introduzidos pelo Herr Bertelsmann na Europa, onde possui companhias na Áustria, na Espanha, na Itália, nos Países Baixos e na Suiça, além da casa matriz na República Federal. No Círculo do Livro a Abril detem uns 51% das ações, cabendo as outras 49% à Bertelsmann AG.

Entretanto, meramente o fato de ser estrangeiro não garante o sucesso. Ao contrário, um representante carioca da indústria editorial britânica expressou-me a opinião dele de que a coisa mais notável da invasão estrangeira do mercado do livro brasileiro foi precisamente a alta proporção de empreendimentos malogrados: os quais, quando não fracassaram totalmente, alcançou um nivel de êxito muito a baixo das expectativas dos seus fomentadores. Nesta conexão vale citar o relatório de um perito da USAID em 1968 que lamentou: 'o negócio de livros didáticos do Brasil e o dos Estados Unidos tem mais diferenças do que semelhanças. A transferência de tecnologia não é fácil por que os padrões básicos da editoração são diferentes'[2].

A Edibolso, uma tentativa de desenvolver a publicação em larga escala de livros de formato barato, é um exemplo de empresa que tem progredido muito mais lentamente do que esperavam os seus patrocinadores. Sendo estes a Bantam Books – o maior editor do mundo do 'paperback' – com 11% das ações, a Abril (com 61%), a Distribuidora Record – a mais bem sucedida de todas as editoras brasileiras do livro geral – (6%), e a DIFEL – uma das mais tradicionais casas estrangeiras no Brasil – (8%), não pode ser o resultado de falta de 'know-how'. Parece que a DIFEL ficou tão decepcionada que vendeu as suas ações à FIAT de Turim. Claro que o mercado brasileiro de livros, fora do ramo didático, fica relativamente pequeno, mas o propósito de editar 'pocketbooks' é precisamente o de criar um mercado totalmente novo, um mercado de massa além do alcance do livro tradicional. O consumidor brasileiro é uma criatura bem conservadora, avêssa à fácil aceitação dos produtos novos. Mas sua relutância neste caso parece o resultado inevitável de uma falta de diferenciação suficiente do produto, sobretudo no nivel do preço da capa. Lembremos que o mercado potencial britânico de 1935 no qual Sir Allen Lane colocou o seu *paperback* original 'Penguin' teve um poder aquisitivo mais ou menos igual ao mercado potencial brasileiro onde foi introduzido o livro da Edibolso. Mas Sir Allen escolheu um preço de varejo de seis pênis numa época quando qualquer romance no formato tradicional

Digitalizado gentilmente por:

se vendia a uns seis *xelins* – proporção ampla De 12:1. Infelizmente para a Edibolso, as suas predecessoras brasileiras, tímidas demais, estabeleceram já a relação do preço entre livro de bolso e livro de formato tradicional aqui a um miserável 1:3.

Uma casa que se retirou completamente da indústria brasileira, mas não por razões diretamente ligadas com o País, foi a Harcourt, Brace. Em 1973 a Livraria José Olympio Editora, a editora nacional primaz, encontrou-se em grandes apuros, o resultado de uma diversificação (nos multimeios) e expansão (a compra da Sabiá, antiga cooperativa de autores literários) excessivamente otimistas, e das conseqüências da crise mundial do petróleo e do súbito aumento do preço mundial de papel. A Casa Olympio sofreu outro golpe, quase simultâneo, com o colapso do mercado da venda a prazo de coleções a domicílio por tornar saturado. O José Olympio começou negociar com a Harcourt, Brace para que a casa nova-iorquina investisse uma importância substancial, mas uma depressão em Wall Street, baixando as ações da Harcourt de $ 125 a $ 21, acabou com isso, A Harcourt não apenas teve que quebrar os negócios com a Olympio, mas, além disso, foi obrigada a cessar a operação de três editoras acadêmicas importantes adquiridas na Alemanha em 1970. A Olympio voltou para a EMPAR (Empreendimentos Portugueses do Brasil Participações), companhia pertencente à Sociedade Financeira Portuguesa de Lisboa, a qual comprou uns 19,8% da capital da J.O. A intenção de comprar mais e permitir à Olympio adquirir a Companhia Editora Nacional foi frustrada no mesmo mês de sua proposta, devido à revolução que estalou em Portugal em abril de 1974. Octalles morrera no ano anterior e os seus irmãos, sendo idosos, ansiavam por desfazer-se do negócio e aposentar-se. Uma nova oferta da McGraw Hill parecia provável e teria-lhe sido lógico adquirir ambas casas de uma vez: a maior editora nacional de literatura simultaneamente com a editora nacional maior didática. Tal possibilidade de caírem as duas maiores editoras nacionais nas mãos estrangeiras perturbou muitas pessoas influentes, inclusive (parece) o mesmo General Golbery do Couto e Silva, autor editado pela José Olympio. Numa inversão única da política governamental, o presidente Geisel mandou que o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico comprasse ambas as editoras. Agora, quase seis anos depois, o BNDE ainda procura compradores brasileiros.

Esse problema do BNDE exemplifica a maior dificuldade da indústria editorial brasileira para resistir a penetração estrangeira: a natureza da propriedade industrial no País. Quase toda firma nacional, grande ou pequena, pertence a um indivíduo, a uma só família ou a um pequeno grupo de amigos íntimos. A propriedade impessoal exercida por um grupo de acionistas numeroso e anônimo é praticamente desconhecida. Existe na teoria, mas a tentativa de Delfim Neto em 1971 de criar da noite para o dia uma democracia acionária, estilo americano, produziu apenas um *South Sea Bubble* à brasileira, cujo estouro confirmou a tendência da classe média brasileira a confinar as suas aventuras financeiras à especulação em bens imóveis.

Essa predominância de empresas familiares tem duas conseqüências primordiais. A menor (por ter seus óbvios perigos mais e mais reconhecidos) é o nepotismo na escolha dos gerentes. A maior é a capitalização insuficiente, a que resultou numa dependência financeira em três fontes: os recursos da própria empresa, os empréstimos da rede bancária, e os subsídios do governo: o eterno esforço do industrial brasileiro de 'chegar ao guichê'.

Umas poucas firmas têm recursos fora da edição de livros. A Melhoramentos de São Paulo é um grande cartel da fabri-

Digitalizado gentilmente por:

cação de papel e dos produtos de papel. A Abril é, principalmente, editora de revistas. A Alves pertence agora a um magnata construtor de navios. Para as outras, o financiamento interno quer dizer o reinvestimento dos lucros: seguro, mas lentíssimo, e raras vezes suficiente para concorrer com as multinacionais.

Os empréstimos bancários saem muito caros nas condições de inflação de três dígitos. Para uma editora sua obtenção também é muito difícil, por falta de materiais que possam funcionar como garantia. Na verdade, financiamento da rede bancária na maioria das vezes só atinge a indústria por meio de empréstimos ao parque gráfico, que pode assim dar às editoras o crédito comercial normal (60 a 90 dias), e estas semelhantemente ficam em condições de estendê-lo aos seus fregueses, às distribuidoras e os varejistas.

A ajuda financeira do governo é um pedido de rotina a cada exposição feita pela indústria aos Poderes Públicas para explicar as suas dificuldades. Certas concessões, com a exceção do ICM, foram ganadas há muito tempo, mas estas beneficiam a empresa estrangeira tanto quanto a nacional. Qualquer empresa onde 60% das ações são propriedade de cidadãos brasileiros tem direito à ajuda direta do governo, mas os critérios para esta são semelhante às garantias exigidas pelos bancos (e assim igualmente díficeis para uma casa editora). Para superar tal dificuldade introduziram em 1974 o programa Pró-Livro, especificamente para as editoras. Mas ainda aqui os critérios foram rígidos demais. O primeiro ano do Pró-Livro produziu trinta requerimentos. Desses, no fim do ano, 26 foram indeferidos, dois ficaram pendentes, e apenas dois foram aprovados. Um dos aprovados foi o excelente *Novo dicionário da língua portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, edição da Nova Fronteira: longe de ser um jogo desperadamente arriscado de dinheiro público! Ao contrário, tanto êxito tem tido que ainda hoje parece estar perpetuamente esgotado nas livrarias nordestinas, onde sempre estão esperando nova remessa. O Pró-Livro acabou ao assumir o General Rubem Ludwig, o Ministério da Educação: havia rumores de um desvio de recursos.

Uma fonte muito mais acessível de financiamento oficial é o sistema de co-edições. Neste, uma universidade ou o Instituto Nacional do Livro compromete-se comprar uma quantidade substancial de uma edição para distribuição entre os seus próprios clientes — estudantes da universidade ou, no caso do INL, as bibliotecas públicas — gratuitamente ou a um preço especial muito baixo. A sugestão dos títulos para serem incluídos nesses programas pode vir da universidade (ou INL) ou da editora, e a marca editorial no livro constará dos nomes de ambos os participantes. Assim as editoras podem considerar a publicação (como co-edições) de títulos cujas vendas no mercado normal não alcançariam a tiragem economicamente mínima (é dizer mais ou menos uns 3.000 exemplares). Naturalmente a aceitação de um título depende totalmente das necessidades da entidade oficial. No caso do INL o seu orçamento predetermina a proporção de títulos em cada ramo (nos anos recentes esta foi 15% de poesia e teatro, 20% de ficção e os outros 65% para 'estudos brasileiros'). Mas ainda este sistema pode beneficiar indiferentemente as editoras multinacionais e nacionais. Não se pretende concentrar este tipo de subsídio nas casas nacionais, ainda que usualmente se dê a preferência aos *autores* nacionais.

Estas duas categorias não coincidem necessariamente. Deveras, um dos efeitos colaterais dos recursos financeiros tanto maiores da multinacional é a sua capacidade de atrair qualquer autor nacional desejado, afastando-o das casas nacionais. Não é

Digitalizado gentilmente por:

preciso oferecer-lhe mais dinheiro (embora o controle dos mercados em outros países que a multinacional tem, aumenta a possibilidade de uma oferta tentadora): o autor nacional prefere a multinacional por ter nome mundialmente conhecido e por ter estabilidade muito superior às casas nacionais.

A pouca estabilidade que as nacionais tem disfrutado veio sobretudo da segurança e lucratividade do livro didático dos 1º e 2º graus. Até agora as multinacionais não se mexeram muito nesta área. No Brasil, como alhures, a sua preocupação são os livros científicos, técnicos e médicos. No caso brasileiro, tais assuntos alcançaram tiragens médias de 5.000 até 10.000 (ainda maiores se excluirmos a primeiras edições): o que faz comparação favorável com os EUA mesmos (cerca de 6.000 exemplares), sem mencionar o Reino Unido ou a Alemanha Federal (5.000), ainda menos a França (3.500) ou a Espanha (3.000). Mesmo assim, começam entrar no mercado geral com publicações científicas de apelo mais amplo. A Harper & Row acaba de editar uma série de títulos (traduzida do inglês) sobre a psicologia de todas as várias idades do homem desde o bebê até a velhice, intitulada *A psicologia e você.*

Mas atualmente já começaram as editoras multinacionais estender para baixo as suas atividades no campo didático, desde o nível terciário para o secundário. Pode ser apenas uma questão de tempo a sua invasão no primário. E ai o Brasil apresenta um mercado muito atraente, com a possibilidade de tiragens médias maiores do que em qualquer país fora do mundo comunista[3]. Isso se deve, em parte, à uniformidade geral (ainda que não imposta) da educação por todo este enorme País, mas principalmente por causa da natureza tradicional dessa educação, na qual o texto único de curso ainda reina com supremacia em cada disciplina – característica de todos os níveis educacionais. Além disso, uma vez que o país têm que fornecer aquele texto não há a mesma caida de vendas em tempos de apuros econômicos que acontece quando estas dependam dos orçamentos governamentais. Há também uma tendência crescente de fazer textos primários que incluem espaços para as respostas da criança, o que evita qualquer possibilidade de passá-los aos irmãos mais jovens ou de vendê-los em segunda mão – fator que assegura a renovação total do mercado cada ano.

Uma entrada em grande escala das multinacionais no mercado escolar teria as conseqüências mais sérias para as editoras brasileiras (a maioria) que dependem desse mercado. Mas, ainda pior, tal acontecimento enfraqueceria também o mercado geral do livro por reduzir a rede nacional de livrarias, rede já bem insuficiente. Fora da zona sul carioca, a maioria das livrarias no País existem somente por que as suas vendas de livros didáticos subsidiam a provisão dos livros em outros ramos: sem aqueles não permaneceriam economicamente viáveis. Mas ficam ameaçadas pelas escolas, que desejam vender os livros que escolham, diretamente aos países, apenas para obter o desconto de varejo. É difícil imaginar que qualquer editora multinacional, sem interesse no mercado geral do livro e ansioso de aumentar até o limite as suas vendas e simplificar o mais possível a distribuição, possa resistir as pressões das escolas, sobretudo porque o desconto que estas recebem é apenas 20% (as livrarias recebem 30% no mínimo).

A lista seguinte indica as multinacionais operando atualmente no Brasil, segundo o SNEL, a quem se deve a maior parte da informação. A ordem da lista é a minha, e também são minhas as adições e mudanças dadas em *grifo*. De vez em quando estimei o número dos livros atualmente disponíveis de certas editoras [*dis:*].

Digitalizado gentilmente por:

NO BRASIL	CAMPO (S)	EMPRESA ESTRANGEIRA	PAÍS
W.M. JACKSON (1911)		Grolier Inc.	EUA
Editora Mérito	Enciclopédias		
Livro do mês	Clube de livros		
Gráfica Editora Brasileira	Gráfica		
EDITORIAL LABOR BRASIL SA (1937)	Medicina e livros universitários	Ed. Labor/Barcelona Ed. Labor/Bs. Aires	Espanha Argentina
DIFEL – Difusão Européia do Livro (1951)	Universitários e traduções literárias [dis: 400]	Liv. Bertrand Fincol. Co./Basiléia	Portugal Suíça
ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA DO Brasil(1951)	Enciclopédias	Encyclopaedia Britannica Inc.	EUA
EPU – Editora Pedagógica e Universitária (1952, então Herder)	Universitários	Ernst Klett	RFA
LIV. HACHETTE DO BRASIL (1953)	Comercialização – mas editou no passado e tem conexão com a DIFEL	Matra (Fabricante de armas)	França
GRIJALBO (1958)		Grijalbo/Barcelona	Espanha
CEDIBRA (1960, então Bruguera)	infanto-juvenis	Pergamon (antes Francisco Bruguera, G.,	Reino Unido Argentina)
EL ATENEO DO BRASIL (1962)	Medicina	El Ateneo	Argentina
Ed. TÉCNICA DE CATALAN (1964, então G. Gili)	Arquitetura	Gustavo Gili	Espanha
LAROUSSE DO BRASIL (1965)	Enciclopédias, dicionários, didáticos	Larous e	França
LTC – Livros Técnicos e Científicos (1968)	Universitários [dis: 270]	John Wiley	EUA
McGRAW HILL DO BRASIL (1970)	Universitários [dis: 260]	McGraw-Hill	EUA
INTERAMERICANA DO BRASIL (1972)	Medicina [dis: 16 em 1977]	Columbia Broadcasting System	EUA
CÍRCULO DO LIVRO (1973)	Clube de livros	Bertelsmann AG	RFA
EDIBOLSO (1975)	Livros de bolso	Bantam Books	EUA

Digitalizado gentilmente por:

EDITORA CAMPUS (1976)	Universitários [dis: 50 em 1978]	Elsevier-North Holland	Países Baixos
HARBRA – Harper ? Row do Brasil (1976)	Universitários [dis: 30 em 1978]	Harper & Row	EUA
EDITORA REVERTÉ	Universitários	Editorial Reverté	Espanha
EDITORA MASSON DO BRASIL (1978)	Universitários e medicina	Masson	França
EDITORA VERBO S.A.	Literatura	Verbo	Portugal
SALVAT EDITORA	Diversos	Salvat	Espanha
EDICTA – Editora de livros técnicos e de medicina	Medicina	Groupement français d'entreprises	França
EDUCOM – Educação e comunicação	Ensino de idiomas	Regents/Nova Iorque Hachette	EUA França
editora FUNDAÇÃO DO EDUCATIVO BRASILEIRO	Universitários	Addison Wesley	EUA
EDITORIAL GLEM DO BRASIL	?	Ed. Glem	Argentina
ED. ALFA S.A.	Comercialização	José Ma. Gonzales Porto	México
AMBRIEX, Imp. Ind. e Com.	Comercialização	?	EUA
EDITORA BRASIL-LÊ	Comercialização	El Ateneo	Argentina
ESFERA DISTRIBUIDORA DE LIVROS S.A.	Comercialização	Eds. Deusto S.A. Urmo S.A.	Espanha Espanha
LIBRIS EBSCO ASSINATURA DE REVISTAS LTDA.	Comercialização	Ebsco Industries	EUA
ÉDITIONS TÉCHNIQUES DO BRASIL	Comercialização	Éditions Téchniques	França

A estas podem-se juntar (segundo *O Estado de São Paulo* de 14 de novembro de 1976), a supor por terem capital minoritário em empresas nacionais, Longmans (Reino Unido) e Harcourt, Brace, Jovanovich (EUA), e há negociações entre a Prentice-Hall e a Atlas, editora de livros sobre gerência de empresas. A editora de dicionários, Globo de Porto Alegre, recebera várias ofertas (não solicitadas) que recusara. Uma lista ainda maior foi publicada por R. A. Amaral Vieira, professor de comunicação, no artigo 'Alienação e comunicação' contribuído para a sua coleção *Comunica-*

Digitalizado gentilmente por:

ção de massa, o impasse brasileiro de 1978. Infelizmente a lista dele é uma mistura de todos os ramos da produção cultural: editoras de revistas e de discos, distribuidoras de filmes, e os mesmos fabricantes de papel. Os novos nomes achados aí incluem a Editora Macmillan Ltda. (filial da Macmillan nova-iorquina), Editora Harlequim S.A. (70% Harlequim Enterprises de Ontário, Canadá – editora de romances leves para moças – e 30% Casa do Livro Eldorado) e a Editora Certa S.A. (dirigida pela Asesoría, Análisis y Ejecución de Proyectos S.A. do Panamá). Vieira inclui também a editora nacional Ao Livro Técnico por ter dois acionistas minoritários estrangeiros (os Srs. Bernard Harold Ruderman e Meyer Leichman, ambos nova-iorquinos), e a José Olympio por que a EMPAR ainda tem 19,8% das suas ações. Ele menciona também a Editora Lello Brasileiro, filial da editora portuense, embora um artigo d'O *Estado de São Paulo* sobre a crise do comércio editorial de 1975 afirmasse que esta firma já havia falido: talvez tenha havido a fundação de uma nova firma. Finalmente há o caso da Mestre Jou, fundada por um espanhol e que agora pertence ao seu filho, Juan Ramón Mestre Jou, que mora em Barcelona.

Se resulta difícil saber exatamente quantas empresas multinacionais há na indústria editora brasileira, é quase impossível estimar a sua participação no mercado, embora baste dar uma olhada nas estantes de qualquer livraria brasileira para se convencer da sua preponderância em certos assuntos. Na medicina, por exemplo, diz-se que 90% das vendas são das edições multinacionais, apesar de existir desde a década de trinta uma boa editora brasileira especializada nela (a Guanabara-Koogan). A única aproximação estatística global que encontrei é a dada no *Multinacionais no Brasil: diagnóstico e prognóstico* de Dorival Teixeira Vieira e Lenita Corrêa Camargo (1976). Eles indicam a proporção das vendas das editoras multinacionais como 43%, e dos lucros 61%. Mas estes dados abrangem não somente a edição de livros; mas também a das revistas e as atividades das gráficas. E, além de ultrapassarem as preocupações deste presente artigo, são antigos: referem ao ano 1974. A revista noticiária *Visão* dá-nos um levantamento excelente, a cada ano, das empresas brasileiras, mas parece excluir quase todas as multinacionais: talvez o seu critério seja a disponibilidade das ações nas bolsas nacionais. Segundo a versão mais recente deste levantamento (agosto de 1980), a editora maior do País foi a Abril (lucros de 17,5% sobre capitais de 1.534 milhões de cruzeiros), seguida em ordem decrescente por: Bloch, Delta, Nacional, Saraiva, Ática, Guanabara-Koogan, Editora do Brasil, José Olympio (1% lucros sobre capitais de 149 milhões), Círculo do Livro (o impressionante 32% de 114 milhões), Vecchi, Bernardo Álvares, Atlas, Ao Livro Técnico (18,3% de 66 milhões), Brasil-América, Forense, LISA, Primor, Freitas Bastos, Lex e Editora Globo.

Mas seria erro pensar na ameaça a uma indústrial editorial brasileira independente apenas em termos da extensão da propriedade estrangeira. A propriedade não é, em si, a direção, e as empresas estrangeiras apresentam uma variedade enorme do grau de adaptação ao mercado nacional. A atual *Enciclopédia Mirador* da Enciclopadia Britannica do Brasil, por exemplo, inclui uma grande proporção de excelentes artigos de contribuintes brasileiros sobre assuntos brasileiros. Por outro lado, uma editora nacional pode dedicar uma alta proporção das suas edições a autores estrangeiros. Há pressões financeiras que explicam isso. Graças à mídia, o nome de Arthur Haley (por exemplo) conhece-se no Brasil tão bem como o do Jorge Amado. As condições de emprego e de promoção dos

Digitalizado gentilmente por:

professores universitários brasileiros não os estimulam a escrever livros de texto. Nos estudos brasileiros, mesmo o mercado recebe alta proporção de obras de brasilianistas estrangeiros, e são estas importantes no currículo universitário também. Resulta das oportunidades tão maiores de pesquisa no exterior (bibliotecas melhores, mais tempo, mais dinheiro). Apesar do exemplo ótimo de Jorge Amado, tampouco há muitos ficcionistas nacionais realmente populares. O resultado final é que uma altíssima proporção das vendas (e, na conseqüência, das edições) no Brasil, é de traduções, seja de editoras nacionais, seja de multinacionais. Segundo o SNEL houve 16.799 primeiras edições nos anos 1976, 1977 e 1978 editadas no País. Destas, 7.209 ou 43% foram traduzidas, e, excluindo os livros didáticos, esta proporção teria sido ainda maior. Precisa lembrar também que as traduções foram editadas em tiragens mediamente maiores que os originais nacionais.

Outro fato interessante, fornecido pelas estatísticas, não do SNEL senão do SEEC, é o aumento nos últimos anos da proporção dos livros traduzidos do espanhol. Parece muito provável que indica uma inundação de livros didáticos tirados depressa pelas multinacionais de versões suas já estando vendidos na América espanhola.

Uma tendência, bastante recente de introdução, é a co-edição internacional de obras onde a quantidade de material não idiomaticamente específica (e.g. as ilustrações) é relativamente alta. Ao cooperarem editoras de vários países, muitos custos podem ser repartidos e ao preço final dentro das possibilidades de cada mercado nacional. Quando os participantes são empresas independentes, tais casos de colaboração ajudam (e, a dizer a verdade, são imprescindíveis) para concorrer com as multinacionais. Um excelente exemplo é a série *Prisma: o conhecimento em cores*, edi-

TRADUÇÕES EDITADAS NO BRASIL
Títulos por ano, segundo o idioma do original

ANO	Alemão	ESPANHOL	Francês	Inglês	Italiano	Russo	Outros	TOTAL
1956	27	11	113	174	19	11	40	393
1960	35	19	120	210	39	19	22	464
1965	46	16	94	278	§	13	50	497
1970	70	33	192	656	§	11	68	1.037
1975	51	1.553	218	778	109	§	14	2.723
1976	153	1.250	299	1.079	52	§	38	2.871
1977	156	1.254	333	989	43	0	14	2.789

§ incluídos na coluna 'outros'

tada no Brasil – com certos títulos de autoria brasileira – pela Melhoramentos de São Paulo. Lembra o estilo, tamanho e alcance da série *Que sais-je?* das Presses Universitaires de France, mas tem a grande vantagem de aparecer em cores. Infelizmente a natureza de tais co-edições implica que a maioria dos textos serão de origem

Digitalizado gentilmente por:

estrangeira. Um exemplo típico é a série de histórias atraentes de arte editada pela DIFEL com texto em português feito pelo participante lisboeta (coisa de grande sensibilidade na parte do leitor brasileiro!), impressa em Barcelona (por ser aí os custos industriais os mais baixos?), mas baseada num original escrito por um inglês para a Oxford University Press de Nova Iorque. O resultado foi, no contexto brasileiro, uma ênfase totalmente desiquilibrada na arte do mundo anglo-saxão. O volume sobre o estilo barroco (como exemplo) dedicou quase um capítulo à análise da arquitetura de Sir Christopher Wren, e deu menos de uma página às manifestações do barroco – tanto mais típico desse estilo – na América Latina.

Relatórios, embora sombrios que sejam, dos efeitos da penetração multinacional numa economia, usualmente concluem-se com um prognóstico ditoso que afirma as contribuições dos invasores no progresso técnico ou, pelo menos, nas idéias do 'marketing'. Isso talvez pode dizer-se do parque gráfico – embora, mesmo aí, a conversão quase total da tipografia para o off-set que aconteceu à cerca do ano de 1970 deu-nos um exemplo recente de como o desenvolvimento econômico e técnico pode proceder-se sem a intervenção do estrangeiro. É muito menos fácil imaginar a possibilidade de uma contribuição positiva da parte das *editoras* estrangeiras. É verdade que a Jackson Company introduziu a idéia de vendas domiciliares de coleções, mas isto ocorreu há setenta anos! Existe hoje em dia uma firma editorial no País, com gerência tão conservadora que só sabe técnicas novas ao encontrá-las na praça, na prática da concorrência estrangeira? Citemos – para lembrar somente dois dos mais memoráveis – os casos da Civilização Brasileira nos anos sessenta e da Abril nos anos setenta como exemplo de perspicácia gerencial cujo êxito não deveu nada à tutoria das corporações transacionais. Nem necessitou a indústria exemplares no campo dos formatos novos. Os multimeios foram introduzidos pela José Olympio há dez anos e o único de microfichas no País conhecido por este autor é brasileiro.

NOTAS

([1]) Para um ponto de vista muito diferente, veja: Warren DEAN: "The USIA book program: how translations of 'politically correct' book are (secretly?) subsidized for sale in Latin America", *Punto de contacto/Point of contact, 1 (3) : 4-14 (Set/Out 1976).*

([2]) Emerson BROWN: *Report of seminars: social studies, the editorial process,* Rio de Janeiro, USAID, 1970 (mimeo.).

([3]) Uns 200.000 ou 300.000. A tiragem media em países como o Reino Unido – apesar do seu mercado externo nos países da 'Commonwealth' –, a Alemanha ou os EUA não ultrapassa 150.000.

Digitalizado gentilmente por:

BIBLIOGRAFIA

EDITORAS MULTINACIONAIS NO MUNDO

ALTBACH, Philip G.: "Literary colonianism: books in the Third World", *PERSPECTIVES ON PUBLISHING,* edited by Philip G. Altbach & Sheila McVey, Lexington MA, Lexington Books, 1975.

BENJAMIN, Curtis G.: "International publishing becomes multinational". No seu *A candid critique of book publishing,* Nova Iorque, Bowker, 1977: chapter 16: 112-118. Trata da expansão da McGraw-Hill da qual foi Benjamim o presidente de 1946 a 1966.

CORRADI, J.E. : "Cultural dependence and the sociology of knowledge: the Latin American case", *International journal of contemporary sociology, 8: 35-55 (1971).*

DOEBLER, Paul: "Multinational publishing: in Sci-Tech it's here, in trade it still has a long way to go", *Publishers weekly 208: 80 (Set 20, 1975).*

GOLDING, Peter: "The international media and the political economy of publishing", *Library trends, 26 (4): 464 (Primavera 1978: número dedicado ao comércio do livro do Terceiro Mundo).*

The INTERNATIONAL LITERARY MARKETPLACE, Nova Iorque, Bowker (anuário). As suas listas de editoras por países muitas vezes indica as quais são filiais de companhias estrangeiras.

JOKELA, Mikko: "Book, film, television – an international comparison of national self-sufficiency in three media", *Institute of Journalism and Mass Communication, 27 (Universidade de Tampere, Finlândia, 1975).*

VARIS, Tapio: "Aspects of the impact of transational corporations on communication", *International social science journal, 28 (808): 30 (1978).*

A INDÚSTRIA LIVREIRA NACIONAL E AS MULTINACIONAIS

"BRAZIL trying to break into world pulp market", *Latin American economic report, 5 (9): 34 (Londres, Mar 4, 1977).*

FITTIPALDI, Mário: *A indústria do livro no Brasil: empresas nacionais e estrangeiras competindo no mercado local...* Rio, SNEL, 1980;

GIACOMO, A.M. de: "O livro no processo de desenvolvimento", *Fichero bibliográfico hispanoamericano, 12 (12):13 (Buenos Aires, Set 1973).*

"HARPER & ROW launches Brazilian subsidiary", *Publishers' weekly, 209 (7) (Fev 16, 1976).*

"LIVROS: a luta contra a desnacionalização", *Banas, 1 (109): 10-12 (Set. 15/18, 1975).*

LOFQUIST, William S.: "The market for books in Latin America", *Printing and publishing quarterly industry re-*

Digitalizado gentilmente por:

port (Abr 1968): 3-12 & (Aug 1968): 3-8 (Washington, United States Business and defense services administration).

LOPES, Moacir Costa: *A situação do escritor e do livro no Brasil,* Rio, Cátedra, 1978: "Instalação de editoras estrangeiras no País", 168-174.

LOTTMAN, Herbert R.: "Brazil, a long way to go", *Publishers' weekly, 218 (21): 20-33 (Nov. 21, 1980).*

RABELO, Genival: *Capital estrangeiro na imprensa brasileira,* Rio, Civilização Brasileira, 1966.

VIEIRA, R. A Amaral: "Alienação e comunicação (o caso brasileiro)", *COMUNICAÇÃO de massa, o impasse brasileiro,* organizador R.A. Amaral Vieira, Rio, Forense-Universitária, 1978.

A ECONOMIA BRASILEIRA E AS MULTINACIONAIS

ARRUDA, Marcos et alii: *The multinational corporations in Brazil: the impact of multinational corporations in the contemporary Brazilian economy.* Toronto, Latin American Research Unit, 1975.

BLACK, Jan Knippers: *United States penetrations of Brazil,* Philadelphia PA, University of Pennsylvania Press, 1977.

EVANS, Peter B.: "The military, the multinationals and the miracle: the political economy of the Brazilian model of development", *Studies in corporative economic development, 9 (3): 26-45 (Rutgers University, Outono de 1974).*

HEWLETT, Sylvia: The dynamics of economic imperialism: the role of direct foreign in Brazil", *Latin American perspectives: 2 (4): 1: 138-148 (University of California at Riverside, Primavera de 1975).*

MARTINS, Luciano: *Nação e corporação multinacional: a política das empresas no Brasil e na América Latina,* Rio, Paz e Terra, 1975.

PIGNATON, Álvaro A.G.: *Capital estrangeiro e expansão industrial no Brasil,* Brasília, Deptº de Economia, Instituto de Ciências Humanas, UFB, 1973.

QUEIROZ, M[aurício?] V[inhas de?] & Peter EVANS: "Um delicado equilíbrio: o capital internacional e o local na industrialização brasileira", *Caderno CEBRAP, 28 (São Paulo, Brasiliense, 1977).*

VIEIRA, Dorival Teixeira & Lenita Correa CAMARGO: *Multinacionais no Brasil: diagnóstico e prognóstico,* São Paulo, Saraiva, 1976.

VIEIRA, José Maria Gouvêia: *O capital estrangeiro no desenvolvimento do Brasil,* São Paulo, DIFEL, 1975.

Digitalizado gentilmente por:

O Bibliotecário, a Informática e o Inter-Relacionamento dos Profissionais que Operam as Bibliotecas de Hoje*

CDU 681.06

*Terezine Arantes Ferraz***

Evolução da entidade biblioteca e sua função na sociedade atual como agente responsável pela coleta, tratamento e disseminação de informação. A responsabilidade desse organismo no processo de transferência de informação e como gerador de informação A diversidade da formação de profissionais que operam e gerenciam essa entidade, o inter-relacionamento que deve prevalecer entre esses profissionais e suas relações com a Informática. A formação profissional do bibliotecário face ao desenvolvimento sócio-econômico da sociedade atual.

Tão remotamente quanto tem sido possível se averiguar, as bibliotecas surgiram como parte integrante dos antigos templos e palácios, evidenciando uma preocupação de ordem social de atuar como repositórios da transcrição da cultura daquelas épocas. Tinham, então, caráter eminentemente arquivístico, cuja principal preocupação era preservar documentos necessários ao estado, transações comerciais e transmissão de crenças e rituais religiosos.

A invenção da imprensa, com caracteres móveis, ampliou extraordinariamente as coleções bibliográficas e contribuiu para a democratização do ensino e cultu-

* Trabalho apresentado ao XIV Congresso Nacional de Informática, Seminário de "A Informática e a Biblioteconomia". São Paulo, 16 – 23 de outubro de 1981.

** Diretora da Divisão de Informação e Documentação Científicas do Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares, São Paulo.

Digitalizado gentilmente por:

ra, aumentando o número de bibliotecas e leitores.

Com o decorrer dos séculos, as funções das bibliotecas aumentaram e, a partir do Séc. XVIII, essas entidades passaram a servir de suporte a uma variedade de funções sociais, inclusive de apoio a empreendimentos econômicos e comerciais, ao sistema educacional em todos os seus níveis, à cultura popular, à indústria e ao crescente movimento de auto-educação. Assim, essas entidades , originalmente criadas como privilégios da realeza e elites eclesiásticas, foram se transformando em agentes da democracia refletindo atitudes, valores e ambições das sociedades que as suportavam.

Os objetivos fundamentais das bibliotecas eram reunir, catalogar, classificar e armazenar as coleções existentes, tendo atitude passiva, no que diz respeito à difusão dos conhecimentos.

Ao longo do Séc. XIX apareceram as primeiras bibliotecas especializadas ou científicas e, em algumas bibliotecas importantes, da caráter geral, criaram-se seções ou departamentos científicos, técnicos e tecnológicos.

As bibliotecas cresceram dramaticamente em tamanho, número e complexidade e, ao longo dos anos, criaram um corpo de regras razoavelmente normalizado, desenvolveram novas técnicas e padrões para o seu controle administrativo, aumentaram sua clientela, mantendo sempre a sua missão básica de prover a utilização social dos registros gráficos para benefício do indivíduo e, através deste, da sociedade.

Com o correr dos anos, a tendência à especialização se acentou e as bibliotecas tornaram-se mais e mais especializadas, em química . . . medicina . . . agricultura. Essa tendência a um maior fraccionamento do conhecimento — que inclusive continua a se acentuar — tem sido compensada em parte, pela cooperação estabelecida entre as bibliotecas, no que se refere principalmente à aquisição, reprodução e empréstimo mútuo de documentos. Esses programas cooperativos exigiram a renúnica voluntária a uma certa parcela de auto-suficiência e de independência. O desenvolvimento dessa interdependência fez surgirem sérios problemas, mas apontou, por outro lado, as possíveis soluções para a superação dos mesmo e criou oportunidade de novas experiências de trabalho.

A par do surgimento dessas bibliotecas especializadas e do aparecimento, inicialmente tímido de trabalhos em bases cooperativas, começaram a ser criados os centros de documentação, ou serviços de informação, como quer que se os denomine.

Assim como as bibliotecas têm revelado tradicionalmente uma vocação enciclopédica, os centros de documentação surgiram para ocuparem-se, fundamentalmente, do tratamento de documentos e, por extensão, de dados científicos e tecnológicos referentes a um campo ou assunto específico, e colocá-los à disposição, rápida e oportunamente, de seus grupos definidos de usuários. Situando a atualidade da informação num primeiro plano de interesse, os centros de documentação utilizam revistas especializadas, relatórios, teses e dissertações, impressos ou reproduzidos e, cada vez mais, diversas formas de materiais gráficos, iconográficos, sonoros e audiovisuais.

A razão de ser dos centros de documentação não reside na simples acumulação de conhecimentos, antes na atualização, definida em função de necessidades específicas e na facilidade de seu acesso aos especialistas.

Concomitantemente, a idéia de redes e sistemas de informação se cristaliza em um instrumento de trabalho de grande potencial, porque mobiliza todos os recursos de muitas bibliotecas e centros de documentação. Essa idéia constitui excitante novidade, e igualmente, um grande desafio pelas implicações que acarreta.

Digitalizado gentilmente por:

Falar em sistemas, como solução para a obtenção da informação, pressupõe um modelo de informação vertical hierarquizado. Os contatos recíprocos ou não, entre bibliotecas isoladas e tais sistemas, constituem as redes – integração horizontal – e, por conseguinte, a essência da informação, cooperação ou da interdependência.

Durante as décadas de 40 e 50, os trabalhos, atividades, conceitos e idéias expressos por Vannevar Bush, Taube & Perry, Mooers, Luhn e outros, constituíram as bases sobre as quais se desenvolveriam, a partir dos anos 60, os trabalhos de concepção de bases de dados bibliográficos, coloquialmente denominados DBs. Essa década presenciou ainda o aparecimento dos primeiros DBs *on line,* em caráter operacional. A década de 70 viu o aparecimento das primeiras redes de DBs *on line* e o aparecimento da indústria da informação.

No início da década de 80 estamos presenciando a proliferação desses DBs e de suas redes, atualmente em grande desenvolvimento na Europa, e em especial, nos EE. UU., e o fortalecimento, cada vez maior, da indústria da informação.

Os centros de análise da informação – de criação relativamente recente – têm experimentado e ainda experimentarão desenvolvimento facilmente explicável, devido ao papel que desempenham na avaliação e síntese da informação.

Ante a avalanche crescente de informações de todos os tipos que invade as bibliotecas e centros de documentação, é necessário proceder-se à operações de depuração, decantação, filtragem e seleção e, posteriormente, à sistematização e análise, etapa indispensável e que precede à formulação de novas hipóteses de trabalho.

O repentino e dramático aparecimento de inúmeras bibliotecas técnico-científicas e a proliferação de incontáveis centros de documentação, bases e bancos de dados de análise da informação, criaram a necessidade de se orientar previamente os usuários para os serviços mais competentes ou mais bem providos de informação.

Por isso, começaram a surgir, ao redor de 1965 no EE.UU., os primeiros centros referenciais, que são comparáveis a um escritório de informação ou uma central telefônica que não fornecem, necessariamente, documentos ao usuário, antes dá-lhe informações, sem ocuparem-se da essência real da informação científica e tecnológica.

Encerrando esta evolução rápida e sumaríssima da "entidade biblioteca" e suas congêneres atuais, há que se mencionar estudos prospectivos que estimam que, num prazo relativamente curto, surgirão estruturas parcial ou totalmente inéditas no campo da informação, tais como centros especializados em documentos ou audiovisuais, ou ainda, centros de inovação, encarregados de centralizar e difundir informações primárias e secundárias, não só sobre invenções e suas patentes como, também especialmente, sobre idéias, sugestões e instituições voltadas para o futuro. Contudo, tal é a complexidade dos problemas para coletar, analisar, classificar e, finalmente, sintetizar essas noções ainda mal definidas, que a criação desses centros de inovação não deverá se verificar antes dos próximos 20 anos, segundo vários autores.

Esta análise, como disse, constitui um retrospecto sintético e muito incompleto da evolução das funções da biblioteca e suas entidades-irmãs. Com isto, pretendi apenas fazer uma rememoração da tipologia da entidade biblioteca, lembrada que estou, não ser este o objetivo da minha palestra, mas usando-o apenas como preâmbulo para chegar ao ponto desejado. Assim, "en passant", viu-se a tipologia das bibliotecas e agora, não menos sumariamente, enumerarei alguns dados sob o ponto de vista quantitativo.

Com referência a este aspecto, não há números inteiramente confiáveis. Nos EE.

Digitalizado gentilmente por:

UU., levantamento recente, relacionou 2700 bibliotecas especializadas, administradas pelos serviços do Governo Federal, mas esse número pode facilmente ascender a dezenas ou centenas de milhares, dependendo da definição adotada para se caracterizar essa entidade.

Por sua vez, o número de DBs existentes no mundo é estimado em cerca de 300, sendo 58% deles gerados nos EE.UU, registrando 89% dos documentos disponíveis internacionalmente.

No Brasil, levantamento que me foi acessível, datado de 1969 e promovido pelo IBICT, relaciona nesse ano, sob o título de "Bibliotecas Especializadas Brasileiras", 808 entidades. Note-se, entretanto, que sob essa rubrica foram, igualmente, incluídas bibliotecas universitárias.

Com referência à geração de DBs nacionais, o vol. de 1978/80 da "Bibliografia Brasileira de Documentação", igualmente publicação do IBICT, indexa alguns trabalhos descrevendo projetos e experiências e outros descrevendo geração de DBs, já em fase operacional. Ao todo, esses trabalhos não excedem a casa dos vinte.

Projeções mundiais estimam crescimento acelerado do volume de documentos científicos, impressos ou não, bem como de observações originais. Os prognósticos prevêem que os serviços de informação científica e tecnológica tenderão a se diversificar e se ramificar. Tudo leva a crer que esse processo se acentue nos próximos anos. Especialistas suecos fazem prognósticos que, por volta de 1990, as bibliotecas ter-se-ão convertido em centros de entrada de dados nos de sistemas de informação e especializar-se-ão no processamento e análise da informação.

Quaisquer que sejam as previsões, a verossimilhanças de atividades desenvolvidas atualmente por bibliotecas e serviços de informação são facilmente detectáveis mediante análise comparativa dessas atividades.

O que pretendo fazer em seguida, ao destacar as similaridades de atividades desenvolvidas pelos serviços de informação e bibliotecas, cumpre dois objetivos:

1º) Demonstrar que as características e limites de ação entre essas entidades se confundem, sendo irrelevante determinar as distinções existentes a partir do momento em que essas entidades se equiparam na tipologia e qualidade dos serviços prestados. Para fins desta exposição, me referirei, indistintamente, à uma ou outra, independente de como sejam as mesmas designadas, aqui, nos EE.UU. ou na Europa. O que importa, isso sim, é a característica comum de proverem informação de qualidade, à hora e em quantidade certas.

O 2º objetivo é demonstrar, ao término da exposição deste capítulo de "verossimilhanças", que sendo uma mesma entidade, dinâmica, com prestação de serviços de qualidade, explorando e utilizando todas as facilidades que a moderna tecnologia pode lhe oferecer, essa entidade requer, por outro lado, profissionais com características específicas, voltadas para atender a esse conjunto também específico de condições e exigências.

Assim as atividades de catalogação, indexação, classificação, elaboração de resumos, preparo de catálogos, elaboração de buscas retrospectivas, serviços de disseminação seletiva da informação e provisionamento de documentos, são atividades comuns.

Também no que se refere às chamadas operações secundárias, ou seja, elaboração de bibliografias selecionadas, índices de referências bibliográficas, há similaridade de atividades.

As chamadas operações auxiliares, para cujo desempenho as técnicas de automação desempenham papel fundamental, encontram-se em fase de vigorosa expansão, inclusive no que se refere à seleção de aquisição de documentos, operações de em-

Digitalizado gentilmente por:

préstimo, de circulação, de reprodução, constituindo mais um ponto em comum entre as entidades biblioteca e serviços de informação.

Também no que se refere a conceitos e noções que norteiam os procedimentos dessas entidades, há vários deles que são comuns, por exemplo: preocupação com a clientela a que servem, atendimento da necessidade informacional dos usuários, preocupação com conceitos de eficácia e qualidade. Acessibilidade e economia constituem também alguns dos aspectos que vêm preocupando e nos quais vêm ativamente agindo bibliotecas e serviços de informação.

Com relação à evolução que se processa na tecnologia empregada por essas entidades, é possível, também, se constatar que a tecnologia de computadores, até há 10 – 15 anos atrás quase que só restrita a áreas que não especificamente àquelas da biblioteca, atingiu e está causando um impacto comparável àquele ocasionado pelo advento da imprensa.

A automação encontrou nas tarefas repetitivas dos processos técnicos da biblioteca campo virgem, a espera de ser desbravado. A automação, quando se deve manipular e veicular quantidades de documentos e informações, somada à grande capacidade das memórias magnéticas e ao custo de armazenagem, transformou a informática numa grande aliada da biblioteca. As memórias holográficas – baseadas no laser – deverão modificar radicalmente a armazenagem das informações relativas à pesquisa científica, indústria e administração.

Admite-se, igualmente, rápido desenvolvimento da técnica vídeo, devido à contínua descoberta de novas aplicações. Os próprios telefones estão sendo substituídos por videofones e serão conectados à bibliotecas, centros de documentação, arquivos, redações de jornais e de revistas.

A tecnologia de terminais – outro instrumento de largo uso comum entre bibliotecas e serviços de informação – torna possível a interface homem/máquina. A flexibilidade dos programas de computador estão agilizando o "modo de conversar" e permitirá, cada vez mais, a aproximação entre o homem e a máquina.

Também as técnicas de impressão – das quais não prescindem as bibliotecas e serviços de informação e das quais há prognósticos que vaticinam seu uso ainda por muitos anos por essas entidades – estão sendo objeto de importante desenvolvimento tecnológico. A composição de textos, gráficos e imagens à alta velocidade, é uma realidade da qual bibliotecas e serviços de informação já estão fazendo largo uso.

A tecnologia da telecomunicação também está exercendo papel relevante nas atividades desenvolvidas por essas entidades e as perspectivas são de eminente desenvolvimento dos meios de telecomunicação ultra rápidos, seguros e economicamente acessíveis.

Os microcomputadores, essa nova e promissora tecnologia, aí estão e vão representar outro grande aliado da biblioteca. O mercado brasileiro é promissor e parece bastante eminente a entrada do país nessa área de competição tão acirrada, internacionalmente.

Quantitativamente, é temerário tentar-se qualquer extrapolação com referência ao número e tipos de computadores que existirão no mundo neste próximos anos.

Com referência a suportes materiais da informação, encontra-se novamente grande verossimilhança de variedades entre os materiais usados pela biblioteca e serviço de informação. A II Guerra Mundial – à par da hecatombe que significou para o mundo – propiciou o aparecimento do microfilme, material que iria posteriormente ter a maior relevância no processo de transferência da informação. A microficha, por exemplo, é ao mesmo tempo suporte de armazenagem, suporte de dados de entrada,

Digitalizado gentilmente por:

às vezes de saída e, comumente, de transferência de informação. C desenvolvimento e aplicabilidade da miniaturização é evidente: da microficha que continha 100 fotogramas, passou-se à supermicroficha com 1000 fotogramas e à ultramicroficha com mais de 3000 fotogramas, equivalente a 7 – 10 livros completos. Ao microfilme, igualmente, está reservado papel muito importante e, as bibliotecas em especial, têm sabido explorar essa tecnologia com indiscutíveis bons resultados. As microformas já estão incorporadas ao dia a dia da biblioteca e, igualmente, da informática.

Nesta análise retrospectiva, sumária e incompleta, conforme faço questão de repetir, feita exclusivamente com objetivo de descrever e quantificar a tipologia de entidades que, isolada ou conjuntamente, operam na área da informação, não teve outro intuito senão o de rememorar a evolução por que passou a entidade biblioteca, sua tradicional posição passiva, depositária de informação, e como a vimos encontrar, hoje, crescida dramaticamente em número, forma e atividade, agressiva na sua atividade informacional, consciente da sua posição na sociedade moderna, inteiramente assumida na sua responsabilidade de informar, de informar bem.

Na verdade, o objetivo que pretendo alcançar ao fazer essa caracterização da tipologia e do processo evolucional dessa moderna entidade de informação, não é outra senão a de levar e predispôr os presentes a se indagarem comigo sobre quem são os profissionais que estão operando essa biblioteca dos nossos dias, como os mesmos se inter-relacionam e se interagem com a informática.

Assim, permitam-me continuar levantando alguns pontos e tecer mais algumas considerações sobre outros aspectos para chegar, finalmente, ao ponto central da minha proposição.

Hoje, todos sabem, a Biblioteconomia é uma ciência multidisciplinar. A moderna biblioteconomia incorpora aos conhecimentos dos seus profissionais métodos de qualquer outra ciência. Poucos duvidam que o uso dos registros gráficos da sociedade é um conhecimento científico para o qual todos os ramos do conhecimento humano podem e devem contribuir.

Como a biblioteconomia se relaciona essencialmente com a utilização dos registros gráficos, feitos pelo indivíduo ou coletivamente, a biblioteconomia é fundamentalmente uma ciência do comportamento. Entretanto como os métodos e descobertas das ciências físicas e biológicas estão sendo crescentemente aplicados ao estudo do comportamento humano, o bibliotecário deve ser "científico", esse científico entre aspas; "científico", não porque ele possa estar fornecendo ou comunicando literatura científica aos cientistas, mas científico porque a ciência, no seu sentido mais amplo, é a base do próprio conhecimento do bibliotecário.

A Biblioteca é uma instituição social. Para preencher sua responsabilidade tem que refletir a sociedade da qual é parte e espelhar cada mudança significativa ocorrida nessa sociedade. Dentro dos últimos 25 – 30 anos, mudanças, tanto significativas como extensivas, têm ocorrido na sociedade com freqüência e conseqüências imprecedentes.

Nestas últimas décadas, o aumento no número dos registros gráficos tem sido de tal ordem e afetado igualmente de tal forma a sociedade, e a evolução da tecnologia tem também progredido tão rapidamente, que as técnicas de disseminação de informação estão rapidamente se transformando e exigindo profissionais com formação voltada para esse novo conjunto de circunstâncias.

Constitui fato igualmente conhecido que as necessidades de informação são tão diversas e tão complexas que uma única

Digitalizado gentilmente por:

instituição – tal como a biblioteca – não pode, sozinha, carregar essa incumbência, a não ser, e conforme vimos no retrospecto sintético que há pouco fizemos, que ela evolua, dinamize suas atividades, otimize e agilize sua prestação de serviços.

Desde a década de 50, quando os computadores começaram a ser utilizados para fins comerciais, é bem conhecido o impacto social e econômico que causaram nos mais diversos setores e países. A informática alterou os procedimentos comerciais, industriais, e suas técnicas tornaram-se instrumentos valiosos à pesquisa. A informática está envolvida no processo de comunicação e em ampliar, em estender a capacidade da mente humana. A informática ainda terá muito e muito para contribuir para o desenvolvimento de inúmeros setores e, no caso em pauta, para o processamento e transferência da informação. Nós apenas começamos a vislumbrar a sua poderosa capacidade.

Hoje, serviços que tratam a informação, usam o computador e equipamentos relacionados em dois tipos fundamentais de atividades: processamento de documentos e processamento do "conteúdo" desses documentos. De maneira geral, no Brasil, o processamento de documentos é a área em que as bibliotecas estão começando a se habilitar. A área de "conteúdo" de documentos para ser ainda campo pouco penetrado pelas bibliotecas do país. Aparentemente, as bibliotecas brasileiras estão começando a usar o computador mais na parte referente a processamento e controle dos itens físicos da coleção, em atividades referentes à aquisição, controle bibliográfico, manutenção da coleção, empréstimo, empréstimo inter-bibliotecas e outros aspectos. Ainda assim, a automação empregada nesse conjunto de atividades, genericamente denominado "Automação de Bibliotecas", é feita de maneira incipiente e sem muito sentido de uma imprescindível e eminente constituição de sistemas nacionais de informação. Na parte de geração de DBs, o número de atividades ainda é pouco significativo.

O uso adequado das técnicas da informática requer exatidão no planejamento, desenvolvimento, análise, síntese e organização, características nem sempre presentes na formação profissional do bibliotecário. O gerente bem sucedido da biblioteca requer novas modalidades de interação e inter-relacionamento entre pessoas, equipamentos e materiais.

Mencionamos há pouco que a biblioteca cresceu em complexidade em função do próprio estágio de desenvolvimento alcançado pela sociedade atual. Do antigo administrador de bibliotecas, passou-se para o gerente de centros de informação, a quem compete selecionar os elementos responsáveis pelas partes financeira, contábil, de pessoal e de inúmeros outros aspectos gerenciais. Saber valer-se de elementos competentes, capacitados a planejar, implantar, operar o sistema de informação da biblioteca requer tomada de decisões e estas, por sua vez, requerem conhecimentos multidisciplinares. É fato inconteste que o moderno conceito de gerenciamento de centros de documentação exige participação de elementos com formação diversificada, com forte sentido de trabalho em grupo.

Finalmente, chego ao ponto nevrálgico do tema no qual me situaram neste congresso, qual seja, "Biblioteconomia e Informática", e o qual eu gostaria de alterar um pouco, dando-lhe uma conotação mais pessoal, mais individual, qual seja: "o Bibliotecário e a Informática e o seu relacionamento com outros profissionais que operam as bibliotecas de hoje".

Com o que foi comentado até este ponto, espero ter levado os presentes a irem mentalizando não só a verossimilhança de atividades entre biblioteca e serviço de informação mas, sobretudo, o novo con-

Digitalizado gentilmente por:

ceito no desempenho de atividades dessa biblioteca dos nossos dias e, por analogia, a figura dos novos profissionais, de formação variada, responsáveis pelo gerenciamento e operação dessa moderna entidade informacional e do inter-relacionamento que deve imperar entre esses profissionais, sobretudo com o pessoal da informática, preocupação central deste trabalho.

Assim, chego à pergunta:

E os profissionais que trabalham nessa nova biblioteca-serviço de informação. Quem são? Qual a sua formação? Quais as suas características? Acompanharam, em rapidez e amplitude de conhecimentos, a abertura do espectro de atividades que a nova entidade biblioteca passou a assumir nestas duas últimas décadas? Então esses profissionais capacitados a interagirem com os colegas de formação variada, que por força da própria nova conceituação e da diversidade de atividades desenvolvidas nessa moderna biblioteca, colaboram, cooperam, coexistem?

A linguagem falada por esses elementos, de formação profissional diversificada, em especial pelo pessoal da área de informática, há que ter uma base comum para que se obtenha consenso e compreensão e se alcance a racionalização e otimização, características inerentes à biblioteca.

A recente experiência brasileira na aplicação da informática à Biblioteconomia tem demonstrado ser esse inter-relacionamento, de início lento e, não raro, até mesmo penoso para ambas as partes, visto, como disse, ser recente a experiência de trabalho conjunto desses dois profissionais. Torna-se evidente que cada um desses elementos há que aprofundar mais o seu conhecimento da linguagem do outro. Os bibliotecários sentem dificuldade em se submeter aos compromissos que a informática exige como paga pelos seus benefícios. O pessoal da informática, por seu turno, não raro, questiona a aparente intransigência dos bibliotecários quanto à exigência de especificações, ou reluta admitir a necessidade da quantidade extraordinária de dados bibliográficos e a rigorosa ordem de sucessão dos mesmos.

Ultimamente, os bibliotecários começam a ser reconhecidos como usuários com necessidades peculiares, sobretudo no que diz respeito a tamanho dos arquivos e à complexidade dos dados bibliográficos. Um novo posicionamento do pessoal de biblioteca, com finalidade de utilizar técnicas que a informática dispõe e a reagir corretamente face às falhas, é hoje fato irrefutável. A reação inicial do bibliotecário, frente ao treinamento que se faz necessário e ao receio de que tal tarefa exceda sua capacidade ou que reduza sua atividade a nível de desqualificação intelectual, é comumente substituída por confiança e crença na informática, muitas vezes, com a simples chegada do computador e equipamentos correlatos.

As novas técnicas e metodologias de análise e projetos de sistemas fazem com que o bibliotecário seja cada vez mais solicitado a participar do processo de criação de um sistema de informação. O bibliotecário não se satisfaz em ser simplesmente um observador. Antes, deve ter uma participação ativa e capacidade de indicar com precisão as qualidades e os serviços que pretende que a informática lhe provenha.

O analista, por sua vez, ao definir um sistema, deve ter em vista a sua flexibilidade, facilidade de manutenção e compatibilidade com outros sistemas, além de se preocupar em adequar estas características aos recursos disponíveis na sua instalação, em termos de "hardware" e "software" e, por outro lado, tem ainda que se empenhar na apreensão das necessidades específicas e na terminologia própria da Biblioteconomia.

O problema que então surge, é como utilizar e compatibilizar o conhecimento do bibliotecário e suas necessidades especí-

Digitalizado gentilmente por:

ficas com a visão também específica do analista, de forma que o resultado desse trabalho conjunto logre alcançar plenamente os objetivos planejados.

Alguns problemas têm ocorrido devido à carência de maior comunicação entre bibliotecários e pessoal da área da informática. Tal situação, entretanto, desaparece a partir do momento em que os bibliotecários se tornam mais familiares com a tecnologia computacional, e o pessoal da informática com as pecualiaridades da biblioteca. Os computadores oferecem novas e eficientes maneiras de se fazer tarefas até então executadas com técnicas tradicionais. Os bibliotecários têm agora muitas escolhas entre as quais selecionar, mas, muitas escolhas requerem decisões. E decisões judiciosas só podem ser feitas com base em conhecimento suficiente e experiência para analisar problemas e operações de maneira objetiva, independente e esclarecida.

À luz das considerações até aqui feitas, algumas noções parecem emergir com referência a conceitos que já estão sendo considerados e que deverão ser mais fortalecidos no processo educacional do bibliotecário, por exemplo:

— Compreensão da necessidade da implantação e desenvolvimento de redes e sistemas de informação nos quais as potencialidades bibliográficas de uma área ou região possam ser exploradas na sua total potencialidade. Têm-se falado muito sobre cooperação. Agora não mais é possível permitirmo-nos um crescimento descoordenado, uma aquisição não planificada. Numa época em que a informática e a tecnologia da comunicação têm feito avanços impressivos, continuar no isolamento é economicamente inviável e desgastante sob o ponto de vista profissional.

— A informática, juntamente com o surgimento da ciência da informação entre nós, está contribuindo de maneira significativa que tende a aumentar na proporção em que os bibliotecários aprofundam seus conhecimentos sobre essas áreas. A mudança de biblioteca, criada para o privilégio e exclusividade de elites para bibliotecas que deve servir à necessidade informacional de clientelas específicas, especializadas, responsáveis pelo desenvolvimento sócio-econômico do país, apresenta inúmeros e infindáveis problemas. Tudo indica que não apenas alguns aspectos, mas todo o conjunto de conceitos sobre a formação profissional do bibliotecário está se alterando e ampliando.

— A idéia da necessidade de uma sólida educação geral, básica, é de fato conhecido e dedutível das considerações precedentes. A necessidade de especialização numa área determinada é imperativo que o desenvolvimento da própria sociedade impõe ao bibliotecário. Quando se enfatiza a necessidade de especialização para o bibliotecário, não se pretende que ele seja um técnico de especialização estreita. O que dá amplitude e significado ao conhecimento especializado é a educação básica, geral, em cima da qual a especializada é calcada e, contínua e permanentemente derivada. A especialização habilita o bibliotecário a se comunicar e entender as necessidades informacionais de clientelas específicas.

— O conhecimento seguro da bibliografia da sua área, informática, teoria da comunicação, conhecimentos sobre ciência da informação — tanto quanto esta se relaciona com a biblioteca — constituem outros aspectos que estão sendo fortalecidos na formação contínua do bibliotecário.

Formação com tais características, dirão alguns, poderá parecer utópica e economicamente inacessível ao país e colocará o bibliotecário além do alcance da maior parte das instituições.

Por outro lado, pessoa com formação, digamos, "acadêmica", "tradicional",

Digitalizado gentilmente por:

não é necessariamente a pessoa à qual se deu apenas bons conhecimentos, mas sobretudo, aquela que se mantém em constante processo de aprendizado.

Georges Anderla, professor do Instituto de Estudos Políticos de Paris, comenta a formação do pessoal que trabalha em centros de documentação, formação essa que é caracteristicamente européia, onde os limites entre as atividades desenvolvidas por bibliotecários, especialistas da informação científica, documentalistas, cientistas da informação, são extremamente difusos, englobando desde um simples treinamento, até educação formal e semiformal.

Pesquisa do Battelle Institute, sobre formação e número de pessoas trabalhando em serviços americanos de informação, ignorou as divergências de formação profissional entre bibliotecários que receberam formação tradicional, com ou sem especialização, e os formados em ciência da informação e agrupou-os, todos, sob a denominação de "Documentalista Especializado".

É inegável a influência da biblioteca americana na biblioteca brasileira e aqui, conquanto não tenhamos tido acesso a nenhum estudo que classifique e quantifique o pessoal que está trabalhando nos centros de documentação – visto não ter sido esse aspecto preocupação da minha palestra – é de se prever que, a prosseguir essa predominância da influência norte-americana, a tendência no Brasil será de que os bibliotecários aperfeiçoem mais e mais sua formação profissional de forma que, na composição dos quadros de pessoal das modernas bibliotecas, o bibliotecário ocupe lugar adequado na equipe de trabalho. Isso é possível sempre que o bibliotecário assume total conscientização das suas novas responsabilidades profissionais. Evidente que nesse processo de conscientização, o ensino deverá desempenhar papel fundamental. Mas acredito que o desenvolvimento próprio da sociedade cobrará desse profissional essa nova posição. Sem esse redimensionamento, predominará a tendência à situação européia, difusa, para não se dizer confusa, onde o bibliotecário, ao integrar equipes compostas por indivíduos de formação diversificada, parece estar sendo substituído por outros profissionais ou, quando não, tendo sua participação relegada, a plano menos relevante.

Creio ser desnecessário alongar-me nesta tarefa de enfatizar as razões que estão determinando a necessidade de um contínuo melhorar, evoluir, na formação profissional do bibliotecário de hoje.

Centrei o meu empenho em ressaltar as implicações que a informática trouxe à Biblioteconomia. Empenho talvez desnecessário, pois o desenvolvimento da própria sociedade, no todo, está cobrando do bibliotecário uma postulação compatível com esse desenvolvimento.

Aliada que tem sido, a informática constitui para a Biblioteconomia também um desafio. Desafio que trouxe no seu bojo um sem número de implicações, de novas técnicas a serem absorvidas e empregadas, algumas mais simples e acessíveis, outros complexas e sofisticadas e de apreensão mais difícil. Dentro do seu arcabouço, a informática trouxe de roldão necessidade da biblioteconomia se articular com profissionais de outras áreas, sobretudo com o pessoal da informática. Projetos mais ambiciosos, que incluem o emprego de técnicas da informática dentre as atividades para o seu desenvolvimento, forçam o bibliotecário a conviver com pessoas que detêm o poder decisório e de cujo veredito dependem o patrocínio e financiamento desses projetos. Tais situações exigem que o bibliotecário advogue com eficácia e persuasão a causa da biblioteca. Para tanto, quanto mais bem preparado, mais bem informado fôr esse bibliotecário, melhor e do mais alto nível será o diálogo que se estabelecerá entre as partes, aumentando as possibilida-

Digitalizado gentilmente por:

des de se lograr resultados positivos.

A rapidez que a informática imprime a transferência da informação tem estimulado os bibliotecários, além de estudar, a observar em países mais avançados, inovações que estão sendo desenvolvidas e implantadas com sucesso. Esse estudar, esse observar, essa absorção contínua de novas idéias e tecnologias, enfim, esse processo de educação contínua, habilita o bibliotecário a se lançar em novas lutas e na exploração e conquista de novos horizontes.

Por outro lado, para o pessoal da informática, que já vem trabalhando em projetos de sistemas aplicados à outras áreas, é estimulante ser solicitado pelos bibliotecários a participarem, com sua experiência, da solução de problemas afetos à área de biblioteconomia e informação.

É lícito esperar-se que o interesse comum existente entre biblioteconomia e informática faça com que o problema da comunicação seja superado e, através de uma linguagem comum, que aos poucos vem sendo construída, o objetivo maior, pretendido pelo inter-relacionamento desses profissionais, seja plenamente alcançado.

Assim, a informática, de ciência aliada, transformou-se em mais um elemento que está espicaçando a mente do bibliotecário, incitando-o a se redimensionar, a se reformular, a manter vivo o seu processo de educação contínua, ainda que ela, a informática, não se aperceba da sua contribuição no processo evolutivo que hoje se impõe à formação do bibliotecário.

Aliadas, ciências inter-atuantes, Biblioteconomia e Informática estão juntas, colaborando para a disseminação e acessibilidade da informação, base indispensável para o desenvolvimento do homem e da sociedade modernos.

Bibliografia Consultada

ANDERLA, G. *A informação em 1985. Estudo prospectivo de necessidades e recursos de informação.* Rio de Janeiro, IBICT, 1979.

CESARINO, M.A.N. Bibliotecas especializadas, centros de documentação, centros de análise da informação: apenas uma questão de terminologia? *R. Esc. Bibliotecon. UFMG, 7* (2):218-41, set. 1978.

CUNHA, L.G.C. Sistemas e redes de informação. *Ci. Inf.*, Rio de Janeiro, *6* (1):35-43, 1977.

OVERMYER, L.M. Libraries, technology, and the need to know. *Ci. Inf.*, Rio de Janeiro, *1* (2):67-71, 1972.

SAMBAQUY, L. Da Biblioteconomia à Informática, *Ci. Inf.*, Rio de Janeiro, *7* (1):51-60, 1978.

SARACEVIC, T. Educação em ciência da informação na década de 1980. *Ci. Inf.* Rio de Janeiro, *7 (1) : 3-12,* 1978.

IDEM. Integrating education in librarianship and information science. *Ci. Inf.*, Rio de Janeiro, *8* (1) : 59-66, 1979.

SHERA, J.H. Toward a theory cf librarianship and information service. *Ci. Inf.*, Rio de Janeiro, *2* (2) : 87-97, 1973.

WHITE, H. Research and reality. *Amer. Libr., 11* (9) : 534-5, Oct. 1980.

Digitalizado gentilmente por:

A Atuação de Bibliotecários em Centros de Processamento de Dados*

Norma Machado Porciúncula
Centro de Processamento de Dados
Escola de Engenharia de São Carlos
Universidade de São Paulo

O Centro de Processamento de Dados da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo mostra como bibliotecários e analistas se interagem, fazendo parte de equipes de trabalho.

INTRODUÇÃO

O Centro de Processamento de Dados (CPD) da Escola de Engenharia de São Carlos (EESC) da Universidade de São Paulo, desde sua criação em novembro de 1967, promoveu entre outras atividades o trabalho conjunto de bibliotecários e profissionais em processamento de dados.

A convivência no decorrer destes anos nos ensinou a visualizar algumas possibilidades de atuação de bibliotecários em entidades voltadas para o processamento automático de informações.

Embora sejamos um centro universitário pensamos que tais possibilidades ocorrem também em ambientes empresariais, e abrangem de um modo geral seis áreas: a

* Trabalho apresentado ao XIV Congresso Nacional de Informática. Seminário de "A Informática e a Biblioteconomia". São Paulo, 16 a 23 de outubro de 1981.

Digitalizado gentilmente por:

biblioteca, a área de documentação de projetos, a área de operação de equipamentos, a área de desenvolvimento de sistemas de informações técnico-científicas, a área de publicações e a área de treinamento de pessoal.

Relataremos aqui a forma como bibliotecários passaram a fazer parte de nossas equipes de trabalho.

O BIBLIOTECÁRIO NA BIBLIOTECA DO CPD

A organização da biblioteca do CPD foi uma preocupação inicial. Antes mesmo da inauguração oficial do Centro contratou-se um bibliotecário para desempenhar tal tarefa.

Como toda biblioteca pertencente a uma entidade de processamento de dados ela possuía duas características:

• a formação do acervo inicial a partir de manuais fornecidos pelo fabricante do computador, os quais documentam todo o "software" disponível para o equipamento, e

• a possibilidade imediata de automatizar suas rotinas, serviço devido à disponibilidade de equipamentos.

Partindo do pressuposto, apesar do acervo inicial composto de poucos manuais técnicos, de que a biblioteca funcionaria desde o início de forma automatizada, cuidou-se desde logo de iniciar a formação do bibliotecário em processamento de dados, através de cursos de introdução à computação, técnicas e linguagens de programação.

Vencida esta etapa, o trabalho de desenvolver o projeto do sistema de informações que daria suporte ao funcionamento da biblioteca, foi atribuído ao próprio bibliotecário.

A fase inicial constou de um levantamento bibliográfico a respeito da literatura disponível sobre o assunto e simultaneamente de um contato com entidades nacionais e internacionais das quais se teve notícia já haviam implantado ou desenvolvido sistemas semelhantes.

Estudou-se então todo o material coletado, levantou-se as necessidades dos usuários da biblioteca do Centro e os recursos oferecidos pelo equipamento computacional de que se dispunha, e a partir daí delineou-se o novo sistema, procurando fazer um casamento entre estes três aspectos.

Em meados de 1970 o sistema de informações da biblioteca estava implantado e operacional para cerca de 275 livros, 1800 manuais IBM e 56 títulos de periódicos. Hoje este mesmo sistema continua sendo o suporte em que se apóia o funcionamento da biblioteca.

Considerando a biblioteca como um sistema composto basicamente de seis subsistemas, quais sejam o de administração, o de seleção e aquisição, o de processamento físico, o de processamento técnico, o de circulação, e o de recuperação de informações para usuários, o sistema desenvolvido abrange parte deste todo, especificamente os três últimos subsistemas.

Em termos de processamento técnico o único procedimento executado na biblioteca é o cadastramento do documento em formulário de dados preenchido manualmente. O desdobramento das diversas entradas, ou opções pelas quais o usuário poderá localizar o documento, é efetuado automaticamente, produzindo catálogos em forma de livros, compostos basicamente de três seções: uma sobre literatura especializada, outra sobre literatura que serve de suporte do equipamento, e outra sobre periódicos. Para cada uma das seções é emitido um arquivo mestre em seqüência de número de tombo, e uma série de índices que remetem as consultas a estes arquivos: índice alfabético de autores, índice kwic de títulos, índice alfabético de coleções, índice

Digitalizado gentilmente por:

de assunto.

O subsistema de circulação cuida de controlar o cadastro de usuários da biblioteca e o registro de empréstimos, consultas e reservas efetuadas diariamente. Relativamente ao cadastro de usuários são produzidos dois índices, um em sequência de número de registro e outro em ordem alfabética de sobrenome, que permitem recuperar informações sobre qualquer leitor. O registro de circulação de documentos utiliza apenas um cartão perfurado. A partir dos dados nele contidos são emitidos todos os relatórios necessários para controlar a circulação como o diário de circulação, os relatórios estatísticos mensais e anuais, e as cartas de cobrança a leitores atrasados.

O subsistema de recuperação de informações para usuários, permite o atendimento a solicitações de bibliografias, mediante a tradução de assuntos em números de classificação do "Automation Classification Code".

Embora hoje seja este mesmo o esquema no qual a biblioteca funciona, está se planejando a atualização do sistema, possível agora depois do recente recebimento de novos recursos computacionais, que permitirão o uso de terminais para consulta direta.

Esta foi a primeira experiência do CPD em termos de utilização de bibliotecários em processamento de dados, e devido ao bom êxito atingido, este trabalho frutificou e, no fundo, deu origem às demais experiências.

O BIBLIOTECÁRIO NA ÁREA DE DOCUMENTAÇÃO DE PROJETOS DESENVOLVIDOS PELO CPD

É sabido que boa parte da segurança de sistemas automatizados é devida, entre outros fatores, a uma boa documentação e projetos. Tais projetos, em geral, envolvem equipes formadas por técnicos distintos, tais como analistas, programadores, operadores, digitadores, preparadores e coletores de dados.

Reconhecendo a necessidade de documentação de projetos tanto como meio de comunicação ao usuário final o produto de solicitações por ele efetuadas, quanto para permitir o conhecimento global ou a introdução de modificações e atualizações futuras em sistemas projetados, o CPD cuidou para que este procedimento entrasse logo em vigor.

A organização e manutenção da documentação de projetos foi a segunda experiência na qual se utilizou o trabalho conjunto de bibliotecários e de técnicos em processamento de dados.

No princípio esta área foi denominada "Biblioteca de Programas", e nela, através do preenchimento de um formulário que englobava aspectos biblioteconômicos e computacionais e ao qual eram anexadas listagens e fluxogramas, todo programa produzido era documentado e arquivado e posteriormente divulgado através de um periódico bimestral. A evolução desta "Biblioteca de Programas" deu origem à "Área de Documentação de Projetos."

Atualmente esta área é responsável pelo registro e atualização de todas as informações pertinentes aos projetos de sistemas desenvolvidos pelo CPD. Seu acervo é composto por documentos produzidos ou durante, ou no início ou no final das diversas fases de trabalho com um sistema, quais sejam a análise, a projeção, a implantação, a operação e manutenção.

A forma e conteúdo dos documentos produzidos e dirigidos para diferentes usuários foram definidos por um grupo de analistas e compreendem os seguintes manuais:

. *manual de análise do sistema* (MA): produzido no final da fase de análise do sistema, contém a definição do sistema, o levantamento de necessidades, a decompo-

Digitalizado gentilmente por:

sição do todo em partes.

. manual de aplicação do sistema (MAP): produzido no final da fase de projeção do novo sistema, contém a recomposição do sistema em novas partes, a síntese das partes em um novo todo integrado e otimizado.

. *manual do projeto computacional do sistema* (MIC): produzido no início da fase de implantação do sistema, é uma visão global do sistema sob o ponto de vista computacional.

. *manual de programação do sistema* (MIP): produzido para durante a fase de implantação do sistema é uma descrição detalhada de todos os arquivos e programas do sistema.

. *manual de iniciação do sistema* (MOI): produzido para a fase de operação do sistema, inclui rede PERT para orientar o início da operação do sistema, cronogramas, relação de pessoal, material e equipamento e mobiliário necessário.

. *manual de registro de dados do sistema* (MOR): produzido para a fase de operação do sistema, inclui regras gerais sobre o preenchimento de formulários, descrição de formulários e de operações executadas para coletá-los, assim como diagramas de seções verticais e tabelas de ações.

. *manual de digitação de dados do sistema:* produzido para a fase de operação do sistema, inclui regras gerais sobre a digitação de dados, descrição dos formulários manipulados na digitação, descrição dos passos executados para digitação dos referidos formulários e descrição do equipamento necessário.

. *manual de operação do computador requerido pelo sistema:* produzido para a fase de operação do sistema, inclui especificação do equipamento que será operado, descrição de cartões de controle requerido e de mensagens emitidas, detalhes de formulários utilizados para impressão de relatórios, e tempos de duração do processamento.

Uma vez definido o formato e conteúdo dos manuais atribuiu-se ao bibliotecário a responsabilidade de implantação e manutenção das rotinas de funcionamento da nova área.

O esquema adotado para operacionalizá-las foi o de entrevistas semanais entre o bibliotecário e os analistas e programadores.

No primeiro contato o bibliotecário e o analista coordenador do projeto detalham os sumários dos diferentes manuais adequando-os com especificações típicas do projeto em questão e elaboram uma lista de nomes de analistas e programadores envolvidos, associando a cada nome os números de itens dos sumários sobre os quais ele deverá informar. Feito isto, define-se de comum acordo com os participantes um cronograma semanal de entrevistas, durante as quais são transferidas para o bibliotecário as informações requeridas para a documentação do projeto.

Uma vez datilografados os manuais gerados são arquivados em pastas e armazenados, tornando-se disponíveis para uma circulação restrita no ambiente do próprio CPD, e para receber futuras modificações e atualizações.

O que se concluiu, depois de algum tempo de funcionamento da Área de Documentação de Projetos, é que sem o auxílio e a disciplina de um bibliotecário ela não estaria operacional, os projetos continuariam a existir somente na cabeça dos técnicos, causando enormes problemas quando um deles se desligava da instituição ou entrava simplesmente em férias.

O BIBLIOTECÁRIO NA ÁREA DE OPERAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS DO CPD

Certos materiais manipulados pelo Setor de Operação do Centro necessitam

Digitalizado gentilmente por:

um controle em termos de conteúdo e circulação. É o caso de discos e fitas magnéticas, disquetes e "decks" de cartões perfurados, nos quais estão armazenados programas e arquivos relacionados aos sistemas desenvolvidos, ou ao sistema operacional do equipamento ou do "software" fornecido pelo fabricante da máquina.

Este conjunto de veículos de informação forma uma "biblioteca" de apoio indispensável ao funcionamento diário do Setor de Operação e sua organização e manutenção estão também sob responsabilidade de um bibliotecário.

A descrição do que contém cada um destes elementos faz parte de relatórios emitidos por utilitários componentes do próprio sistema operacional. O bibliotecário cuida de ter sempre disponível para consulta uma cópia atualizada de tais relatórios para poder informar qual é o conteúdo de um disco ou fita, ou para, dada uma informação, localizar em que veículo ela está armazenada. Cuida também de etiquetar adequadamente cada um deles e armazená-los numa certa ordem em estantes ou arquivos.

O acesso a tais veículos é livre enquanto para utilização na própria sala de operação. Um controle de circulação é efetuado quando por qualquer razão eles são retirados deste local.

O BIBLIOTECÁRIO NA ÁREA DE DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS

Uma vez organizados os livros e manuais, os discos, fitas e disquetes, e os volumes de documentação de projetos e com a experiência adquirida na concepção do sistema de informações da própria biblioteca, o CPD decidiu incluir em sua estrutura de prestações de serviços uma área de desenvolvimento de sistemas de informações técnico-científicas.

O bibliotecário contratado inicialmente para a biblioteca do Centro foi promovido a analista de sistemas depois de vários cursos realizados no centro educacional do fornecedor de equipamento, e de várias disciplinas cursadas na pós-graduação, em nível de mestrado, do Instituto de Ciências Matemáticas da USP em São Carlos; a ele foi atribuída a coordenação de futuros projetos de sistemas de informações técnico-científicas.

Nesta linha de trabalho foram atendidas solicitações de bibliotecas de três outras universidades: a Biblioteca Central da Universidade Federal do Pará, em Belém; a Biblioteca Central da Universidade "Gabriel Renê Montero", em Santa Cruz de la Sierra-Bolívia; e a Biblioteca da Universidade da Associação de Ensino de Ribeirão Preto.

O BIBLIOTECÁRIO NA ÁREA DE TREINAMENTO DE PESSOAL

Este trato diário entre bibliotecários e profissionais em processamento de dados nos possibilitou não somente resolver satisfatoriamente nossos problemas inseridos na intersecção das duas áreas, como também adquirir um "know-how" de como ensinar processamento de dados para os graduados em biblioteconomia.

Iniciamos então o oferecimento de cursos e estágios planejados especificamente para bibliotecários. A finalidade destes não é formar bibliotecários-analistas, mas sim oferecer recursos para que bibliotecários, participando de equipes de desenvolvimento de projetos de sistemas, de informação, possam dialogar em nível de igualdade com técnicos em processamento de dados.

Na relação de cursos estão inseridas disciplinas como introdução à computação,

Digitalizado gentilmente por:

linguagens de programação e métodos de análise, projeção, implantação e operação de sistemas de informação.

Os exercícios práticos são dirigidos para resolução de problemas pertinentes às bibliotecas e para o tratamento de dados não-numéricos de um modo geral.

Existem duas outras opções oferecidas em forma de estágios. A primeira é dirigida para aqueles interessados na rotina operacional do Centro em três áreas: biblioteca, operação e documentação de projetos. Geralmente atende a alunos da Escola de Biblioteconomia e Documentação de São Carlos, que permanecem de 6 a 12 meses colaborando nos trabalhos e aprendendo os diversos procedimentos executados em cada seção.

A segunda procura atender a usuários interessados em projetar sistemas de informação para sua própria instituição. Neste caso os cursos oferecidos são um pré-requisito indispensável para o estágio. Depois dos cursos o que se faz é ensinar ao aluno como abordar biblioteconomicamente um projeto de sistema de informação que funcionará automaticamente.

Nesta linha de trabalho orientamos estagiários de várias partes do Brasil e do exterior, tais como:

- da Escola de Minas e Energia da Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais;
- da Universidade Federal da Paraiba, em Campina Grande;
- da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" — Campus de Botucatu;
- da Universidade Federal de São Carlos;
- da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cornélio Procópio, no Paraná e
- da Universidade de Coimbra - Portugal.

O BIBLIOTECÁRIO NA ÁREA DE PUBLICAÇÕES DO CPD

Os bibliotecários coordenam também a publicação de periódicos editados pelo CPD, quais sejam: "Boletim Informativo do CPD", "Sistemas" e "CPD Informa".

Durante seis anos, de 1968 a 1973, o Centro editou um dos primeiros periódicos especializados em processamento de dados do Brasil - o "Boletim Informativo do CPD" - que registrava dados sobre a utilização do computador, cursos oferecidos, bibliografia recebida, notícias sobre eventos locais e nacionais, e finalizava com uma seção de estudos onde eram divulgados em média dois artigos por número publicado.

A partir de 1974 o periódico "Sistemas" substituiu o boletim anterior. Os dados estatísticos sobre a produção do Centro deixaram de fazer parte de seu conteúdo, passando-se a enfatizar os artigos que começaram a ser divulgados em maior quantidade ao lado de outras três seções: editorial, referências bibliográficas e notícias e transcrições. Este periódico foi muito bem aceito pela comunidade de informática, citado mais de uma ocasião por outro periódico "Dados e Idéias", e solicitado por inúmeras instituições, inclusive por uma Biblioteca Pública de Moscou.

A mais recente publicação do Centro é um folheto - "CPD Informa" - que circula em âmbito do campus da USP em São Carlos, comunicando aos usuários testes de programas efetuados, "softwares" implantados, plantões de atendimento, enfim notícias locais.

CONCLUSÃO

Finalmente relatada nossa experiência temos duas sugestões a fazer. A primeira é dirigida às escolas de biblioteconomia e diz respeito aos currículos de graduação. Pensamos que tais programas de formação

Digitalizado gentilmente por:

precisam ser atualizados sem demora, passando a incluir não somente métodos e técnicas de trabalho com sistemas automatizados, mas principalmente prevendo ensinar aos alunos a projeção e operação de sistemas racionalizados e integrados de informações técnico-científicas, automatizados ou não; em outras palavras a ênfase do ensino não deve recair, como acontece em geral, sobre códigos e tabelas de classificação e catalogação que, dentro do contexto mais global de um sistema, são apenas ferramentas disponíveis que podem ser usadas ou não.

A segunda é dirigida aos profissionais em processamento de dados e diz respeito à composição de equipes de trabalho. Recomendamos que, quando o projeto a ser desenvolvido estiver relacionado a sistemas de informações técnico-científicas, não se esqueçam de incluir em seu grupo o bibliotecário, elemento indispensável na abordagem biblioteconômica do problema, em cima da qual será elaborada a concepção computacional do sistema. Esta recomendação, aliás, decorre da filosofia de Januário Estevam Martins, lavrador, 76 anos, do Vale do São Francisco. Ele diz:

> "Aqui vale a palavra:
> O que é meu, é meu. O que é de Pandu, é de Pandu.
> Quando eu preciso, ele me ajuda. Quando ele precisa, eu dou minha parte."

Digitalizado gentilmente por:

Sedimentação e Transferência do "Know-How" Interno: Uma Experiência da Petrobrás *

Elizabet Maria Ramos de Carvalho
Bibliotecária responsável pela Memória Central Técnica/DINTEP/CENPES/PETROBRÁS. Presidente da Comissão Brasileira de Documentação Tecnológica da FEBAB. CRB-7/558

CDU. 025.1

A PETROBRÁS vem desenvolvendo esforços para sistematizar o recolhimento, tratamento e difusão das informações técnicas registradas em documentos internos. Estas atividades são desempenhadas pela Memória Central Técnica, da Divisão de Informação Técnica e Propriedade Industrial do Centro de Pesquisas e Desenvolvimento Leopoldo A. Miguez de Mello.

Vários sistemas de informações foram desenvolvidos, ou estão em desenvolvimento, atendendo às diferentes áreas da Empresa.

Apresentação do Sistema de Informação de Engenharia de Equipamentos (SIEQ) e do Sistema de Informação sobre Fontes Alternativas de Energia e Matérias-Primas para a Indústria Química (SINAL).

"Recordar denota o conceito de evocar no íntimo aquilo que valeu a pena salvar do esquecimento, em função da própria escala de valores.

Seja qual for a recordação ou sobrevivência do passado, é a "memória" aquele computador-protótipo que armazena todas as informações selecionadas pelos diferentes critérios de julgamento, realimentando o espírito e permitindo-lhe a reflexão sobre os caminhos trilhados com projeção para o futuro. Razões não faltaram para se proclamar a História Mestra da vida. E podemos, nós, considerá-la o serviço de documentação mais antigo do mundo.

Felisberto Carneiro

* Trabalho apresentado ao XIV Congresso Nacional de Informática. Seminário de "A Informática e a Biblioteconomia". São Paulo, 16 a 23 de outubro de 1981.

Digitalizado gentilmente por:

Inicialmente, gostaria de manifestar o agradecimento ao honroso convite que recebi da Coordenadora deste evento, para apresentar um dos temas do Seminário sobre Biblioteconomia e Informática.

Espero poder colaborar à altura da responsabilidade que me foi dada, abordando, de forma condigna, o relevante assunto de que me dispus a tratar.

1 – INTRODUÇÃO

Para que as nações ainda em desenvolvimento, como o Brasil, possam acompanhar o desenvolvimento científico e tecnológico é necessário a utilização, entre outros instrumentos, de sistemas de informações, dinâmicos, rápidos e agressivos.

O desenvolvimento dos meios de comunicação trazido pela Segunda Guerra Mundial abriu caminho para a proliferação e divulgação de informações. Os computadores, comandando banco de dados e digerindo informações ao milhões; os satélites, retransmitindo documentos em minutos; os aviões a jato, levando homens e experiências a todos os cantos do mundo, em horas, inundaram de novas abordagens e resultados os campos de atuação dos técnicos e pesquisadores.

Segundo estudos efetuados, publicam-se hoje no mundo mais de 100.000 periódicos especializados nos ramos da ciência e tecnologia.

Um homem precisaria viver 460 anos para ler toda a produção mundial de informações científicas correspondente a um só ano. Todos os técnicos ou pesquisadores necessitam estar permanentemente preocupados com a sua atualização científica-tecnológica. Calcula-se que é necessário compensar com 20% de novos conhecimentos, por ano, só a perda e o desgaste normais da capacitação profissional conseqüente da evolução tecnológica. Cabe, pois, aos serviços de informação coletar, selecionar, classificar, resumir e encaminhar ao pessoal técnico o material informativo que o possa manter a par das últimas novidades aparecidas no campo do conhecimento.

Este espantoso progresso e diversificação dos conhecimentos científicos e tecnológicos tornaram imperiosa a necessidade de documentar os fatos e seus ensinamentos, de modo que eles possam, na frente industrial, por exemplo, subministrar às empresas o tesouro de informações acumulado no seu processo de desenvolvimento.

As indústrias utilizam tecnologia no processo produtivo e acabam, normalmente, gerando tecnologia original, o que é uma decorrência natural da incessante busca de maior produtividade e das pressões geradas por seu próprio desenvolvimento.

Esse "know-how" interno constitui um patrimônio valioso, do qual podem resultar: economia nos investimentos (dispensando ou reduzindo a aquisição de tecnologia externa): lucros, no caso de cessão a terceiros, e benefícios indiretos como a economia de divisas para o País e o desenvolvimento da tecnologia própria, voltada para o emprego de equipamentos, materiais e mão-de-obra nacionais.

Por outro lado, sabemos que todos, ao obterem uma informação, demonstram capacidade para entender e simplificar experiências, adaptar e criar soluções para casos individuais, modificar e incorporar os conhecimentos que são colocados à sua disposição. Enfim, a própria experiência na vida cotidiana se traduz em "know-how" e técnica.

Contudo, esses conhecimentos, na maioria das vezes, são transmitidos sob a forma de comentários, troca de idéias e comunicações pessoais (palestras e conferências), mas muito raramente ficam registrados em documentos.

Zelando pela sedimentação do seu

Digitalizado gentilmente por:

"know-how" interno, a PETROBRÁS iniciou o recolhimento, organização e difusão dos documentos de conteúdo técnico-científico produzidos em âmbito interno de modo a capitalizar a experiência obtida e evitar a reincidência de possíveis enganos. E, com esse intuito, criou a Memória Central Técnica (MCT), gerida pela Divisão de Informação Técnica e Propriedade Industrial (DINTEP), na estrutura do Centro de Pesquisas e Desenvolvimento Leopoldo A. Miguez de Mello (CENPES).

Apresentarei, em seguida, em linhas gerais, para melhor entendermos a atuação da Memória Central Técnica, o Sistema de Informação e Documentação Técnica da PETROBRÁS.

2 — SISTEMA DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO TÉCNICA DA PETROBRÁS

No campo da Documentação e Informação a PETROBRÁS atua através de uma rede composta por um Órgão Central, coordenador, e de 42 unidades descentralizadas.

A Divisão de Documentação Técnica e Propriedade Industrial do Centro de Pesquisas e Desenvolvimento Leopoldo A. Miguez de Mello (CENPES/DINTEP) é o órgão central que planeja e coordena as atividades da rede, dentro de um enfoque sistêmico, cujos componentes proporcionam serviços de aquisição, controle e distribuição da literatura convencional e/ou não-convencional aos seus usuários. Essa rede se espalha pelos locais onde a Companhia opera.

A Divisão de Informação Técnica e Propriedade Industrial compreende as seguintes unidades: Orientação e Assistência, Memória Central Técnica, Pesquisas Retrospectivas, Biblioteca, Publicações Técnicas, Serviços Técnicos de Apoio à rede, Patentes e Marcas.

Das 42 bibliotecas e/ou serviços de documentação, existem 34 pequenos núcleos voltados para a área tecnológica da Companhia, suas subsidiárias e controladas, e 8 núcleos da área gerencial; desses, 15 estão localizados na área do Rio e 27 em outros Estados. Tais núcleos oferecem serviços dimensionados em função de seus usuários específicos, mas atuam de forma integrada uns com os outros, tendo como suporte o Órgão Central.

De acordo com diretrizes estabelecidas pela Diretoria Executiva, a Atividade de Informação Técnica, na Companhia, visa fundamentalmente a:

a) Fornecer subsídios para o desenvolvimento de estudos técnicos;
b) propiciar a permanente atualização dos empregados, nos campos do conhecimento da indústria petrolífera e afins, estimulando o desenvolvimento de sua capacitação técnica;
c) reunir e desenvolver o acervo de informações especializadas, gerado pela vivência operacional, a fim de possibilitar soluções de problemas específicos.

Definirei, ainda, de acordo com as Diretrizes supracitadas, o conceito de:

Informação Técnica

O conjunto de métodos e procedimentos destinados a pesquisar, selecionar, adquirir, armazenar e, eventualmente, avaliar, traduzir e condensar dados sobre o comportamento de sistemas naturais ou tecnológicos, teorias e idéias que expliquem ou prenunciem esses dados; novas ocorrências de descobertas, necessidades e/ou aplicações; e referências à localização e/ou posição do trabalho de terceiros.

Documentação Técnica

O conjunto de suportes materiais em que se acha registrada a informação técnica.

Digitalizado gentilmente por:

A Documentação Técnica pode ser entendida como "Convencional" e "Não-Convencional".

A "Convencional" compreende o conjunto dos diversos tipos de documentos produzidos, em geral, para divulgação ampla, seja sob a forma impressa ou audiovisual, e se caracteriza pelos seguintes exemplos: livros, revistas, folhetos, catálogos industriais, filmes educativos, etc.

A "Não-Convencional" compreende o conjunto dos diversos tipos de documentos técnicos produzidos para divulgação restrita visando a atender a interesses específicos, e se caracteriza pelos seguintes exemplos: relatórios, estudos, projetos, manuais, desenhos, plantas, mapas e assemelhados.

Conforme o exposto, trabalhamos então com dois tipos de documentos: os convencionais e os não-convencionais.

As informações endógenas são fundamentais para a eficiência da Empresa, sem esquecer, porém, que a base para seu crescimento estratégico está calcada num bom serviço de informação contida em fontes convencionais.

Uma das maiores dificuldades da tarefa de um serviço de documentação é conseguir no início que os administradores e técnicos liberem seus arquivos de documentação interna.

É pela via de verdadeiro profissionalismo, pela maneira como sua equipe técnica se comporta e pelo modo de conduzir as operações que uma unidade de informação inspira aos usuários confiança nos serviços. É essa confiança que os encoraja a permitir que a unidade de informação mantenha sob sua guarda os documentos internos, inclusive os mais sigilosos. Essa confiança baseia-se no sentimento de que toda a equipe técnica da unidade coloca acima de tudo o interesse da Companhia e está rigorosamente atenta aos cuidados necessários no manejo dos documentos.

Além disso, experiências negativas dentro dos Órgãos Operacionais que impedem a recuperação da informação, fazem com que os próprios chefes passem a enviar seus documentos técnicos para arquivamento.

3 — APRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA CENTRAL TÉCNICA-MCT DA PETROBRÁS

As "Diretrizes Gerais para o Relacionamento das Empresas do Sistema PETROBRÁS", de 1974, previram a instituição da Memória Central Técnica do Sistema PETROBRÁS (MCT), mantida pelo Centro de Pesquisas e Desenvolvimento Leopoldo A. Miguez de Mello. (CENPES), como mecanismo de coleta e organização dos documentos técnicos internos.

São considerados documentos técnico-científicos internos aqueles que refletem experiências e conhecimentos no campo da tecnologia do petróleo e correlatos, documentos esses produzidos pela ou para a PETROBRÁS, em geral não divulgados externamente, exemplificados nos seguintes tipos: relatórios técnicos, de pesquisa, de viagens e estágio, de inspeção e de manutenção, projetos, planejamento, estudos e pareceres, desenhos e plantas industriais, manuais, teses e outros de natureza semelhante.

Numa primeira fase, como preparativo para a inclusão futura de segmentos mais amplos, a MCT organizou, testou e avaliou o método de armazenagem e recuperação da informação, aplicando-o à literatura interna produzida no próprio CENPES, e desenvolveu o Sistema de Informação para Pesquisa e Engenharia Básica-SIPEN, com o objetivo de preservar o "know-how" gerado nas áreas de Pesquisa e Engenharia Básica.

Digitalizado gentilmente por:

Dentro de uma estratégia de expansão modular, foram, posteriormente, concebidas e desenvolvidas os seguintes sistemas:

SIEQ – Sistema de Informação de Engenharia de Equipamentos
SIEPRO – Sistema de Informação de Engenharia de Processo
SINIX – Sistema de Informação em Xisto
SIEX – Sistema de Informação em Exploração
SIPRO – Sistema de Informação em Produção
SIPER – Sistema de Informação em Perfuração
SINAL – Sistema de Informação em Fontes Alternativas e Matérias-Primas para a Indústria Química (em fase de implantação) (Anexo I).

Detalharei, a seguir, o Sistema de Informação de Engenharia de Equipamentos, já que foi o primeiro subsistema a ser implantado fora do CENPES e porque os demais seguem a mesma estrutura, só com objetivos e tipos de informações diferentes.

Discorrerei, também, em linhas gerais sobre o SINAL, que se reveste de singular importância no atual momento e porque representa a primeira tentativa de sistema misto, somando literatura convencional e não-convencional.

4 – SISTEMA DE INFORMAÇÃO DE ENGENHARIA DE EQUIPAMENTOS – SIEQ

O sistema foi concebido e desenvolvido juntamente com técnicos dos Departamentos da PETROBRÁS.

O SIEQ foi implantado, de início, no Departamento Industrial (Anexo II), depois no Departamento de Transporte (Anexo III) e atualmente está em fase de implantação no Departamento de Perfuração da PETROBRÁS.

Para agilizar as consultas e sistematizar o recolhimento do material oriundo das Unidades Operacionais, distribuídas em vários pontos do País, cada Departamento, sediado no Rio, através do seu setor de Documentação ou da Divisão responsável pela atividade de Engenharia de Equipamentos, além de alimentar a MCT na área de sua competência, disporá de coleção completa dos índices e cópias diazóicas das microfichas dos documentos gerados naquele Departamento.

Com isto estará apto a atender os usuários do próprio Departamento e suas Unidades Operacionais, constituindo, ainda, uma coleção de segurança.

Objetivos do SIEQ

O SIEQ objetiva incentivar, disciplinar e simplificar a geração de documentos que evidenciem as experiências individuais do corpo técnico do Sistema PETROBRÁS, propiciando sua adequada apreensão com vistas a equacionar problemas comuns e promover soluções semelhantes; contribuir para aprimorar a eficiência dos equipamentos e métodos de trabalho; elevar a produtividade global das Unidades Industriais e reduzir custos operacionais.

Portanto, o sentido básico do SIEQ é formar um fundo comum de experiências e a promover o uso também comum do conhecimento disponível na área de Engenharia de Equipamentos.

Descrição do Sistema

O SIEQ incentivará e disciplinará a coleta e o registro de informações técnicas pertinentes à área de engenharia de equipamentos; normalizará o tratamento e arquivamento de tais informações, através da indexação, e disseminará este acervo por todos os técnicos, que, no Sistema PETROBRÁS, exerçam atividades associadas às áreas cobertas pelo SIEQ.

Digitalizado gentilmente por:

cada descritor SIEQ. Prestará bons serviços na orientação da formação de um vocabulário controlado PETROBRÁS sobre Engenharia de Equipamentos.

Os novos descritores que não constem do glossário anexo ao projeto serão incluídos nesta listagem à medida que forem utilizados.

e) Relatório KWIC

Lista os títulos dos Relatórios em ordem alfabética, considerando cada palavra de per si, com indicação da codificação dos documentos.

Através de programas complementares pode-se fazer:

– seleção por código de informática, por Órgão e por código de sigilo;

– controle das entradas do código de unidade para prevenir que o número de referência adotado seja incompatível com o código de unidade;

– pesquisa com operadores lógicos;

– obtenção isolada de segmentos de dicionário estatístico.

MICROFILMAGEM DOS DOCUMENTOS

Os textos são microfilmados em 16mm, grau de redução de 23 vezes, e os desenhos técnicos em 35mm; textos e desenhos são inseridos em jaquetas de 16 mm ou mistas, podendo as primeiras conter até 60 fotogramas.

A MCT mantém um arquivo de segurança com microfichas "master" e remete aos Departamentos cópias diazóicas de microfichas, para fins de recuperação da informação em âmbito departamental.

Os textos originais da documentação do SIEQ, após a microfilmagem, retornam aos Órgãos geradores da informação, para arquivamento.

Utilizamos, também, o sistema COM (Computer output Microfilm) para saída de listagens.

ARQUIVAMENTO

As microfôrmas de segurança ("master") são armazenadas em sala especial, climatizada, e arquivadas na MCT da Divisão de Informação Técnica e Propriedade Industrial do CENPES. As cópias diazóicas ficam arquivadas nos Departamentos (Anexo VI).

DIVULGAÇÃO

Para que o SIEQ atinja seus objetivos, faz-se necessário que sejam convenientemente distribuídas suas diferentes listagens (autor, assunto, índice bibliográfico, etc.), para todos os Órgãos interessados no Sistema. São de 2 tipos as listagens:

a) GLOBAIS – Contêm todo o acervo SIEQ. São emitidas e distribuídas aos Órgãos da PETROBRÁS pelo CENPES/DINTEP/MCT, em princípio, de 2 em 2 meses.

b) INDIVIDUAIS – Contêm o acerco de cada Órgão. São emitidas e distribuídas pelo CENPES/DINTEP/MCT, em princípio de 2 em 2 meses, aos Órgãos respectivos.

Caso não se justifique uma rodada de computador, as informações referentes ao material recebido nos períodos estabelecidos podem ser divulgadas por telegrama ou memorando.

ACESSO À INFORMAÇÃO

Realiza-se mediante consulta às listagens-índices emitidas por computador, distribuídas aos Órgãos da PETROBRÁS.

Para localizar as informações de seu interesse, o usuário do SIEQ deve:

a) pesquisar na listagem ÍNDICE POR AUTOR, onde há opção de procurar pelos nomes dos técnicos e/ou Órgão do Sistema PETROBRÁS; ou

b) pesquisar na listagem ÍNDICE POR ASSUNTO, onde há opção de procurar pelas relações correspondentes a Equipamen-

Digitalizado gentilmente por:

segundo três facetas básicas: equipamentos/ materiais, problemas, soluções (métodos, processos, dispositivos, etc.).

Paralelamente, elaborou-se lista de termos autorizados sob cada uma das facetas mencionadas, com a finalidade de normalizar a caracterização do conteúdo dos Relatórios SIEQ, de maneira tal que informante e usuário falem a mesma linguagem

Assim, toda e qualquer informação para compor o acervo tem de ser indexada de acordo com os termos encontrados em uma das listas do glossário, em duas ou nas três, a depender da necessidade e conveniência de caracterizar precisamente as informações contidas no Relatório. Deve, também, ser consultada a listagem de descritores (dicionário estatístico), emitida por computador, uma vez que ela se apresenta atualizada e enriquecida.

Pontos estabelecidos como relevantes:

a) o SIEQ admite, para um mesmo relatório, número de descritores coextensivos à adequada caracterização de todos os tópicos relevantes;

b) o glossário deverá ser enriquecido sempre que o exigir a recuperação;

c) os dados complementares, assim entendidos como fabricante, modelo, número de série, condições de projeto, pressão, vazão, temperatura, potência, condições reais de trabalho, etc., figurarão sempre como notas especiais;

d) a etapa-origem, ou o informe da fase em que se originou o problema (especificação, projeto, fabricação, transporte e/ou recebimento, armazenamento e/ou preservação, montagem, operação, manutenção) será sempre considerada subtítulo.

PROCESSAMENTO EM COMPUTADOR

Processam-se os dados informativos através de um programa de computador "KWIC/KWOC" da IBM, adaptado pela PETROBRÁS em função dos requisitos da Memória Central Técnica. A este programa poderão ser adicionados tantos descritores quantos se desejar, sem limitação de palavras não-significativas ("stopwords"), superando, assim, uma das mais sérias limitações do programa original.

Os índices fornecidos (em forma de listagens) pelo programa compreendem os seguintes tipos:

– por autor (individual e Órgãos da Companhia);

– por assunto;

– bibliográfico;

– de descritores com estatística de uso; e

– por título (KWIC).

a) Índice por Autor

Contém todo o acervo SIEQ, registrado por ordem alfabética dos autores/ relatores e Órgãos Operacionais, discriminando os títulos e as codificações dos Relatórios.

b) Índice por Assunto

Contém todo o acervo SIEQ, relacionado e agregado em torno dos três grupos de descritores (palavras-chave) – Equipamento–Eq, Problema-Pr e Solução-Sol – e sob cada grupo os descritores são ordenados alfabeticamente, com discriminação dos títulos e respectivas codificações de Relatórios SIEQ.

Portanto, um mesmo Relatório SIEQ aparecerá relacionado tantas vezes quantos forem os descritores (palavras-chave) utilizados em sua indexação.

c) Índice Bibliográfico

Contém todo o acervo SIEQ, disposto em ordem crescente de codificação dos Relatórios. Esta listagem incluirá todas as informações pertinentes a cada Relatório, a fim de orientar o usuário na seleção daquelas que sejam de seu interesse.

d) Dicionário Estatístico de Descritores

Fornece a freqüência de utilização de

Digitalizado gentilmente por:

cada descritor SIEQ. Prestará bons serviços na orientação da formação de um vocabulário controlado PETROBRÁS sobre Engenharia de Equipamentos.

Os novos descritores que não constem do glossário anexo ao projeto serão incluídos nesta listagem à medida que forem utilizados.

e) Relatório KWIC

Lista os títulos dos Relatórios em ordem alfabética, considerando cada palavra de per si, com indicação da codificação dos documentos.

Através de programas complementares pode-se fazer:

– seleção por código de informática, por Órgão e por código de sigilo;

– controle das entradas do código de unidade para prevenir que o número de referência adotado seja incompatível com o código de unidade;

– pesquisa com operadores lógicos;

– obtenção isolada de segmentos de dicionário estatístico.

MICROFILMAGEM DOS DOCUMENTOS

Os textos são microfilmados em 16mm, grau de redução de 23 vezes, e os desenhos técnicos em 35mm; textos e desenhos são inseridos em jaquetas de 16 mm ou mistas, podendo as primeiras conter até 60 fotogramas.

A MCT mantém um arquivo de segurança com microfichas "master" e remete aos Departamentos cópias diazóicas de microfichas, para fins de recuperação da informação em âmbito departamental.

Os textos originais da documentação do SIEQ, após a microfilmagem, retornam aos Órgãos geradores da informação, para arquivamento.

Utilizamos, também, o sistema COM (Computer output Microfilm) para saída de listagens.

ARQUIVAMENTO

As microfôrmas de segurança ("master") são armazenadas em sala especial, climatizada, e arquivadas na MCT da Divisão de Informação Técnica e Propriedade Industrial do CENPES. As cópias diazóicas ficam arquivadas nos Departamentos (Anexo VI).

DIVULGAÇÃO

Para que o SIEQ atinja seus objetivos, faz-se necessário que sejam convenientemente distribuídas suas diferentes listagens (autor, assunto, índice bibliográfico, etc.), para todos os Órgãos interessados no Sistema. São de 2 tipos as listagens:

a) GLOBAIS – Contêm todo o acervo SIEQ. São emitidas e distribuídas aos Órgãos da PETROBRÁS pelo CENPES/DINTEP/MCT, em princípio, de 2 em 2 meses.

b) INDIVIDUAIS – Contêm o acerco de cada Órgão. São emitidas e distribuídas pelo CENPES/DINTEP/MCT, em princípio de 2 em 2 meses, aos Órgãos respectivos.

Caso não se justifique uma rodada de computador, as informações referentes ao material recebido nos períodos estabelecidos podem ser divulgadas por telegrama ou memorando.

ACESSO À INFORMAÇÃO

Realiza-se mediante consulta às listagens-índices emitidas por computador, distribuídas aos Órgãos da PETROBRÁS.

Para localizar as informações de seu interesse, o usuário do SIEQ deve:

a) pesquisar na listagem ÍNDICE POR AUTOR, onde há opção de procurar pelos nomes dos técnicos e/ou Órgão do Sistema PETROBRÁS; ou

b) pesquisar na listagem ÍNDICE POR ASSUNTO, onde há opção de procurar pelas relações correspondentes a Equipamen-

Digitalizado gentilmente por:

to e/ou a Problema e/ou Solução; e

c) completar a pesquisa no ÍNDICE BIBLIOGRÁFICO (arranjado por codificação), obtendo informações adicionais, já que esta listagem oferece mais detalhes sobre o conteúdo dos Relatórios.

Para localizar as informações no Índice Bibliográfico, o usuário do SIEQ o faz pela cofificação de cada Relatório, fornecida nas listagens Índice por Autor e Índice por Assunto.

Uma vez identificado o relatório de interesse, o técnico solicita-o definindo o tipo de cópia (microficha ou papel) e mencionando o código correspondente.

O SIEQ foi idealizado com flexibilidade e generalização suficientes para permitir seu uso futuro por quem dele necessitar no Sistema PETROBRÁS.

A contribuição dos Órgãos participantes, seja através do sistemático registro de notificação de experiências e estudos, seja através da adequada divulgação dos índices e aproveitamento do material, é de importância vital para o funcionamento do SIEQ e otimização do uso do "know-how" obtido pela Companhia em suas frentes de operação.

5 — SISTEMA DE INFORMAÇÃO SOBRE FONTES ALTERNATIVAS DE ENERGIA E DE MATÉRIAS-PRIMAS PARA A INDÚSTRIA QUÍMICA — SINAL

Acha-se em fase de implantação e, ao contrário do SIEQ, conforme já salientado, incluirá também a literatura convencional.

Finalidade

Recolher, organizar e difundir informações, de natureza técnica-científica, econômica, política, social, jurídica e ambiental, veículadas pela literatura convencional brasileira e pela literatura não-convencional (produzida para o Sistema PETROBRÁS, ou aquela, de acentuado interesse, elaborada por outras entidades), em apoio aos órgãos encarregados de estudos, pesquisas e atividades relacionadas ao desenvolvimento de fontes alternativas de energia e matérias-primas para a indústria química.

Parâmetros do Sistema

— Usuários

Serão usuários do sistema todos os técnicos que tiverem interesse nos assuntos abaixo relacionados.

— *Assuntos:*
— Carvão
— Biomassa
— Matérias-primas para a indústria química
— Conservação de energia
— Corrosão
— Poluição
— Economia, estatística e política
— Legislação federal básica

— Fontes

— Literatura convencional brasileira
a) revistas selecionadas;
b) livros e folhetos;
c) jornais selecionados;
d) patentes;
e) trabalhos de congressos;
f) dissertações universitárias;
g) bibliografias;
h) leis, decretos, regulamentos, portarias e resoluções no âmbito federal.

— Literatura não-convencional

Compreenderá: relatórios, estudos, pareceres, correspondência e documentos assemelhados, produzidos na Companhia e por terceiros, desde que com relevante interesse.

Serviços

Digitalizado gentilmente por:

O SINAL proporcionará os seguintes serviços:

– Alertamento contínuo, através de:
a) circulação de recortes de jornais;
b) divulgação periódica de índices (de assunto, autor, título e bibliográfico).
– Pesquisas Retrospectivas

Estrutura operacional

O SINAL será um sistema coordenado e cooperativo, *descentralizado* na alimentação e prestação de serviços, *centralizado* no processamento e emissão de índices. É a seguinte a distribuição de funções:

– *Supervisão* – CENPES/DINTEP/MCT

– *Coordenação Geral* – a cargo de uma equipe constituída de profissionais credenciados pelos Órgãos alimentadores.

– *Aquisição, seleção e tratamento técnico* – a cargo dos Órgãos participantes do SINAL.

– *Processamento, produção e distribuição de índices* – CENPES

– *Arquivamento*

– Literatura convencional – nos próprios Órgãos encarregados da aquisição e tratamento técnico de cada tipo.

– Literatura não-convencional – Órgão gerador e/ou detentor e CENPES (microfilme).

– Prestação de Serviços

– Disseminação Seletiva de Informação – a cargo de cada Órgão alimentador e/ou usuários, a partir de listagens fornecidas pelo CENPES.

– Pesquisas retrospectivas – CENPES E SERARJ

– Pesquisas bibliográficas em fontes alternativas de energia não cobertas pelo SINAL poderão ser solicitadas através de formulários próprios ao Serviço de Bibliografia do CENPES/DINTEP.

6 – CONCLUSÃO

Depois desta explanação, espero ter dado a todos os participantes deste Seminário uma idéia de como a Memória Central Técnica, da Divisão de Informação Técnica e Propriedade Industrial do Centro de Pesquisas e Desenvolvimento Leopoldo A. Miguez de Mello procura sedimentar o valioso "know-how" interno da PETROBRÁS e fazer a transferência da informação entre os Órgãos da Companhia, com o objetivo de lhes elevar o desempenho operacional, promover a produtividade e reduzir os custos operacionais.

Com o uso do computador conseguimos agilizar os serviços de disseminação de informação e, com isto, proporcionar, em tempo hábil, a informação certa para o usuário certo e de forma aceitável.

Gostaria, também, de enfatizar que a equipe para trabalhar com automação de serviços de informação deve ser mista, pois trata-se de uma atividade interdisciplinar requerendo conhecimentos técnicos de computação, de organização e de biblioteconomia; daí a importância do trabalho em conjunto do bibliotecário e do analista de sistemas no que concerne aos seus papéis no processo de transferência do conhecimento.

Manifestamos o interesse na comunicação com outras empresas que estejam tentando experiência semelhante, em prol do fortalecimento da capacitação tecnológica da indústria nacional e esperamos que as indústrias preservem seu "know-how" e atinjam o respectivo aproveitamento.

Temos que ter em mente que para um país se desenvolver ele necessita ter conhecimento próprio, não bastando usar conhecimento dos outros para resolver seus problemas tecnológicos.

A informação técnica-científica in-

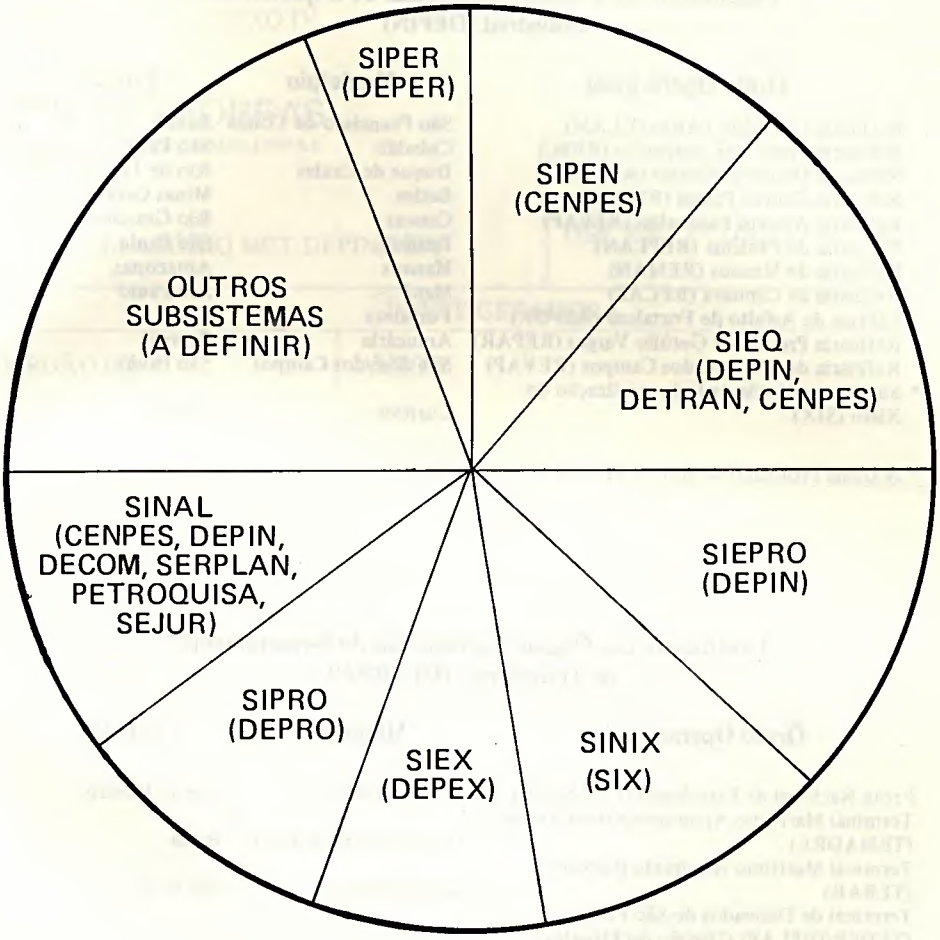
Digitalizado gentilmente por:

terna é ferramenta vital que uma unidade de informação deve usar, para atender plenamente a tarefa de ajudar uma organização a assumir e conservar seu posto na vanguarda da atividade comercial ou industrial escolhida.

BIBLIOGRAFIA

1. CARVALHO, Elizabet Maria Ramos de & NEIVA, Jucy. Memória Central Técnica do Sistema PETROBRÁS; Projeto do I Subsistema na Área de Engenharia de Equipamentos do Departamento Industrial. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 9º, PORTO ALEGRE, 1977. Anais.
2. CARVALHO, Elizabet Maria Ramos de et alii. *Sistema de Informação de Engenharia de Equipamentos – Departamento Industrial*. Rio de Janeiro, PETROBRÁS/CENPES/DINTEP, 1977. (Relatório interno).
3. CARVALHO, Elizabet Maria Ramos de et alii. *Sistema de Informação de Engenharia de Equipamentos - Departamento de Transporte*. Rio de Janeiro,PETROBRÁS/CENPES/DINTEP, 1978. (Relatório interno).
4. CARVALHO, Elizabet Maria Ramos de et alii. *Anteprojeto do sistema de informação de Engenharia de Equipamentos – Departamento de Perfuração*. Rio de Janeiro, PETROBRÁS/CENPES/DINTEP, 1981. (Relatório interno).
5. CARVALHO, Elizabet Maria Ramos de et alii. *Projeto do sistema de informação sobre fontes alternativas de energia de matérias-primas para indústria química*. Rio de Janeiro, PETROBRÁS/CENPES/DINTEP, 1981. (Relatório interno).
6. HOLLOWAY, A.H. et alii. Information work with impublished reports. London, Deutsh, 1976.
7. HOUGHTON, B. Technical information sources. London, Bingley, 1972.
8. JERMY, K.E. Control of commercially confidential information in reports. Aslib Proceedings, 18 (8): 218 - 223, 1976.
9. PETROBRÁS/CENPES/DINTEP. Desatualização tecnológica é um peso... Rio de Janeiro, 1980.
10. TYLICKI, E. Preparation of a microfilm file of company technical reports. *Journal of Chemical Documentation*, 10 (1): 20 – 22, 1970

Digitalizado gentilmente por:



MEMÓRIA CENTRAL TÉCNICA
E SEUS SUBSISTEMAS

Digitalizado gentilmente por:

Localização dos Órgãos Operacionais do Departamento Industrial (DEPIN)

Órgão Operacional	Município	Estado
Refinaria Landulpho Alves (RLAM)	São Francisco do Conde	Bahia
Refinaria Presidente Bernardes (RPBC)	Cubatão	São Paulo
Refinaria Duque de Caxias (REDUC)	Duque de Caxias	Rio de Janciro
Refinaria Gabriel Passos (REGAP)	Betim	Minas Gerais
Refinaria Alberto Pasqualini (REFAP)	Canoas	Rio Grande do Sul
Refinaria de Paulínia (REPLAN)	Paulínia	São Paulo
Refinaria de Manaus (REMAN)	Manaus	Amazonas
Refinaria de Capuava (RECAP)	Mauá	São Paulo
Fábrica de Asfalto de Fortaleza (ASFOR)	Fortaleza	Ceará
Refinaria Presidente Getúlio Vargas (REPAR)	Araucária	Paraná
Refinaria de São José dos Campos (REVAP)	São José dos Campos	São Paulo
** Superintendência da Industrialização do Xisto (SIX)	Curitiba	Paraná

** A Usina Protótipo de Irati (UPI) está localizada em São Mateus do Sul – Paraná

Localização dos Órgãos Operacionais do Departamento de Transportes (DETRAN)

Órgão Operacional	Município	Estado
Frota Nacional de Petroleiros (FRONAPE)	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
Terminal Marítimo Almirante Alves Câmara (TEMADRE)	Ilha de Madre de Deus	Bahia
Terminal Marítimo Almirante Barroso (TEBAR)	São Sebastião	São Paulo
Terminal de Derivados de São Paulo (TEDEP/DIPLAP) (Divisão do Planalto Paulista)	São Caetano do Sul	São Paulo
Terminal de Derivados de São Paulo (TEDEP/DIBAT) (Divisão da Baixada Santista	Santos	São Paulo
Terminais e Oleodutos do Rio de Janeiro e Minas Gerais (TORGUÁ/Campos Elíseos)	Campos Elíseos	Rio de Janeiro
Terminal Marítimo de Carmópolis (TECARMO)	Aracaju	Sergipe
Terminal Marítimo Almirante Soares Dutra	Tramandaí-Osório	Rio Grande do Sul
Terminal Marítimo de São Francisco do Sul (TEFRAN)	São Francisco do Sul	Santa Catarina
Terminal Marítimo de São Francisco do Sul (TEFRAN)	Paranaguá	Paraná
Terminal Marítimo da Baia da Ilha Grande (TEBIG)	Angra dos Reis	Rio de Janeiro

Digitalizado gentilmente por:

ANEXO IV

PETROBRÁS
PETRÓLEO BRASILEIRO S.A

RELATÓRIO MCT/DEPIN/SIEQ

Nº	
DATA	Nº Fls.
GRAU DE SIGILO	
OST. ☐ CONF. ☐ RES.☐	

FONTE GERADORA	
ÓRGÃO (Op.):	AUTOR:
DIVISÃO:	
SETOR:	CIDADE:

TÍTULO

DADOS COMPLEMENTARES

Etapa Origem: _____

DESCRITORES

Eq:

Pr:

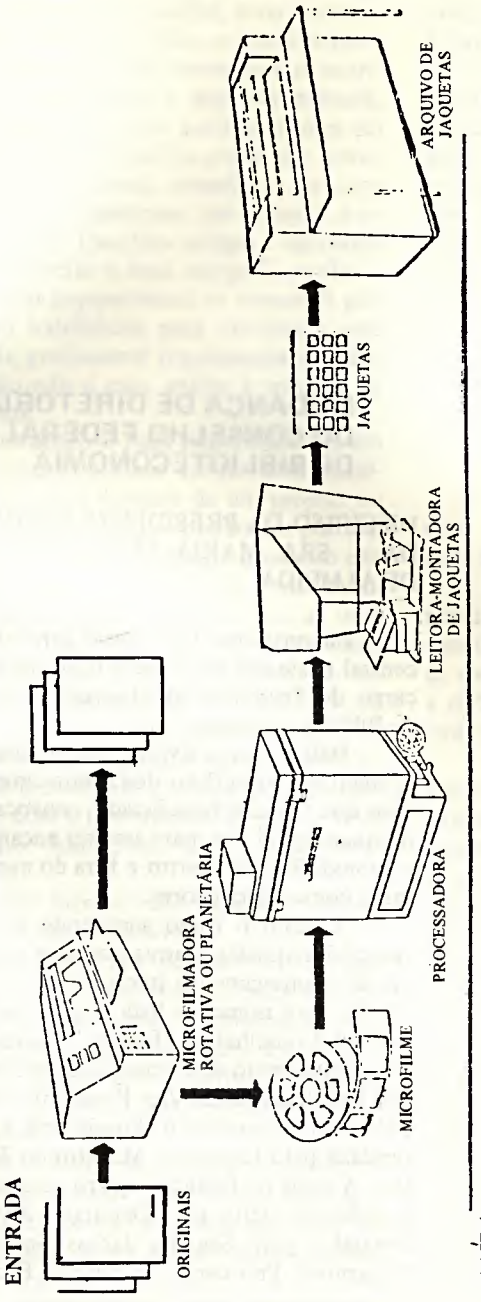
Sol:

Digitalizado gentilmente por:

PETROBRAS PETRÓLEO BRASILEIRO S.A. — ANEXO V INFORMAÇÃO ADICIONAL MCT/DETRAN/SIEQ	Nº RELATÓRIO ORIGEM (1)	
(3) NATUREZA DA INFORMAÇÃO	ÓRGÃO DE ORIGEM (2)	
COMPLEMENTAÇÃO ☐ RETIFICAÇÃO ☐	DATA (4)/ /	FOLHAS (5)/

INFORMAÇÃO: (6)

Digitalizado gentilmente por:



FLUXOGRAMA ADAPTADO DE MATERIAL FORNECIDO PELA SPERRY RAND DO BRASIL

Digitalizado gentilmente por:

Noticiário

MUDANÇA DE DIRETORIA DO CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA

DISCURSO DA PRESIDENTE EMPOSSADA – SRA. MARIA LÚCIA PACHECO DE ALMEIDA.

Encontro-me hoje como personagem central neste ato de posse e transmissão de cargo de Presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia.

Mais uma vez a vida, como se desejasse manter o equilíbrio dos acontecimentos com que me têm beneficiado, convoca-me, de quando em vez, para assumir encargos e responsabilidades dentro e fora do meu Estado, como agora ocorre.

Assumo o cargo sucedendo a Prof. Nancy Westphalen Correa por uma seqüência de acontecimento iniciados pela inclusão de meu nome na lista tríplice, votada por 13 Conselheiros efetivos e culminada com um Decreto de nomeação assinado por Sua Excelência o Sr. Vice-Presidente da República, no exercício da Presidência, e referendada pelo Exmo. Sr. Ministro do Trabalho. A essas preferências quero acrescentar a indicação feita pelo Deputado Antonio Amaral e pelo Senador Jarbas Gonçalves Passarinho, Presidente do Senado Federal.

Digitalizado gentilmente por:

Não agradecer a quantos participaram do processo de escolha, seria desmerecer-lhes a confiança. Assim o compreendo.

Conheço bem a dimensão e os extremos da função para a qual fui indicada. Mais ainda, nestes três anos anteriores em que servi a este Conselho como seu conselheiro efetivo, tomei consciência da complexidade dos problemas que atingem a esta instituição. Questões antigas e agravadas pelo desrespeito a uma categoria profissional quando impunemente se nomeiam pessoas não habilitadas para exercerem uma atividade profissional regulamentada. Mas, a ocasião não é para análise e reflexão de problemas.

Considero o mais importante em um administrador, o saber aceitar com humildade o possível fracasso de um projeto ou de uma idéia, ainda que amparados por Lei. Aprendi que para corrigir um insucesso não se deve recorrer à violência ou à insubordinação, uma vez que não são essas as soluções mais adequadas. Mas, acima de tudo, acredito no trabalho constante, como condição básica para agir adequadamente sobre o ambiente e ajustá-lo aos objetivos que pretende, daí porque espero e creio no trabalho fecundo de todos os meus companheiros, com o fim único de organizar tudo da melhor forma, em benefício da nossa profissão.

Nada lhes prometi para não alimentar esperanças irrealizáveis.

Querida Nancy. Ser rico é ter amigos. Entendo a amizade como a mais alta expressão de afeto puro e desinteressado que se possa proporcionar a um semelhante. Em meu coração eu a cultivo. Cumpriste neste Conselho tua missão com lealdade e dedicação.

Meus Senhores e minhas Senhoras. O comparecimento de cada um de vocês agora, aqui, eu considero como um gesto de solidariedade, de apoio e de estímulo e lhes agradeço a presença.

Acreditem que guardarei com carinho todas as manifestações de apreço recebidas.

Espero, ao final do triênio, considerando as limitações a que todos estamos subordinados como seres humanos, mantendo o espírito sempre aberto às críticas e ensinamentos, poder dizer, não somente cumpri com o mandato, mas e acima de tudo, correspondi à confiança que em mim depositaram.

DISCURSO DA PRESIDENTE CESSANTE DA CFB, SRA. NANCY WESTPHALEN CORREA

Senhores:

Se estas palavras encerram certa dose de desencanto, também carregam farta quantidade de esperança.

Uma das grandes conquistas de nossa comunidade foi a capacidade de encontrar pontos de união na desunião, de esquecer antagonismos e fazer com que a razão prevaleça sobre a paixão e a intolerância.

Vejo o período de três anos que agora se finda como um tempo de construção. Nosso patrimônio aumentou, principalmente no plano da consciência: ganhamos força, incorporamos algumas valiosas conquistas — e, acima de tudo, consolidamos a fundada esperança de que, pelo esforço de todos, velhas aspirações estão para se transformar em realidade.

Refiro-me, em primeiro lugar, à luta para reformular a Lei 4.084 de 1962 e entregar ao bibliotecário aquilo a que tem direito. Cultivamos durante anos e anos a idéia de que uma sociedade justa deve ser, de início, capaz de dividir com justiça as tarefas que cabem a cada cidadão. E mais ainda: que numa sociedade justa o critério da distribuição das tarefas será o da competência e não o do favor.

Digitalizado gentilmente por:

Assistimos, também durante anos, ao amargo espetáculo de uma deslumbrada mediocridade que se comprazia em aquinhoar afilhados de duvidosa capacidade profissional e intelectual com cargos que, de direito, deveriam ser entregues a bibliotecários. Foi o resultado do transbordante oportunismo que ocupam alguns gabinetes de Brasília e outras capitais, capaz de engendrar um tosco raciocínio, segundo o qual ocupar determinado cargo poderia transferir ao ocupante qualidades que nunca possuiu. Ou que melhorar o DAS elevaria o quociente de inteligência.

Felizmente, há cada vez menos clima para prosperar esse tipo de mentalidade. Dentro de pouco tempo, tenho a certeza, o bibliotecário estará em seu lugar, que é bem acima das demagogias, dos embustes e das soluções de ocasião.

Da mesma forma, estou certa de que esta conquista será acompanhada de um aumento da capacitação profissional e da coesão da classe, graças, em boa parte, ao papel que este Conselho vem representando e deverá ainda com maior insistência representar nos anos vindouros. Aqui é o ponto de convergência de nossos mais caros ideais. Para cá confluem as aspirações de uma classe em constante aperfeiçoamento, sem medo, sem medo de concorrência.

Somos a imagem refletida de nossa moderna civilização, cuja tendência mais forte é no sentido da cooperação. Pelos ensinamentos alheios e por nossa própria experiência aprendemos que na unidade está a força e que a soma dos esforços individuais, a cooperação inteligente, a solidariedade madura constituem a garantia de recompensa justa e do mérito reconhecido.

Antes de dirigir-me ao Conselho que ora toma posse, quero dizer que lastimo, lastimo profundamente, a falta de respeito do Senhor Ministro do Trabalho, por esta Autarquia de seu Ministério, não enviando até a presente data à apreciação do Senhor Presidente da República, os nomes, em lista tríplice, para ser escolhido aquele que deverá presidir o 6º Conselho Federal de Biblioteconomia.

Aos que assumem a missão de liderança que vínhamos desempenhando, deixo duas palavras finais. A primeira, no sentido de festejar o clima de serenidade e elevação que preside esta transição. A segunda, para desejar sucesso aos conselheiros que hoje assumem, e de lembrar que a construção continua. Ela é feita com maturidade, força de convicção, sentido de missão. Sobretudo, é feita com a coerência, retidão e dignidade que caracterizam os integrantes do novo Conselho.

Obrigada.

NANCY WESTPHALEN CORREA
PRESIDENTE DO CFB
CRB-9/8

DISCURSO DO SECRETÁRIO DO MTb. PRESIDENTE CESSANTE

Honra-me sobremaneira presidir esta sessão de posse do novo Presidente do CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA.

Esta solenidade se reveste de real importância, diante da responsabilidade que o cargo impõe, quando sua escolha se faz através de ato do Excelentíssimo Senhor Presidente da República.

Quanto à distinção dessa escolha, recaindo no nome da Dra. Maria Lúcia Pacheco de Almeida, creio ser de bom alvitre traçar o perfil de quem doravante comendará o Conselho Federal de Biblioteconomia.

Maria Lucia Pacheco de Almeida, nasceu no Estado do Pará e, se por vocação

Digitalizado gentilmente por:

escolheu a profissão de Bibliotecária, poderá orgulhar-se dessa escolha. Seu currículo traduz o apego e a vontade de aprofundar-se nos conhecimentos, na magnífica obra da pesquisa que encerra a tarefa do bibliotecário.

Dele ressaltamos que Maria Lucia não se conformou com os ensinamentos que lhe foram transmitidos no curso normal universitário, decidiu-se ir mais além, e pós-graduou se em 1965, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, no Curso de Documentação Científica. Além disso, empenhando-se em ir mais adiante, acrescentou a esses estudos a extensão universitária em Direito Autoral e Técnicas Administrativas.

Ainda sobre a ora empossada, vale dizer que sua tarefa não ficou em exercer somente a profissão, ilustrou-a com trabalhos que vieram a público, demonstrativos de sua capacidade e de seu valor cultural.

Se outros méritos ainda podemos dizer de Maria Lucia, estes estão reconhecidos na própria atividade profissional, que lhe valeram os títulos que, sem dúvida nenhuma, impõe-lhe o respeito e a consideração de seus colegas profissionais.

Diante de tantos qualificativos, o Exmo. Sr. Ministro do Trabalho, Dr. Murillo Macedo, após minucioso exame, e, sobretudo, porque tem a preocupação de preservar a atuação dos Conselhos, dada a importância que estes têm perante a categoria profissional, posicionou-se em favor de quem o real mérito detinha, para dirigir este Conselho.

Queremos, na oportunidade, exprimir os nossos agradecimentos aos outros integrantes da lista tríplice, porquanto, neles também estava evidenciada a capacidade de dirigir o Conselho Federal de Biblioteconomia, e, em razão disso, parabenizar, os membros que compõem o Colegiado deste Órgão.

Por último, dirijo-me à Presidente que ora deixa o cargo, a ilustre Bibliotecário Nancy Westphalen Corrêa, que durante sua gestão, imprimiu atuação expressiva neste Conselho, deixando saldo concreto de realizações, que muito a dignificam e sensibilizam esta administração.

Encerro minhas palavras, portanto, parabenizando a Presidente que neste momento se despede, e augurando os votos de uma profícua gestão à Presidente que ora toma posse, na certeza de que haverá continuidade nos trabalhos que a gestão anterior tão bem desenvolveu no resguardo da plenitude dos direitos da classe.

Brasília, 20 de novembro de 1981.
GERALDO ANTONIO NOGUEIRA MINÉ – Secretário Geral do MTb.

NOVOS MESTRES EM BIBLIOTECONOMIA

1, FINKELSTEIN, Gladis. *Análise da Adequação do Modelo das Bibliotecas Estaduais de Agricultura (BEAGRIs, para descentralizar, a nível dos Estados, a Operação do Sistema Nacional de Informação e Documentação Agrícola (SNIDA), coordenado pela Biblioteca Nacional de Agricultura (BINAGRI),* Brasília, Universidade de Brasília – Departamento de Biblioteconomia, 1981. (Dissertação de Mestrado.)

A monografia – O Sistema Nacional de Informação e Documentação Agrícola – SNIDA, tendo por finalidade básica o fornecimento de informações as mais concernentes às necessidades dos usuários do setor agrícola, e apresentando-se sob a forma de rede, tem como base a ação coope-

Digitalizado gentilmente por:

rativa desenvolvida entre os seus componentes descentralizados. As unidades básicas do SNIDA, a nível estadual, estão representadas pelas Bibliotecas Estaduais de Agricultura BEAGRIs, que têm por objetivos a coordenação dos processos técnicos dos documentos e das informações geradas nos respectivos estados, bem como a utilização dos serviços do SNIDA. Para a criação das BEAGRIs, o SNIDA propõe um modelo visando a descentralização das atividades da Biblioteca Nacional de Agricultura — BINAGRI, unidade coordenadora do SNIDA a nível nacional.

Este estudo analisa a validade do modelo proposto pelo SNIDA para a criação das BEAGRIs, visando identificar a sua adequação a nível dos estados.

Os dados foram analisados através de relações entre eles e avaliados em função da média aritmética dos valores experimentais e do padrão de referência escolhido.

Conclui-se que o modelo proposto para a criação das BEAGRIs favorece a descentralização operativa do SNIDA a nível dos estados, e que a implantação das mesmas determina mudanças no comportamento do usuário. Este modelo parece parcialmente adaptar-se às características dos estados e favorecer a dinamização da constituição de redes estaduais de informação e documentação.

Para a implantação das BEAGRIs devem ser consideradas, com a mesma atenção, as condições infra-estruturais e situacionais, já que ambas são de vital importância no desenvolvimento das próprias BEAGRIs e na implantação das redes estaduais de informação e documentação agrícola.

2. BARRETO, Clara Maria Weber. *Problemática da Realização de Pesquisa pelos Professores em Biblioteconomia.* Brasília, Universidade de Brasília — Departamento de Biblioteconomia, 1981. (Dissertação de Mestrado.)

Pesquisa exploratória dos elementos individuais e institucionais, existentes no contexto das escolas de Biblioteconomia, que podem estar afetando a realização de pesquisas dos professores, através das informações obtidas, por questionários, de 114 professores e 7 cursos, vinculados ao sistema universitário brasileiro, no período de 1974 a 1978. Concluiu-se que as escolas não oferecem condições favoráveis ao trabalho científico, por lhes faltar suporte financeiro e eficientes serviços de informação. O não-incentivo institucional à pesquisa, a incipiente intercomunicação, a barreira lingüística e a autonomia relativa do professorado parecem inibir sensivelmente a produção científica.

3. PESSOA, Hilva Moraes. *Introdução à Ciência da Informação: uma proposta de curso para Biblioteconomia.* Campinas, PUCC — Faculdade de Biblioteconomia. (Dissertação de Mestrado em Biblioteconomia.)

A MONOGRAFIA

Ressalta-se a urgente necessidade de introduzir no currículo de biblioteconomia, a nível de graduação, uma nova disciplina, intitulada "Introdução à Ciência da Informação". A finalidade da matéria proposta é de formar novos bibliotecários, capazes de enfrentar as muitas novidades no vasto campo da informação que lhes exigirão um domínio de novas técni-

Digitalizado gentilmente por:

cas e instrumentos de trabalho. O objetivo da disciplina proposta é desenvolver, no bibliotecário, suas potencialidades e capacidades inatas para organizar, armazenar, recuperar, transmitir e utilizar a informação.

O aumento considerável da informação recebida neste século pelas bibliotecas torna os bibliotecários cientes da urgente necessidade de criar serviços muitíssimo mais rápidos e precisos. Só assim eles poderão oferecer um atendimento eficiente, amplo e mais perfeito a seus usuários, cada vez mais numerosos, exigentes e discriminadores. Os métodos tradicionais e manuais de controle, registro e fornecimento da informação já não acompanham a procura e oferta de informações no mundo em seu crescimento tecnológico e econômico, tão intensificado nas últimas décadas. Estes métodos não satisfazem aos numerosos produtores de informação em suas múltiplas formas, nem aos consumidores da mesma, cientes de que seu progresso e bem-estar dependem tanto da informação atualizada como das pesquisas em progresso.

São estas algumas das razões que motivaram a escolha deste tema: uma proposta de uma disciplina introdutória na área, Ciência da Informação, ainda em fase de definição.

4. GOMES, Angela Maria Castelo. *Estágio em Biblioteconomia: estratégias e práticas de ensino.* Campinas, PUCC – Curso de Mestrado em Biblioteconomia, 1981. (Dissertação de Mestrado em Biblioteconomia.)

A MONOGRAFIA

Um dos aspectos mais desafiantes da Biblioteconomia atual é a procura pelos estudantes do aperfeiçoamento profissional em bibliotecas, onde não contam com a orientação de um bibliotecário e muito menos ainda com a supervisão dos professores. Além de originar algumas frustrações em nossos educandos, prejudica a fase final da formação profissional, como o sacrifício à iniciação prática profissionalizante.

Os egressos de nossas escolas não têm grandes oportunidades de trabalhar em bibliotecas bem organizadas, coleções que efetivamente prestem informações a determinadas comunidades e que possam servir como ponto de referência para seu treinamento ou preparo profissional. E verifica-se então quase um paradoxo, pois alunos recém-formados são contratados para planejar, organizar e administrar semelhantes bibliotecas que mal lhes serviram para estágio quando estudantes. E assim, portadores de modestos conhecimentos e precária experiência, esses novos profissionais são solicitados a dirigir tais bibliotecas. Preocupando-nos com estes problemas, resolvemos sugerir o Estágio como uma disciplina curricular obrigatória nos cursos de Biblioteconomia, como a melhor maneira de suprir a deficiência da formação profissional daí resultante, uma vez que os alunos ao menos possam ser supervisionados pelos professores da sua própria escola em situação de ensino-aprendizagem. Esta proposta contempla situações simuladas e exercícios práticos, aos estudantes para que possam executar suas tarefas com liberdade, criatividade, e responsabilidade. As estratégias e práticas de ensino bem como a avaliação e a bibliografia são sugeridas para o professor da disciplina.

5. FERRACIN, Ana Maria. *Bibliotecas universitárias: uma proposta de ensi-*

Digitalizado gentilmente por:

no. Campinas, PUCC – Faculdade de Biblioteconomia. (Dissertação de Mestrado em Biblioteconomia.)

Toda universidade, para merecer o nome, exige uma bem organizada biblioteca para o desenvolvimento de suas importantes funções educativas, e para o adiantamento de seus programas de pesquisa e de extensão. A biblioteca universitária, quando conta com um diversificado acervo bibliográfico que representa as principais áreas de estudo e quando está dirigida por pessoal competente, exerce uma influência criadora muito poderosa que a leva mais além de sua arca geográfica imediata.

Esta monografia que recomenda que as escolas brasileiras de biblioteconomia incluam uma disciplina optativa sobre bibliotecas universitárias baseia-se nas numerosas peculiaridades deste importante tipo de instituição. Estas características já não podem mais ser ensinadas satisfatoriamente numa unidade ou duas da disciplina "Organização e Administração de Bibliotecas", como agora ocorre. A biblioteca universitária é mais complexa do que nunca em sua longa história e merece ser estudada adequadamente numa matéria própria; daí esta monografia que apresenta um modelo que poderia servir de guia às escolas interessadas em considerar a mudança proposta.

A biblioteca da universidade brasileira, em rápida evolução, recebe devida atenção no presente estudo. Em benefício de professores inexperientes, oferecem-se técnicas e materiais de ensino apropriado a cada unidade do curso proposto. Um caderno de testes é incluído para orientar na preparação de exames para a verificação da aprendizagem.

O capítulo sobre bibliografias e leituras registra obras recentes sobre a biblioteca universitária, a qual representa um ponto de partida para os alunos e seu professor. Apresentam-se em apêndices um roteiro minucioso do curso, plantas de bibliotecas, organogramas, materiais diversos de ensino, e uma estatística sobre universidades brasileiras.

16. CUNHA, Marine Campos. *Arquivologia e Arquivística. No Currículo de Biblioteconomia.* Campinas, PUCC – Faculdade de Biblioteconomia, 1981. 308 p. (Dissertação de Mestrado em Biblioteconomia.)

Hoje em dia existem arquivos, para os diferentes níveis de governo, e atendendo às diferentes necessidades da administração. Também, existem arquivos nas grandes indústrias, empresas e outras instituições privadas, filantrópicas e outras. Nem todos estes arquivos têm o destino que merecem; com o tempo muitos são abandonados, destruídos, esquecidos, com enorme prejuízo para o bem-estar público ou privado; outros passam a ser resgatados por sociedades de historiadores, museus e até bibliotecas.

Muitas bibliotecas, cujos acervos agora são formados por uma grande diversidade de materiais, possuem também documentos específicos de arquivos. Estes valiosos acervos merecem um tratamento especial, diferente da atenção dada ao material tradicional ou audiovisual de biblioteca. Porém, como os arquivos são valiosas fontes de informação e a natureza de arquivos exige um tratamento distinto ao que se destina aos livros e outros impressos, é necessário dar aos bibliotecários-em-formação uma noção desta grande categoria de fontes de informação que em muitas bibliotecas do mundo existem.

Digitalizado gentilmente por:

Esta monografia, portanto, apresenta a montagem-modelo da disciplina "Arquivologia e Arquivística", para ser ministrada aos alunos de biblioteconomia. Os apêndices apresentam um roteiro da disciplina, um proposto conteúdo programático, procedimentos e materiais de ensino, e oferecem também uma bibliografia básica com leituras recomendadas. Que este trabalho sirva de ponto de partida a professores e alunos envolvidos nesta disciplina.

7. BONETTO, Neusa Cordeiro. *Bibliotecas Públicas: estratégias e práticas de ensino.* Campinas, PUCC – Faculdade de Biblioteconomia, 1981. 263 p. (Dissertação de Mestrado em Biblioteconomia.)

Na grande família de bibliotecas, a Pública é a que atinge ao maior número de pessoal, que cobre, embora superficialmente, o panorama de todos os conhecimentos e que serve a todas as classes sociais. Em certa época foi chamada a "Universidade do povo". Mesmo assim, como tipo de bibliotecas, com suas características, metas e problemas, ela não é ensinada a nível de graduação, a não ser em duas instituições que têm um programa de Mestrado. Ela é esquecida, ao mesmo tempo que as Universitárias e as Especializadas recebem grande ênfase na formação de novos bibliotecários. Esta situação reclama atenção com urgência e esta monografia vem oferecer um curso básico de orientação que pode ser ministrado a qualquer um ou em todas as instituições de ensino de Biblioteconomia.

O programa para o curso "Bibliotecas Públicas" inclui todos os serviços que ela presta, cobre seu planejamento, organização e administração; dá ênfase às atribuições e funções do pessoal e ao estudo de usuário; trata da propaganda e publicidade para sua promoção.

O roteiro do curso, que constitui um de seus apêndices, reúne todas as unidades do programa, indicando os objetivos, o sumário da unidade, a metodologia de ensino, os materiais docentes e as leituras obrigatórias e recomendadas.

8. FERREIRA, Carminda Nogueira de Castro. *História do Livro e das Bibliotecas: modelo de Instrução.* Campinas, PUCC – Curso de Mestrado em Biblioteconomia, 1981. 85 p. (texto). Em anexo 14 módulos de ensino e 2 manuais (do professor e do aluno), acompanhados de conjuntos de audiovisuais. (Dissertação de Mestrado em Biblioteconomia.)

O livro, como instrumento privilegiado do saber e da reflexão, pelo relevante papel que desempenha no processo da civilização humana, na vida social, no desenvolvimento científico e tecnológico, na promoção dos direitos humanos e da paz, deve merecer dos profissionais bibliotecários, agentes potenciais de mudança social, um estudo abrangente e profundo. O ensino da História do Livro e das Bibliotecas, pela importância que assume no Curso de Biblioteconomia, precisa adaptar-se às novas e modernas teorias psicológicas e da aprendizagem. Dessa necessidade surgiu o presente trabalho que apresenta, em anexo, um modelo de instrução, constituído de catorze módulos, modelo que, sem cercear a criatividade do professor, se baseia na atividade e no ritmo próprio de aprendi-

Digitalizado gentilmente por:

zagem do aluno. O modelo foi elaborado dentro dos princípios do Sistema de Instrução Personalizada (SIP), ou Método Keller, com algumas modificações consideradas necessárias, e fundamentado no estudo de seus componentes básicos: o aluno, o professor e a matéria, caracterizados de acordo com indicadores propostos para avaliação do ensino. O trabalho apresenta também uma série de princípios básicos de aprendizagem, que dão embasamento teórico necessário ao modelo de instrução proposto e à técnica usada na elaboração dos módulos.

XI CBBD – Dispensa de Ponto – Resol. publicada no D.O.E.S.P., Sec. I, de 17/11/81, p. 5

Autoriza o afastamento de funcionários e servidores públicos estaduais para participação em certame.

O Secretário de Estado – Chefe da Casa Civil, com fundamento no artigo 122, Inciso I, alínea "e", do Decreto 14.050, de 4 de outubro de 1979, resolve:

Artigo 1º – Fica autorizado, nos termos do artigo 69 da Lei 10.261, de 28 de outubro de 1968, o afastamento de Bibliotecários funcionários e servidores públicos estaduais, para participarem do XI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, a ser realizado no período de 17 a 22 de janeiro de 1982, em João Pessoa – Paraíba.

Artigo 2º – Para obtenção do benefício previsto no artigo anterior, deverão os interessados preencher as condições estabelecidas no artigo 3º do Decreto 52.322, de 18 de novembro de 1969, a serem verificadas por seus superiores hierárquicos, observadas, ainda, as exigências contidas no artigo 5º do referido decreto.

Artigo 3º – Esta resolução entrará em vigor na data de sua publicação.

REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DA FEBAB -- EDITAL DE CONVOCAÇÃO (D.O.E. SP., 18.11.81 p. 31)

A Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários convoca o Conselho Diretor para a reunião extraordinária a se realizar dia 17.01.1982, às 9 horas no Hotel Tambaú em João Pessoa – Paraíba – para deliberação de reforma de seu estatuto.

CENTENÁRIO DE BASTOS TIGRE

Representantes da ABI, SBAT, C.F.B., CRB-7, APB-RJ e familiares de Bastos Tigre estiveram reunidos para elaborarem um programa de comemorações do Centenário de Nascimento do Patrono dos Bibliotecários, a ocorrer em 12 de março de 1982.

SEMANA DE ESTUDOS

O Diretório Acadêmico "Adelpha de Figueiredo", da PUC de Campinas realizou, de 23 a 28 de outubro, p.p., a X Semana de Estudos de Biblioteconomia "Prof. Doutor Gaston Litton", no Auditório da Escola de 1º e 2º graus "Carlos Gomes", no Largo das Andorinhas.

IBICT em Notícia

- **PROGRAMA NACIONAL DE INFORMAÇÃO TECNOLÓGICA** – O Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) está coordenando a estruturação de um Programa Nacional de Informação Tecnológica, com o objetivo de organizar o provimento da infor-

Digitalizado gentilmente por:

mação tecnológica no Brasil, atividade de extrema importância para o desenvolvimento do País. Informação tecnológica, segundo o comitê FID/II (Federação Internacional de Documentação), é definida como qualquer tipo de conhecimento relevante para operar uma empresa: técnica, econômica, de mercado, gerencial, social, etc. A experiência brasileira nesse campo teve início em 1970, com a criação do Centro de Informação Tecnológica, subordinado à Secretaria de Tecnologia Industrial e desativado em 1975. Para delineamento e estruturação do Programa Nacional de Informação Tecnológica, o IBICT promoveu, no último dia 16 de outubro, no Rio de Janeiro, uma reunião com representantes do CREA/SP, CETEC/ABPITI, IPT, USIMINAS, FURNAS, ABCE, STI, CONFEA, CNI. O propósito foi apresentar alguns pontos que venham a servir como um marco inicial para o estabelecimento de diretrizes que nortearão a atuação no segmento, definir o papel das diversas unidades participantes e identificar ações que possam ser executadas a curto prazo. O engenheiro Afrânio Carvalho Aguiar, Diretor do IBICT, teceu considerações sobre o Projeto de Implantação do Centro Nacional de Normas Técnicas. Expôs a importância das normas técnicas, consideradas um dos principais insumos de tecnologia industrial, salientando que a criação de um Centro Nacional não só atenderia à solicitação de informações sobre normas brasileiras, mas também prestaria assistência e forneceria informações sobre normas estrangeiras. O Diretor do IBICT levou ainda ao conhecimento dos participantes, a experiência do Instituto no campo das bases de dados. Informou que o IBICT vem oferecendo um serviço de buscas retrospectivas às bases de dados dos sistemas ORBIT, DIALOG, e QUESTEL e que a partir de 1982 será viável o acesso à rede de comunicação de dados nos Estados Unidos e em outros países. A Sra. Vania Araújo, representante do IBICT junto ao convênio Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI)/IBICT discorreu sobre a experiência desse Instituto, que oferece um serviço de informação sobre patentes. Face ao grande potencial técnico-econômico da informação contida nos documentos de patentes, torna-se prioritário um pleno aproveitamento deste recurso. Neste sentido, ações vêm sendo desenvolvidas visando sua ampla disseminação, quer junto ao setor produtivo quer junto ao setor de pesquisa, desenvolvimento e engenharia.

- **INFORMAÇÃO CONTIDA EM PATENTES** – Foi desenvolvido, no âmbito do Convênio CNPq-IBICT/INPI e em conjunto com a Divisão de Ensino e Pesquisa do IBICT, um estudo-piloto dos usuários, reais e potenciais, de informação técnico-econômica contida nos documentos de patente. A amostra foi selecionada entre produtores de bens de consumo, produtores de bens de capital, instituições de pesquisa, firmas de consultoria e outros que operam nas áreas de carvão e álcool como fontes alternativas de energia. O estudo envolveu a aplicação de um questionário, por mala direta. O índice de respostas foi bastante elevado, demonstrando, assim, um grande interesse por esse tipo de informação. De imediato, um dos resultados mais significativos do estudo foi o efeito causado pela divulgação, já que, após a mesma, o número de levantamentos realizados pelo Centro de Documentação e Informação Tecnológica - CEDIN, do INPI elevou-se de 14, em 1980, para um total de 56 até o mês de setembro próximo passado. Os resultados prelimi-

Digitalizado gentilmente por:

nares desse estudo foram apresentados de 07 a 10 de setembro de 1981 em Genebra, na III Reunião do Grupo de Trabalho sobre Informação de Patentes para Países em Desenvolvimento e na VIII Reunião do Grupo de Trabalho sobre Planejamento, ambos vinculados ao Comitê Permanente sobre Informação de Patentes, da Organização Mundial da Propriedade Intelectual - OMPI.

- **SEMINÁRIO SOBRE SERVIÇOS DE INFORMAÇÕES APOIADOS EM COMPUTADORES** – Realizou-se em São Paulo, nos dias 19 e 20 de outubro, o Seminário sobre "Serviços de Informações Apoiados em Computadores" – SIAC/81, sob o patrocínio da SEI e do IBICT e contando com o apoio operacional da SUCESU. Coube ao IBICT, na fase de preparação do Seminário, os primeiros contatos com metade dos participantes brasileiros e os contatos com os estrangeiros. O Seminário foi composto de sete temas: 1) Requisitos para uma Política Nacional para a Difusão de Informações, 2) Os Serviços de Informação Baseados em Computadores: estado atual e tendências, 3) Infra-estrutura Necessária aos Serviços de Informação, 4) Serviços Computadorizados de Informações Geradas no Exterior, 5) Geração de Bases de Dados Nacionais, 6) Serviços Públicos de Informações e 7) Bases de Dados sobre Pessoas Físicas e Jurídicas. Estes temas foram abordados por técnicos representantes de várias instituições: IBICT, SEI, MIDIST/CNRS, TELESYSTEME, – França, SERPRO, EMBRATEL, UnB, BINAGRI, CIN, PETROBRÁS, TELESP, REDE GLOBO, IBGE, ANJ, SERASA (Centralização de Serviços de Bancos) e Editoras de Guias LTB. A confecção dos anais já está providenciada e sairá brevemente.

- **PROGRAMA NACIONAL DE INFORMAÇÃO EM ENERGIA** – Na condição de responsável pela coordenação da Rede Nacional de Informação em Ciência e Tecnologia e em articulação com a Superintendência de Desenvolvimento Industrial e Infra-estrutura do CNPq, o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) está coordenando as atividades referentes ao estabelecimento do PROGRAMA NACIONAL DE INFORMAÇÃO EM ENERGIA (PNIE). O objetivo do Programa é estruturar e operacionalizar um subsistema de informação em energia, aproveitando as potencialidades das instituições atuantes no setor. Numa primeira etapa o PNIE deverá executar serviços de provimento de Informação Referencial, prestando serviços de Disseminação Seletiva da Informação e de Busca Retrospectiva a partir de bases de dados bibliográficos de origem externa (INIS, EDB, INSPEC, C. ABSTRACTS, NTIS, etc.) e de acesso ao Documento Primário, fornecendo cópias de documentos convencionais e não-convencionais. Deverá ter também como prioridade o Registro da Produção Técnico-Científica Nacional na área de energia, estabelecendo mecanismos para coleta da documentação técnico-científica nacional, convencional e não-convencional, com vistas à produção da base de dados nacional e de bibliografias brasileiras no setor. A estratégia para implantação do subsistema será calcada, principalmente, na identificação de entidades que já oferecem serviços de informação em níveis aceitáveis e também por entidades que atuam de forma complementar ou suplementar no campo da informação em energia. O IBICT vem executando algumas atividades preliminares, concernentes ao levantamento da potencialidade do setor, já

Digitalizado gentilmente por:

estando em fase de elaboração o documento que identifica as principais fontes de informação sobre energia existentes no País, identificação das entidades que participarão da Rede em uma primeira etapa e possibilidade de operacionalização de alguns mecanismos fundamentais (comutação bibliográfica, acesso a bases de dados, etc).

- **FÓRUM DE DEBATES** – Com o objetivo de reunir especialistas na área, para a discussão de tópicos relevantes ao ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil, realizou-se no auditório da CNEN, nos dias 28 a 29 de setembro p.p. um Fórum de Debates, sob os auspícios do IBICT. O Fórum, coordenado pela Profa. Nice Menezes de Figueiredo, da Divisão de Ensino e Pesquisa do IBICT, contou com a participação de professores especialmente convidados: Célia Valério Ferreira do CLAF; Maria Martha Carvalho da UFNG; Anna da Soledade Vieira da UFPb e Antonio Agenor Briquet de Lemos do Ministério da Saúde, além da participação de professores de várias Escolas de Biblioteconomia do País. Teve assim o IBICT a oportunidade de registrar opiniões, idéias e pensamentos da comunidade de ensino na área, o que permitirá ao Instituto redirecionar sua atuação no sentido de apoiar os cursos de pós-graduação na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

- **REGISTRO DA PRODUÇÃO NACIONAL EM C.T.** – O IBICT está coordenando, através do Departamento de Tratamento da Informação, o Projeto Registro da Produção Nacional em Ciência e Tecnologia que objetiva preservar a memória nacional em C.T. através do registro de toda produção bibliográfica produzida no País. O projeto prevê a descentralização coordenada deste registro, atribuindo-se tal responsabilidade a entidades representativas de cada segmento de ciência e tecnologia no País. Será adotado o formato CALCO para registro da produção e o IBICT propicia treinamentos específicos a técnicos de outras instituições que desejam adotar o formato CALCO. Já foram contatadas entidades nas áreas de: Matemática, Física, Química Industrial, Energia Nuclear, Arquitetura, Odontologia, Medicina, Veterinária, Comunicação, Educação, Ciência Política e Ciências Ambientais.

- **PLANO DIRETOR PARA O CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DIPLOMÁTICA DO ITAMARATY** – Para modernizar e racionalizar os serviços da Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores (MRE), de acordo com as necessidades das estruturas organizacionais atuais, o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) elaborou um Plano Diretor para o Centro de Documentação Diplomática do Itamaraty. Este Plano Diretor surgiu da necessidade do MRE dispor de uma nova unidade, no Departamento de Comunicações e Documentação, que possibilitasse a utilização mais eficiente dos recursos disponíveis e da mão-de-obra qualificada. A nova unidade viria em substituição à Biblioteca, já obsoleta para atender às exigências de seus usuários. Para a elaboração deste Plano, a equipe responsável pelos trabalhos realizou o levantamento e estudos pormenorizados da rotina de procedimentos, das coleções existentes, dos recursos humanos e ambientais, da localização e dispersão dos documentos, bem como contatos com os usuários reais e potenciais da Biblioteca e suas necessidades informacionais. Os objetivos gerais foram a obtenção de informações documentárias

Digitalizado gentilmente por:

para as atividades de decisão e técnicas; a utilização eficiente dos recursos da documentação; a flexibilidade para atender às novas solicitações e a segurança na transferência da informação obtida. A atuação do IBICT se deu em resposta ao pedido de assessoria feito pelo Itamaraty, e contou com a participação de técnicos do MRE, sob a coordenação da Consultora Angela Maria Crespo Queiroz Neves.

- **GUIAS DE FONTES DE INFORMAÇÃO** – O IBICT, através de seu Departamento de Tratamento da Informação – DTI, desenvolve Programa para a Produção de Guias de Fontes de Informação, nas áreas prioritárias de ciência e tecnologia. No início do próximo ano lançará o Guia na área de energia. No setor de meio ambiente, os trabalhos já foram iniciados. O Programa estende-se também ao incentivo e apoio aos sistemas especializados, para que estes produzam documentos semelhantes, em seus respectivos setores.

- **INFORMAÇÃO REFERENCIAL EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA** – Um serviço de informação referencial está sendo estruturado no IBICT: visa fornecer ao usuário dados sobre "para onde" se dirigir a fim de obter a informação que necessita. O serviço referencia bibliotecas, centros e serviços de informação, a nível nacional. A médio prazo, o processamento eletrônico assegurará a rapidez na atualização dos dados e no atendimento aos usuários, condições indispensáveis a este tipo de atividade. Inicialmente o serviço será manual.

- **SDI EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO** – O Instituto Brasileiro de Informação e, Ciência e Tecnologia – IBICT – através do Centro de Informações em Ciência da Informação – CCI – está implantando o Sistema de Disseminação Seletiva da Informação em Ciência da Informação – SDI – CI. Terá como finalidade oferecer um serviço periódico de informações atualizadas, adequadas às necessidades específicas e individuais de seus usuários. A INFORMAÇÃO CERTA AO USUÁRIO CERTO.

O SDI-CI está sendo desenvolvido como teste-piloto e, por isso mesmo, restringir-se-á, inicialmente, a uma única base de dados: NTIS – National Technical Information Service. Estarão disponíveis as classes:

88 – Biblioteconomia e Ciência da Informação,

62 – Computadores, Controle e Teoria da Informação

Tendo em vista seu caráter experimental, o SDI - CI será implantado para atender a uma população-teste composta de usuários selecionados entre técnicos do IBICT, CIN/CNEN, IME/CICT, INT/FTI, INPI, FGV e alunos do Curso de Mestrado em Ciência da Informação, IBICT/UFRJ.

Prevê-se, para o futuro, maior cobertura para o SDI - CI com a expansão da base NTIS (acréscimo de novas classes correlatas à área de CI) e inclusão de outras bases de dados tais como: LISA (Library & Information Science Abstracts), BBDoc. (Bibliografia Brasileira de Documentação) etc.

Digitalizado gentilmente por:

Documento

A CAPES E O FINANCIAMENTO À PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Os presidentes das Comissões de Consultores da CAPES, reunidos em Brasília, nos dias 11 e 12 de maio corrente, expressaram à Direção da CAPES a enorme preocupação da comunidade científica do País para fatos relacionados com o financiamento da pesquisa e da pós-graduação. Basicamente, estão preocupados: (i) com os possíveis efeitos de uma retirada nos orçamentos de pesquisa dos ítens referentes à manutenção dois programas (notadamente os oriundos dos projetos financiados pela FINEP); (ii) com os desníveis entre os vários setores do conhecimento e, (iii) com a diminuição das verbas destinadas ao fomento científico do País.

Através de documento escrito, registraram essas preocupações e enfatizaram a necessidade de se encontrar mecanismos ágeis dentro do próprio MEC para que o financiamento da infra-estrutura seja garantido.

Ao entregar o documento à Direção da CAPES, o grupo solicitou que o mesmo fosse amplamente divulgado e oficialmente remetido às autoridades que diretamente

Digitalizado gentilmente por:

têm a ver com o desenvolvimento científico e tecnológico do País.

No entender da CAPES o documento dos Presidentes, ao mesmo tempo em que exprime a inquietação presente, retoma uma preocupação antiga registrada em 1975 no Plano Nacional de Pós-Graduação.

O fato não exime o tema de uma discussão mais ampla. Por isso, divulgou o documento, através de um número especial do DEBATE CAPES, esperando colher opiniões úteis à definição de futuras políticas.

Comentários ao documento poderão ser dirigidos ao DEBATE CAPES ou diretamente aos Presidentes das Comissões ou Representantes de área, listados a seguir.

1. Afrânio Aragão Craveiro
Universidade Federal do Ceará
Departamento de Química
Caixa Postal 935
60.000 – Fortaleza, CE

2. Afrânio dos Santos Coutinho
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Faculdade de Letras
Av. Chile, 330
20.031 – Rio de Janeiro, RJ

3. Aino Victor Ávila Jacques
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Agronomia

Av. Bento Gonçalves, 7712
90.000 – Porto Alegre, RS

4. Antonio Augusto Arantes Neto
Universidade Estadual de Campinas
Departamento de Antropologia
Campus Universitário – Barão Geraldo
13.100 – Campinas, SP

5. Aiz Nacib Ab'Saber
Universidade de São Paulo
Instituto de Geografia
Cidade Universitária – Butantã
05.508 – São Paulo, SP

6. Bolivar Lamounier
IDESP
Rua Franco da Rocha, 163
05.015 – São Paulo, SP

7. Carlos José Pereira de Lucena
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Departamento de Informática
Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
22.453 – Rio de Janeiro, RJ

8. Carlos Osmar Bertero
IAESP/FGV
Av. 9 de Julho, 2029
01.313 – São Paulo, SP

9. Eduardo Peñuela Cañizal
Universidade de São Paulo
Escola de Comunicação e Artes
Departamento de Teatro, Cinema, Rádio e Televisão
Cidade Universitária – Butantã
05.508 – São Paulo, SP

10. Fernando Antonio F. Cardoso da Silva
Universidade Federal de Pernambuco
Departamento de Matemática
Cidade Universitária
50.000 – Recife, PE

11. Magda Becker Soares
Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Av. Antonio Carlos – Pampulha
30.000 – Belo Horizonte, MG

12. Maria Adélia Aparecida de Souza
Universidade de São Paulo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Digitalizado gentilmente por:

Cidade Universitária – Butantã
05.508 – São Paulo, SP

13. Maria Alice Magalhães D'Amorim
Universidade de Brasília
Departamento de Psicologia
Campus Universitário – Asa Norte
70.910 – Brasília, DF

14. Mário Rubens Guimarães Montenegro
Faculdade de Medicina de Botucatu
Departamento de Patologia
18.600 – Botucatu, SP

15. Regis Bonelli
INPES
Av. Presidente Antonio Carlos, 51 - 17º andar
20.020 – Rio de Janeiro, RJ

16. Sebastião Interlandi
Universidade de São Paulo
Faculdade de Odontologia
Rua Três Rios, 363 – Bom Retiro
01.123 – São Paulo, SP

17. Sérgio Machado Rezende
Universidade Federal de Pernambuco
Departamento de Física
Cidade Universitária – Engenho do Meio
50.000 – Recife, PE

18. Sidney Stuckenbruck
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Departamento de Engenharia Mecânica
Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
22.453 – Rio de Janeiro, RJ

19. Tércio Sampaio Ferraz Júnior
Av. Paulista, 66 – Apto. 51
01.310 – São Paulo, SP

20. Vilmar Faria
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Setor de Pós-Graduação
Departamento de Sociologia
Rua Monte Alegre, 984 - Perdizes
05.014 – São Paulo, SP

21. Wolfgang Christian Pfeiffer
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Instituto de Biofísica
Cidade Universitária – Ilha do Fundão
21.941 – Rio de Janeiro, RJ

O FINANCIAMENTO À PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Documento elaborado pelos Presidentes das Comissões de Consultores da CAPES.

Reunidos na sede da CAPES nos dias 11 e 12 de maio, os Presidentes das Comissões de Consultores discutiram a atual situação do financiamento das atividades de pesquisa e pós-graduação nas universidades brasileiras e em centros de pesquisa e ensino, decidindo as seguintes reflexões:

1. É de constatação simples o fato de que as atividades de pesquisa no Brasil só puderam sair do caráter individualista e adquirir certo grau de institucionalização com a criação de mecanismo de financiamento externos à universidade. Inicialmente o BNDE, na década de 60, e posteriormente a FINEP, financiaram a criação e a expansão de muitos programas de pós-graduação e pesquisa. Em vários casos, a pós-graduação propiciou a transformação de departamentos ou institutos em unidades dinâmicas de ensino, e, na mais marcante e extensivo.

Digitalizado gentilmente por:

2. A ação das agências financiadoras não se deu, com a mesma ênfase, em todas as áreas do conhecimento, mas é forçoso reconhecer que, em geral, permitiu a formação de grupos e programas em torno dos melhores pesquisadores do País. Isto não decorreu do acaso, mas sim do processo de seleção dos programas a serem financiados, com base em critérios de avaliação estabelecidos com assessoria da comunidade acadêmica e analisados sem as injunções políticas de cada universidade.

3. Apesar do sucesso dos mecanismos de financiamento da pós-graduação e pesquisa, o sistema atual tem inúmeros defeitos e não pode ser considerado definitivo. O mais sério defeito é a excessiva dependência dos cursos de pós-graduação, e dos próprios departamentos, ao financiamentos externos para a sua manutenção básica. O caráter temporário desses financiamentos, baseado em projetos de ciclo ou bienal, gera com freqüência crises periódicas nas instituições que, por motivos diversos, têm se tornado mais graves nos últimos anos.

Na busca de mecanismos mais estáveis e eficientes de financiamento, há clareza e unanimidade sobre alguns pontos:

a) Deve caber às universidades e ao MEC a responsabilidade pela manutenção básica (infraestrutura) das atividades de pós-graduação e pesquisa. Dentro os ítens que compõem a manutenção podem ser citados: remuneração de pessoal técnico e de apoio administrativo em níveis compatíveis com o mercado de trabalho; custeio de material de ensino e de consumo dos laboratórios, oficinas e setores de apoio técnico e administrativos, custeio de serviços de terceiros e de viagens nacionais de professores (participação em banca de teses, pesquisas, etc.), aquisição de livros, revistas, peças e acessórios, equipamentos de reposição, biotério, viveiros, etc.

b) A pesquisa, na universidade ou em qualquer outra instituição, precisa sempre de um adicional específico, que se matcrializa através de um projeto. Esse projeto deve ser avaliado pela própria comunidade acadêmico-científica – julgamento dos pares – e deve evitar, ao máximo, previsão de recursos que se caracterizem como "manutenção" básica do grupo. Em outras palavras: quanto menos de "manutenção" houver nos adicionais para a pesquisa, mais estável será a comunidade do País.

c) Os responsáveis pela administração central das universidades não têm demonstrado, em geral, sensibilidade para conduzir os complexos problemas de pesquisa e da pós-graduação. A universidade não possui mecanismos para discriminar e selecionar, tendendo a promovcr, entre os departamentos e os docentes, o rateio igualitário de seus recursos. Isso explica a tendência de auxílios externos.

d) A manutenção da pós-graduação e da pesquisa, por parte do MEC, dcverá ser feita através de projetos avaliados por sua qualidade científica e humanística – no caso dos grupos existentes – ou por seu potencial – nos casos dos grupos em formação – de maneira que não se perca de vista a especificidade de cada área. A avaliação e o acompanhamento desses projetos devem ser feitos por Comissões de Consultores, segundo o mesmo critério de julgamento dos pares adotado para a avaliação de cursos e distribuição de bolsas de estudo.

e) A pluralidade das agências de fomento à pesquisa é essencial ao desenvolvimento e à vitalidade da Ciência e da Tecnologia no País. O notável papel do FUNTEC/BNDE, no passado, c do FNDCT/FINEP, no presente, deve ser reconhecido para que se preserve a sua função de apoio à pesquisa nacional, seja em sua forma básica, aplicada ou no desenvolvimento de protótipos.

f) Novos mecanismos de financia-

Digitalizado gentilmente por:

mento da infraestrutura e da manutenção básica das unidades de pesquisa e pós-graduação devem privilegiar os atuais centros de pesquisa e pós-graduação reconhecidamente de bom nível, nos quais a maior parte da produção científica do País é gerada. O repasse aos centros de pós-graduação deverá ter um caminho próprio, a fim de que possa chegar com rapidez ao pesquisador.

g) Os recursos destinados ao progresso científico, tecnológico e humanístico devem ser fixados em níveis compatíveis com o desenvolvimento do País. A análise da situação atual indica a necessidade de um aumento significativo desses recursos.

h) O apoio às atividades de pesquisa e pós-graduação deve também visar ao fortalecimento das instituições como um todo, criando condições mais sólidas para que a universidade se realize plenamento como instituição autônoma.

Brasília, maio de 1981.

Digitalizado gentilmente por:

Entrevista

Nosso entrevistado, Professor Gaston Litton, está intimamente identificado com o Brasil desde há muitos anos. Em quatro ocasiões, para desempenhar importantes missões em Biblioteconomia, veio a nosso país.

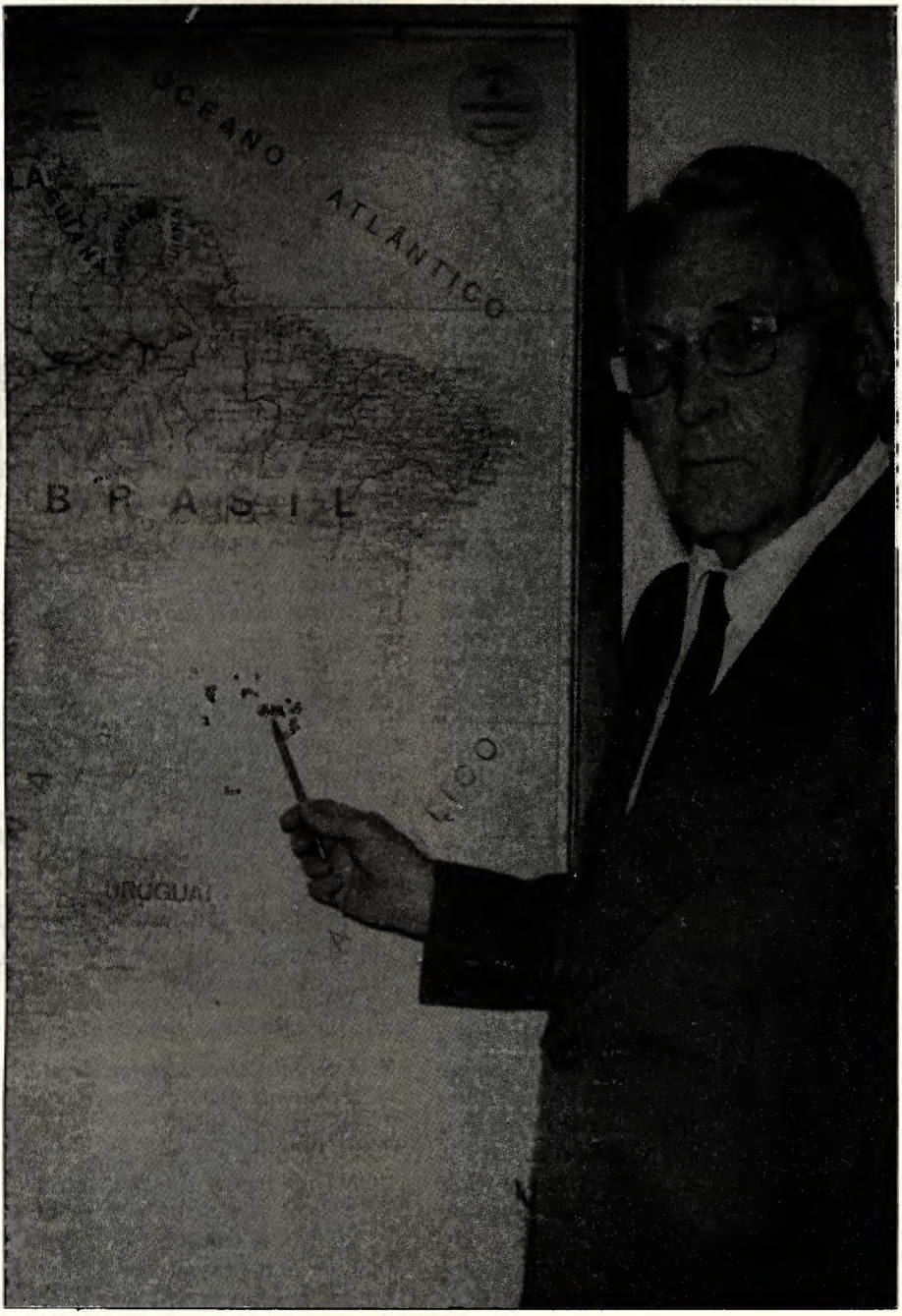
A primeira, a convite do Diretor da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, que estava sendo submetida a uma série de reformas técnicas. Atendendo à solicitação do Dr. Rubens Borba de Moraes, a American Library Association enviou uma comissão de três bibliotecários americanos, dentre eles o Dr. Litton.

Mais tarde, o Professor Litton colaborou na preparação de profissionais para a Biblioteca Pública do Paraná, que naquele ano estava sendo construída. Dessa colaboração resultou o atual programa de Biblioteconomia da Universidade Federal do Paraná.

A terceira vinda do Doutor Litton a nosso país foi para ministrar, sob os auspícios da Associação Paulista de Bibliotecários e da Universidade de São Paulo, um curso de um ano sobre Documentação.

Sua última missão no Brasil começou em 1977, quando, a convite da PUCC, iniciou o programa de Mestrado em Biblioteconomia. Em quatro anos, o Curso graduou dez Mestres em Biblioteconomia e iniciou mais de cinqüenta bibliotecários de todo Brasil em estudos sérios de pós-graduação.

Digitalizado gentilmente por:



Digitalizado gentilmente por:

O Professor Litton é autor de 23 livros quase todos nas áreas de Biblioteconomia, Arquivística e História. Doze foram publicados em São Paulo, em tradução portuguesa feita por destacados bibliotecários brasileiros.

ENTREVISTA COM O PROF. GASTON LITTON

Numa avaliação da Biblioteconomia brasileira, feita pelo Professor Gaston Litton ao final de 4 anos de serviço na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como Coordenador do Curso de Mestrado em Biblioteconomia, o escritor e bibliotecário norte-americano fez previsões sobre os rumos futuros da profissão, tendo em vista especialmente os novos bibliotecários que iniciam sua vida profissional e outros jovens na fase de escolha de carreira. O professor Litton destaca entre outros vários temas áreas esquecidas da Biblioteconomia, linhas paralelas de trabalho para o bibliotecário, diversificação de empregos, questionando se a Biblioteconomia é uma carreira para mulheres somente. Transcrevemos na íntegra a entrevista com o Professor Doutor Gaston Litton, autor de quase vinte livros sobre Biblioteconomia e de vários outros sobre diversos temas como a História e a Arquivística.

1. *Professor Litton, que conselhos o sr. gostaria de deixar para a juventude que está escolhendo uma profissão?*

A escolha da carreira profissional é uma das opções mais importantes que um jovem terá que fazer. São vários os fatores importantes na escolha, dentre eles, se a área oferece amplas oportunidades de realizar um trabalho variado e estimulante, se oferece incentivos para ambos os sexos, etc. Numa avaliação das diferentes profissões, a Biblioteconomia se compara favoravelmente com muitas outras carreiras, especialmente para aqueles jovens que são estudiosos, sérios, capazes de pensar independentemente, possuidores de uma boa memória e motivados para servir.

2. *Poderíamos concluir, então, que o Professor Litton recomenda a Biblioteconomia como carreira profissional?*

Para muitos jovens posso recomendar a Biblioteconomia, sem reserva, porque sei que possuem as qualidades necessárias ao desempenho satisfatório da profissão. Mas faço questão de advertir que nenhuma carreira deve ser aceita por um jovem, sem antes examinar com muito cuidado os requisitos, necessidades, vantagens e desvantagens que caracterizam cada profissão, pois a essa profissão irá dedicar 30 ou 35 anos de sua vida.

3. *Quais as perspectivas de emprego na Biblioteconomia durante os próximos 20 ou 25 anos?*

Se interpretarmos a Biblioteconomia no sentido mais amplo da palavra, como sendo o centro da geração, armazenagem, conservação e disseminação de novas fontes da informação, tão vital para o bom desenvolvimento de um País, sempre carente de acesso imediato a dados precisos sobre toda e qualquer atividade humana, teremos fortes razões para concluir, confiantes, que são excelentes as perspectivas de emprego em Biblioteconomia nas próximas duas décadas, até a passagem deste século e início do novo.

4. *Existirão talvez algumas áreas da Biblioteconomia que o Professor considera como "superlotadas"?*

Eu diria que, em geral, a Biblioteconomia me parece subdesenvolvida, carente de pessoal capacitado para todos os níveis de serviço. A tendência do recém-formado bibliotecário para procurar emprego numa biblioteca universitária ou especializada, ao

Digitalizado gentilmente por:

mesmo tempo que ignora outras importantes áreas profissionais, não se pode interpretar como uma prova de que aquelas áreas estão "superlotadas", isto é, com excesso de pessoal e, por isso mesmo, com as inevitáveis conseqüências da lei da procura e oferta.

5. *Há, então, áreas "esquecidas" da Biblioteconomia?*

A "terra de ninguém" na Biblioteconomia, a meu ver, corresponde às bibliotecas escolares, às infanto-juvenis, e às públicas. Como seria diferente nossa atual sociedade se existisse uma inversão de valores e se houvesse uma constante oferta de empregos atraentes nos tipos de bibliotecas indicadas!. . .

6. *Na sua opinião, Professor Litton, existe alguma área especialmente atrativa para a juventude interessada na Biblioteconomia?*

A administração de bibliotecas, como área especial de trabalho, deve ser a meta de novos bibliotecários que possuem certas qualidades de temperamento e um treinamento amplo em relações humanas, finanças, planejamento, comunicação oral e escrita, organização e métodos, e outros campos de trabalho minucioso e especializado.

Uma característica do persistente subdesenvolvimento da Biblioteconomia, em minha opinião, é o fato de muitas bibliotecas serem administradas e dirigidas por pessoas com pouca ou nenhuma visão sobre o real trabalho e a função desta instituição.

7. *O Professor gostaria de fazer algum comentário sobre os acervos bibliográficos da biblioteca do futuro?*

A diversificação do acervo bibliográfico e a inclusão de materiais audiovisuais são características da evolução das bibliotecas nos últimos anos. É tão diversificado o acervo de muitas bibliotecas escolares que algumas delas foram rebatizadas como centros de multi-meios". Temos uma idéia do que serão as bibliotecas do fim do século naquelas que, neste momento, estão sendo agrupadas em sistemas ou redes, através de computadores, com terminais para a consulta dos usuários. Haverá em breve a transmissão facsimilada, e já existem muitas facilidades de reprodução de documentos nos diversos dispositivos que correspondem à designação de "reprografia". Há uma notável evolução nos instrumentos e materiais bibliográficos que darão à biblioteca do futuro novas e diferenciadas características.

8. *Alguma categoria de materiais, em sua opinião, terá um desenvolvimento especial no futuro próximo?*

A diversificação do Estado Moderno e a proliferação de toda classe de atividade do Estado são a causa do grande acúmulo das publicações oficiais, tanto em volume quanto em variedade. Esta imensa diversidade de impressos aguarda uma tomada de posição enérgica por parte dos bibliotecários que só agora estão percebendo a importância dessas fontes de informação.

9. *Na evolução do trabalho do bibliotecário, o Professor observou algum detalhe ou tendência?*

É muito notória a preocupação crescente com a especialização em tudo que os bibliotecários fazem. As exigências do público são cada vez mais prementes, o próprio público é cada vez mais numeroso, exigente e sofisticado. O bibliotecário de hoje precisa possuir muitos talentos e um treinamento em várias áreas paralelas.

10. *Todos os bibliotecários trabalham em bibliotecas?*

Muitos bibliotecários estão trabalhando hoje em áreas que ou não existiam ou

Digitalizado gentilmente por:

não eram consideradas seu campo de ação. O atual treinamento do bibliotecário capacita-o a desempenhar muitas funções relacionadas com o fluxo da informação, que não são funções propriamente da biblioteca. "Status", prestígio e boa remuneração no emprego são incentivos para esta migração ou mobilidade do bibliotecário de hoje, fato que considero muito interessante.

11. *Pode citar algumas das áreas paralelas onde bibliotecários podem fazer um bom uso de seus conhecimentos especiais?*

Tradução, editoração, indexação e em geral a documentação são áreas onde muitos profissionais preparados em Biblioteconomia utilizam seus conhecimentos especiais de Línguas, o manejo de documentos e suas habilidades incomparáveis na recuperação de informação.

12. *Que diria o Professor sobre a afinidade entre a Biblioteconomia e a Arquivística?*

Considero-as como profissões "irmãs", porque ambas funcionam dentro da grande área da Informática, apresentando muitas semelhanças dignas de estudo e reflexão. Existem boas possibilidades de maior intercâmbio, troca de conhecimentos, recursos e pessoal.

13. *A experiência do Professor nestas duas áreas oferece alguma lição para novos bibliotecários?*

Doze anos de serviço ativo em arquivos, em duas grandes instituições, constituem um contrapeso para os longos anos passados como bibliotecário, diretor de biblioteca, consultor em bibliotecas, professor de Biblioteconomia e escritor na área. Em minha vida, cada área serviu para enriquecer a outra, e ambas me proporcionaram uma vida muitíssimo mais interessante do que uma apenas me poderia ter dado.

Com minha experiência, recomendo à juventude que considere as possibilidades de uma "combinação" dessas duas carreiras. Tal opção foi, para mim, muito boa. Para outros, esta "combinação", ou outra qualquer,poderia produzir certas milagrosas oportunidades, das quais sou testemunha.

14. *Sobre a pesquisa na Biblioteconomia, deseja fazer alguma observação?*

A pesquisa é uma atividade extraordinariamente valiosa para a evolução e progresso de uma nação, seja na área industrial, científica ou técnica, militar ou outra. Por isso, na formação de bibliotecários, a pesquisa constitui a pedra fundamental. Somos membros de uma profissão ao serviço da informação e nossa obrigação é facilitar, em todo momento, a utilização das fontes necessárias para as mudanças que o progresso reclama.

15. *E sobre o ensino da Biblioteconomia, quer falar-nos de maneira geral?*

Faria, apenas, uma advertência simples: o ensino da Biblioteconomia tem que evoluir muito mais rapidamente nos próximos anos, aproveitando as técnicas desenvolvidas em outras áreas acadêmicas, utilizando materiais didáticos aperfeiçoados no ensino de outras disciplinas que nos podem servir de modelo. Dado o caráter especial do trabalho de biblioteca, parece-me urgente a necessidade de uma mudança radical não só no conteúdo a ensinar, mas também na maneira de ensinar esse conteúdo.

16. *O Professor poderia falar sobre a finalidade do ensino nos diferentes níveis?*

Entendo a pergunta desta maneira: O Bacharel em Biblioteconomia recebe a preparação que lhe permita ser um técnico em geral; o Mestre em Biblioteconomia será capacitado em pesquisa e se situa na linha de frente do desenvolvimento futuro da pro-

Digitalizado gentilmente por:

fissão; por sua vez, o Doutoramento pode-se considerar como um "passaporte" que permite ao profissional entrar no campo da Pedagogia, na formação de novos bibliotecários, na interpretação da Biblioteconomia, explicando o que o bibliotecário faz e porque o faz. Em cursos de especialização o bibliotecário, a qualquer momento, pode aumentar a base de sua formação geral, lembrando que numa média de cinco anos o profissional fica notavelmente desatualizado. São imensamente importantes os cursos de especialização e todos os programas de pós-graduação, porque o bibliotecário tal como o médico, o odontólogo, a enfermeira e tantos outros, está numa constante luta contra o tempo.

17. *Existe, Professor, a possibilidade de uma diversificação de empregos para o bibliotecário?*

Alguns bibliotecários manifestam uma preocupação com a sobrevivência da Biblioteconomia e recomendam que as escolas profissionais tomem iniciativas no sentido de diversificar a preparação que oferecem e que motivem seus formandos para aceitar a necessidade de maior mobilidade na profissão.

18. *A que entidades, em sua opinião, compete fazer os primeiros passos para criar outros campos de trabalho para o bibliotecário?*

Já mencionei uma delas — as Escolas de Biblioteconomia. Não menos importantes são as associações profissionais, que exercem uma notável influência entre seus sócios. Mas também os diretores de muitas bibliotecas grandes e médias estão em condições de abrir novos campos de trabalho, de experimentar com novos tipos de serviço, preparar novos tipos de auxílios bibliográficos para o fornecimento de informações.

19. *A Biblioteconomia, Professor Litton, é uma profissão de mulheres como parece ser no momento?*

Ela sempre foi de ambos os sexos, embora em determinados países, em anos recentes, predominem as mulheres. No estudo histórico das bibliotecas, encontram-se grandes homens criando notáveis coleções. Entre os notáveis bibliotecários de todos os tempos houve príncipes da Igreja e mais de uma papa. Hoje em dia o bibliotecário erudito, homem ou mulher, é menos comum que nos séculos anteriores. Penso que oportunidades iguais existem na Biblioteconomia hoje para a juventude de ambos os sexos; sempre que o aspirante a trabalhar numa biblioteca reunir os requisitos não só para cursar o programa básico de graduação em Biblioteconomia mas também para prosseguir em estudos de pós-graduação.

20. *Se o Professor pudesse escolher novamente sua profissão, que campo escolheria para seu trabalho?*

Muito contente estou com a geração de bibliotecários entre os quais me formei. Se hoje pudesse escolher uma carreira, talvez de novo vacilasse um pouco antes de decidir definitivamente, como então aconteceu. Mas no fundo da minha consciência não há dúvida; teria que ser fiel à Biblioteconomia novamente!

Digitalizado gentilmente por:

Guia aos Colaboradores

1 – INFORMAÇÕES – INSTRUÇÕES

1.1 – *Finalidade da Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação.*

A RBBD é órgão oficial da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB) e tem a finalidade precípua de publicar trabalhos sobre biblioteconomia, documentação e área afim, e registrar a legislação nacional corrente da área em vista à atualização profissional.

1.2 – *Tipos de Colaboração*

1.2.1 – A 1ª Secção da RBBD é constituída de ARTIGOS ORIGINAIS, ENSAIOS, COMUNICAÇÕES TÉCNICAS, REVISÕES E TRADUÇÕES;

1.2.2 – Outras Secções:

1.2.2.1 – LEGISLAÇÃO: referenciação (leis, decretos, portarias, etc.), seguida de ementa e resumo. Sempre que necessário, a espécie legislativa será publicada na íntegra e comentários serão feitos. O arranjo será por descritores;

1.2.2.2 – REPORTAGEM E ENTREVISTAS: pessoas e fatos em evidência de interesse ao fascículo em foco;

1.2.2.3 – NOTICIÁRIO: notícias diversas sobre as associações estaduais e regionais, conselhos, grupos de trabalhos, organismos nacionais e internacionais, congressos, cursos, etc;

1.2.2.4 – RESENHAS: livros relevantes, teses, publicados nos últimos 5 anos; conforme normas próprias da RBBD;

1.2.2.5 – LEVANTAMENTOS BIBLIOGRÁFICOS: assuntos de interesse da área, conforme PNB - 66/1970.

1.3 – *Escolha da matéria dos fascículos*

Sempre que possível a matéria dos itens 1.2.1, 1.2.2.3, 1.2.2.4 e 1.2.2.5, será encomendada pelo Editor e haverá uma coerência na escolha dos temas. Cerca de 30% da matéria (1.2.1 e 1.2.2.3) estará sob a responsabilidade de um Estado ou região, através do respectivo Correspondente.

2 – REGULAMENTO

2.1 – *Artigos originais, ensaios, comunicações técnicas, revisões, traduções.*

Devem ser entregues em duas vias (um original e uma cópia) endereçados ao Editor Neusa Dias de Macedo, Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB), Rua Avanhandava, 40, conj. 110, S. Paulo, CEP 01306.

2.1.2 – A matéria deve ser inédita e destinar-se exclusivamente à RBBD, não sendo permitida a publicação simultânea em outro periódico.

2.1.3 – Os conceitos emitidos são de inteira responsabilidade dos autores.

2.1.4 – Os trabalhos recebidos são submetidos à apreciação de, pelo menos, dois Relatores do Conselho Editorial, dentro da especialidade destes. Caberá ao Conselho decidir sobre sua publicação.

2.1.5 – Os trabalhos não aceitos ficarão à disposição dos autores, pelo prazo de um ano.

2.1.6 – Os trabalhos aceitos e publicados tornam-se propriedade da RBBD, vedada tanto a reprodução, mesmo que parcial, como a tradução para outro, idioma, sem a devida autorização do Editor ouvido antes o Conselho Editorial.

2.1.7 – O parecer do Conselho Editorial, sob anonimato, será comunicado aos autores. Ao Conselho é reservado o direito de devolver os originais quando se fizer necessária alguma correção ou modificações de ordem temática e/ou formal.

2.1.7.1 – A RBBD se reserva o direito de proceder a modificações de ordem puramente formal, ortográfica e gramatical realizada por Revisores especializados, no texto dos artigos que porventura exigirem tais correções, antes de serem encaminhados à publicação. De tais modificações ("copidescagem") será dada ciência ao autor.

2.1.8 – Os autores recebem somente a primeira prova para correção.

2.1.9 – As colaborações a cada fascículo obedecerão: 1) à programação encomendada pelo Editor-Responsável; 2) à data de entrega da matéria adicional.

2.1.10 – A cada trabalho serão reservadas 30 separatas, entregues ao autor ou primeiro autor.

Digitalizado gentilmente por:

2.2 – *Traduções*

Devem ser submetidas à apreciação do responsável pelas Traduções, ouvido, se for o caso, o Conselho Editorial. Cópia de autorização do autor original deve ser encaminhado ao Editor, junto com a tradução.

2.3 – *Reportagens, noticiário, resenhas e levantamentos bibliográficos:*

O planejamento editorial destas Seções, para cada fascículo, é feito em conjunto com o Editor, mas a coleta e organização da matéria é de responsabilidade do respectivo encarregado de cada Secção.

3 – NORMAS DE APRESENTAÇÃO DOS ARTIGOS

Os artigos devem:

3.1 – limitar-se a 20 páginas datilografadas para os artigos originais; 5 páginas para comunicações técnicas e 60 para ensaios e/ou revisões e traduções;

3.2 – ser datilografados, em espaço duplo, numa só face de folhas tamanho ofício, mantendo margens laterais de aproximadamente 3 cm. Todas as páginas devem ser numeradas consecutivamente em algarismos arábicos, no canto superior direito;

3.3 – ser escritos língua portuguesa;

3.4 – conter somente nomenclaturas, abreviaturas e siglas oficiais ou consagradas pelo uso. Inovações poderão ser empregadas, desde que devidamente explicitadas;

3.5 – conter dois resumos, datilografados em folhas separadas, um em português e outro em inglês. No máximo constituído de 300 palavras, devem expressar os pontos relevantes ao artigo, e serem acompanhados de Descritores que traduzam as facetas temáticas do conteúdo. Obedecer, as recomendações da NB-88/ABNT. À Comissão de Redação, sempre que for necessário, é reservado o direito de fazer modificações para fins de indexação.

3.6 – apresentar à parte uma página de rosto, na qual contenha:

a) símbolo de classificação bibliográfica (CDU);
b) título do artigo (e subtítulo, se necessário) seguido de um asterisco;
c) autor ou autores, seguidos de dois asteriscos;
d) data, de apresentação do artigo à Redação.

No rodapé da página devem ser apresentadas informações sobre o trabalho e credenciais do autor (es).

Exemplo:

ANTES QUE AS MÁQUINAS CHEGUEM*

D.J. Simpson**

* Do artigo "Before the machines come", publicado em Aslib Proceedings 20 (1): 21-33, 1968. Traduzido pelo Prof. Eduardo José Wense Dias, da Escola de Biblioteconomia da UFMG;

** Bibliotecário e Diretor do Media Resources of The Open University Library, Inglaterra.

3.7 – apresentar as tabelas, quando for o caso, seguindo as "Normas de Apresentação Tabular" estabelecidas pelo Conselho Nacional de Estatística *V. Revista Brasileira de Estatística*, 24:42-60, jan-/jun. 1963). Devem ser numeradas consecutivamente, em algarismos arábicos, e encabeçadas por um título;

3.8 – apresentar as ilustrações numeradas consecutivamente, em algarismos arábicos, e suficientemente claras para permitir sua eventual redução.

Os desenhos devem ser feitos a tinta nanquim preta e as letras traçadas com normógrafo ou letras decalcáveis (tipo *letraset*);

3.9 – devem ser feitas as citações de texto, por uma chamada numérica, que corresponderá às respectivas referências bibliográficas. Estas devem ser apresentadas no fim do texto, em ordem alfabético-numérica. As chamadas no texto, são numeradas em função desta numeração prévia, não seguindo, portanto, ordem consecutiva. Comunicações pessoais, entrevistas, trabalhos inéditos ou em andamento, poderão ser citados quando necessário, mas apenas serão citados no texto ou em nota de rodapé. Se um manuscrito estiver em via de publicação, poderá ser incluído na lista de referências-bibliográficas, com indicação do título do periódico, ano e outros dados disponíveis;

3.10 – as legendas das ilustrações e tabelas devem vir todas datilografadas em folha à parte, com indicações entre parênteses que permitam relacioná-las às tabelas ou ilustrações (fotos ou desenhos) respectivos;

3.11 – seguir as normas de referenciação bibliográfica, pela ABNT:P-NB-66/1970. Os títulos dos periódicos devem ser apresentados por completo e seguidos do local de publicação. À Comissão de Redação é reservado o direito de uniformizar o aparato bibliográfico dos artigos, quando se fizer necessário.

Exemplos:

Digitalizado gentilmente por:

1 – *Livros:*

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna.* 2.ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1969. 502p. (Biblioteca de Administração Pública, 14).

2 – *Traduções:*

FOSKETT, Douglas John. *Serviço de informação em bibliotecas.* Information services in libraries. Trad. Antonio Agenor Briquet de Lemos. São Paulo, Polígono, 1969. 160p.

3 – *Parte de obra:*

AZEVEDO, Fernando de. A escola e a literatura. In: COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil.* Rio de Janeiro, Ed. Sul Americana, 1955. v.1, t.1, p.129-53.

4 – *Artigos de periódico:*

CAMARGO, Nelly de. Comunicação: uma nova perspectiva no campo das ciências do comportamento. *Revista da Escola de Comunicações Culturais USP.* São Paulo, 1(1): 152-8, 1968.

3.12 – seguir, sempre que for possível, as normas da ABNT: PNB-69, para a numeração progressiva do artigo;

3.13 – usar notas de rodapé, através de asteriscos, somente quando indispensáveis;

3.14 – apresentar os agradecimentos a pessoas ou instituições, quando necessário, no fim o artigo, logo após o resumo em inglês.

Digitalizado gentilmente por:

Pede-se acusar o recebimento a fim de não ser interrompida a remessa

Please acknowledge the receipt, so that the remittance may not be interrupted

Recebemos a R.bras. Bibliotecon. e Doc. V. 14, nº 3/4, jul./dez. 1981.

Nome/*Name:*

Endereço/*Address:*

Data/*Date:*

(a)

Digitalizado gentilmente por:

Digitalizado gentilmente por:

Artes, composição, revisão e fotolitos

Transtipo S/C Ltda.
Rua Caiubi, 576 - Fones 262-8022 e 62-4046
Perdizes - São Paulo - SP

Impressão e Acabamento
Rumo Gráfica Editora Ltda
Rua Dr. Horácio da Costa, 1-A
Jardim Vila Formosa
São Paulo – SP.

Digitalizado gentilmente por:

Digitalizado gentilmente por:

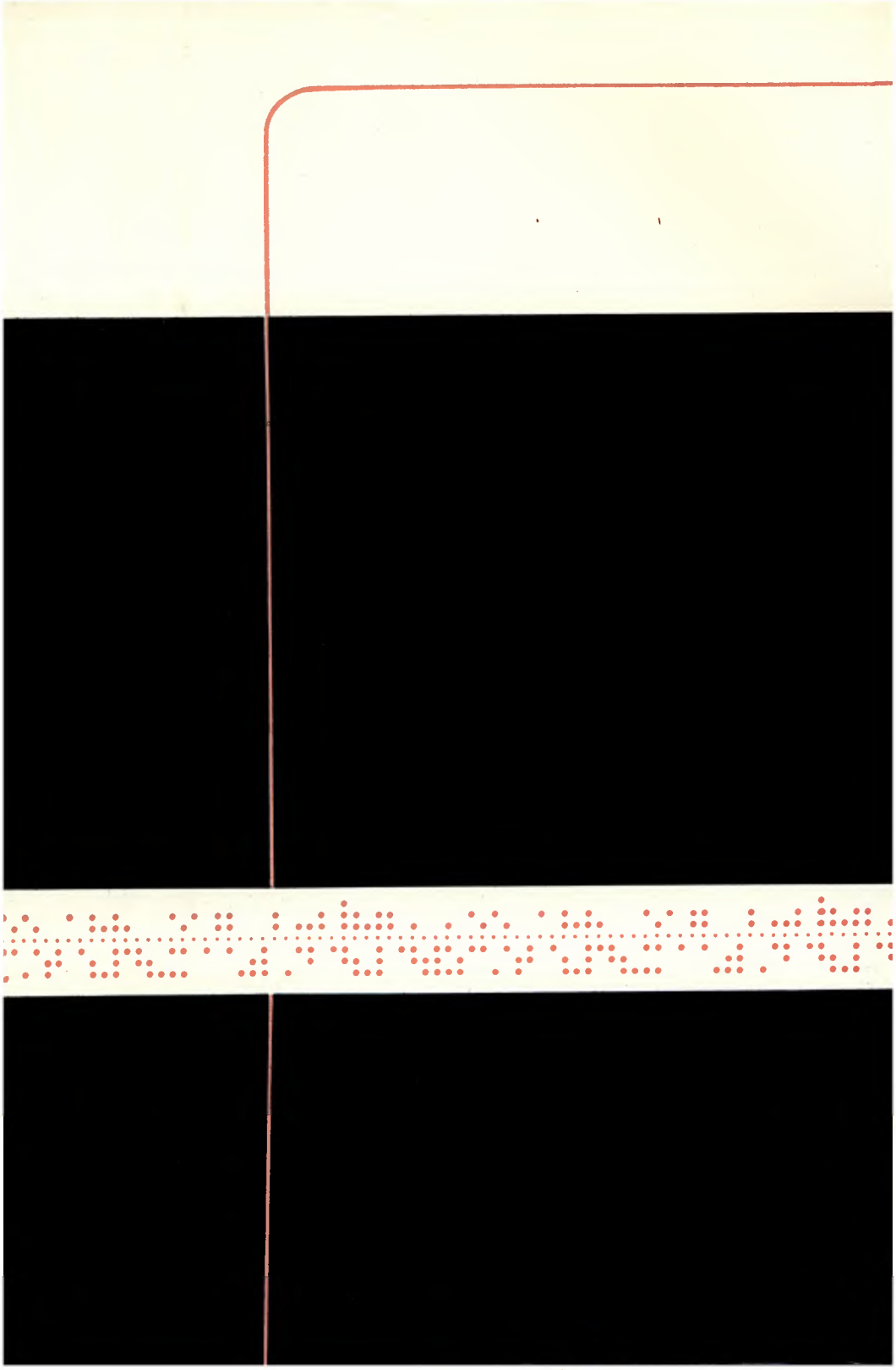
A Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação é indexada por: Information Science Abstracts (ISA), Library and Information Science Abstracts (LISA) e Library Literature (LL).

REVISTA BRASILEIRA DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO
(Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários)
São Paulo, 1, 1973 — **10**, 1977; N. Ser. **11**, 1978 —
Cont./ de BOLETIM da FEDERAÇÃO BRASILEIRA de ASSOCIAÇÕES de BIBLIOTECÁRIOS, **1**, 1960/**26** (5/6), 1972.

1973/77, **1—10**
1978, **11** (1/4)
1979, **12** (1/4)
1980, **13** (1/4)
1981, **14** (1/4)

CDU: 02:061.25(81) (05)

Digitalizado gentilmente por:



Digitalizado gentilmente por: